

Humberto de Campos
(Da Academia Brasileira de Letras)

FRAGMENTOS
DE
UM DIÁRIO
Obra póstuma

Editora Mérito S. A.

Em princípios de julho, o Ceará entra no período da estiagem. De janeiro a junho, com as chuvas da estação, a terra toda se cobre de folhas. Sem deixar um rasgão por onde se veja o seu corpo. E, aqui e ali, nesse vestido verde, prega, ora uma flor isolada, ora um ramalhete inteiro, ora, ainda, uma grinalda de corolas, que se desprende do alto de um galho ou se estende pelo chão relvado, como um colar de turmalinas em colo de mulher moça. Esse colar, quem lhe dá é o noivo, que é o Inverno. A noiva é a Terra, mãe fecunda, e sempre virgem pele milagre pagão do sofrimento.

Nesse ano de 1906, o inverno não fora mau, mas, em junho, já se havia despedido. Partindo de Camocim às cinco horas da manhã, ainda com os últimos cobertores da Noite velando a face do mar, que rolava lá fora, o trem penetrava, instantes depois, a legítima região sertaneja. Dos dois lados da estrada, o marmeleiro do nordeste, arbusto pequeno e frágil, de folhas grandes e ovais, derreava-se sobre si mesmo, em síncope sem remédio. E desfalecendo, cada arbusto, cada galho, cada folha desprendia o seu perfume suave, que embalsamava a manhã e suavizava, ainda mais, a temperatura cariciosa.

Sobral — Logo à chegada, no bonde que conduzia os passageiros do trem, da cidade para a estação e da estação para a cidade, eu vi que me não tinham enganado quando me disseram, no Pará e em Camocim, que Sobral, capital sertaneja do Ceará, era a terra das mulheres bonitas. O carro, pequeno, mas limpo, enchera-se de moças e rapazes, todos vestos com a distinção e o gosto que caracterizam as terras arejadas pela civilização. A indumentária da mulher, mais do que os monumentos, dá, em verdade, a medida da cultura dos povos.

À semelhança do navegante que desembarca com fome numa ilha deserta, e que se atira ao primeiro fruto, verde ou maduro, venenoso ou não, que lhe aparece na terra desconhecida, eu me senti comovido ante a primeira moça que vi em Sobral. Três, ou quatro, irmãs ou amigas, haviam tomado o bonde, sentando-se no banco adiante do meu. Deviam ter dezessete ou dezoito anos. Eu ia completar vinte... Tomei para alvo do meu sonho matrimonial a que se achava no centro. Era linda e morena, de um morenomate, cabelos castanhos, boca miúda e vermelha, e dentes tão bonitos quanto a boca. Podia vê-la e analisá-la, de perfil. E foi essa posição que me

permitiu ver, sob o mento gracioso, iluminando a pele finíssi-ma, rosada e transparente, uma veiazinha azul, que, mostrando a delicadeza da epiderme, lhe dava uma graça particular.

Saltou adiante, jovial como um pássaro na primeira madrugada de inverno. Vestia blusa de rendas. Não a vi mais, nem lhe soube o nome, nem ela o meu. Vinte e seis anos são decorridos. Grandes acontecimentos da minha vida estão olvidados. Mas aquela veiazinha azul continua indelével, a aparecer na minha memória, sob aquela pele mate, pedindo-me, como naquele primeiro dia, um verso... um beijo...

O *rio Acaraú* — A minha demora em Sobral foi, se hem me lembro, de quatro dias. Hospedei-me na Pensão da Marta, mulata gorda e malcriada, tipo clássico da sua subraça, dessas que servem o hóspede menos por espírito de lucro do que por vocação para a cozinha. Era eu, parece, na ocasião, o único pensionista. E assim mesmo não lhe podia experimentar as habilidades culinárias, pois que, nesse tempo, o meu regime alimentar consistia em leite e pão-de-ló. Para além desse traçado branco e amarelo, eu tinha ideia de que me surgiria, se o transpusesse, a caveira da Morte.

Eu não fora ali, aliás, para ficar, mas em trânsito para a Serra Grande. Travei, contudo, relações com alguns moradores da cidade, e com cinco ou seis viajantes como eu, que buscavam a saúde no clima cearense: e foi em companhia destes que parti para Massapé, vinte e dois quilômetros aquém de Sobral, e cento e seis acima de Camocim, afim de visitar a cidade do Acaraú-Mirim. Chegados a Massapé, às dez horas, aí almoçámos, montando, ao tombar do sol, a cavalo, para chegar a Santa Ana quando as estréias já se multiplicavam no céu.

Falar dessas pequenas viagens no sertão é, como diria um sertanejo, cortar o capim da saudade para dá-lo a comer à tristeza. Porque, em verdade, eu não conheço nada mais delicioso e, também, mais melancólico, do que o contato com essas cidades mortas, sepultadas em silêncio.

O caminho de Massapé a Santa Ana é apenas de dez quilômetros. A princípio a estrada pareceu favorável à marcha dos cavalos, por achar-se limpa, sem buracos, sem mato e sem pedras. De repente, porém, o caminho visível termina. Diante de nós o que há é o sertão bruto, sem sinal de roteiro.

— Por onde se vai? — pergunto ao guia.

— Por aí mesmo. O rumo é esse.

— O que nós já percorremos era, porém, melhor.

— Era, sim, senhor, mas o caso é sabido. Informado de que o presidente Afonso Pena vinha visitar o açude do Acarai, o governo do Estado mandou preparar o caminho, tirando as pedras do meio da estrada e tapando os buracos. O serviço já estava por aqui quando se soube que o homem não vinha mais. E logo tudo parou, não se tirando mais nem uma pedra, nem mesmo aquelas que os trabalhadores tinham amontoado no caminho para serem removidas depois.

Efetivamente, o leito da estrada se achava, dali em diante, quase obstruído por grandes pedras amontoadas, ou soltas, que dificultavam a marcha aos cavalos. Até que, em uma das voltas da vereda pedregosa, desembocamos em um areal que teria, aí, uns cem metros de largura.

— Que areal é este no meio do sertão? — indago.

E o guia, com orgulho mal disfarçado:

— Isto aqui é o rio Acaraú...

Santa Ana — Chegamos a Santa Ana ao anoitecer. Estendida em uma várzea, com o seu casario baixo, o seu mercado deserto, a sua Casa de Caridade, com quinze portas de frente, fundada ainda pelo padre Ibiapina, a sua igreja eternamente por acabar — a impressão que esta cidade cearense deixava aos seus raros visitantes era de abandono, de renúncia, de conformação com o seu destino obscuro; em suma, a de uma população que se põe, inteira, à margem da vida e do mundo. As mulheres, quase todas, em virtude de uma promessa secular, traziam o nome de Maria; os homens, na sua maioria, o de José. As mulheres, como meio de vida, faziam renda; os homens, como indústria, não faziam nada.

Hospedou-nos, como principal figura da terra, o vigário, um honrado velho de fisionomia simpática, sorriso apostólico e bondade carinhosa, resumo católico do espírito da cidade. Ao nos verem apear em frente ao casarão do sacerdote, sólido edifício de sobrado, antigo como a localidade e sólido como a religião, logo afluíram para ali as principais senhoras do lugar, que nos prepararam o chocolate mais saboroso que tenho bebido na minha vida, servido sobre a toalha mais alva que se tem posto em mesa de pobre. A

modéstia e a boa-vontade com que nos foi oferecida aquela ceia deve ter aberto um sorriso de contentamento no rosto largo e luminoso de Deus — se é que se sabe, no céu, que existe a cidade de Santa Ana.

Antes de recolher-me à rede macia e vasta que me fora designada em uma casa do largo da matriz, fui, àquela hora mesmo, percorrer a cidade. Não havia luz, nem iluminação. As estrelas eram, porém, tantas, nas alturas, e o céu tão limpo de nuvens, que se tinha a impressão de que o casario se achava iluminado, lá do alto, por uma lâmpada discreta e escondida. A quietação, às nove horas, era absoluta. Nem uma casa aberta. Nem uma pessoa nas ruas. Nem um cão, sequer, alarmando a noite. Apenas, quebrando o silêncio doce, a concentração religiosa de dois ou três milhares de vidas, o farfalhar queixoso e lírico de uma ou outra carnaubeira — sentinela da várzea antiga postada, aqui e ali, no coração da velha cidade.

Vinte e seis anos passaram, já, como vinte e seis cavalos em disparada, sacudindo a poeira da terra, com as suas patas destruidoras, sobre a humilde flor desta lembrança. Quantas vezes, porém, ainda hoje, nas minhas horas de meditação, não me surpreendo com um borborinho longínquo e meigo, espécie de segrêdo de amor dolorido narrado, entre o silêncio das coisas, ao ouvido de quem ama! Desperto, e reconheço. É o farfalhar ingênuo e triste daquela carnaubeira solitária da praça da Matriz de Santa Ana.

Caminho da Serra — No dia seguinte, às dez horas, estávamos, de novo, em Massapé. Ao meio-dia o trem parara em Sobral, onde os meus companheiros saltaram e a minha bagagem embarcou. E às três horas, mais ou menos, descia eu na estação de Santa Cruz, onde, que me lembre, só existia a velha casa do agente, e essa mesmo afogada no mato como um ninho de pássaro desconfiado.

Esperava-me aí a condução para a serra. Trouxe-a, da longínqua Ibiapaba, o ir mais novo do meu amigo Álvaro Adolfo (hoje senador estadual no Pará), e compunha-se de um cavalo de sela, para minha montaria, um para a carga, outro para o rapaz que me vinha receber e outro, ainda, para o condutor da bagagem. E às quatro e meia, quando a sombra da serra imensa já se projetava pelo sertão, partimos.

Essa viagem, feita há um quarto de século, aparece-me, quando a evoco, entre as brumas de um sonho. Não havia luar e nós marchávamos pela planície queimada no meio de uma claridade misteriosa, que vinha das estrelas e que parecia uma névoa timidamente iluminada. De um lado e outro, nos arbustos secos, milhares de insetos zuniam seguidamente, dando a impressão de que era a própria noite que zunia, friccionando uns contra os outros os fios invisíveis do seu vestido metálico. Esses rumores do Deserto são, porém, daqueles que tornam o silêncio mais profundo ainda. São o chiar da espuma negra do oceano da Treva, no qual a sonda de um grito pode mergulhar sem que consiga, jamais, lhe medir a profundidade... Quebrando a majestade da hora e do lugar, ouvia-se o som da pata dos animais no solo pedregoso ou endurecido, ou o seu resfolegar satisfeito, na marcha sacudida e cadenciada. De vez em quando, para encurtar o caminho, punhamos os cavalos a galope, deixando-os dirigir-se mais pelo instinto do que, propriamente, pela rédea. Até que, por volta das dez ou onze horas, começamos a subir a ladeira, que era a mais íngreme, a mais escarpada, mas também a mais curta naquela parte da Serra.

II

Segunda-feira, 23 de janeiro de 1928 — A natureza ofereceu-me, hoje, um dos seus mais soberbos espetáculos. De viagem para o Rio, saí de Correias, de “ônibus”, afim de tomar o trem em Petrópolis, às seis horas.

Amanhecia. Correndo em torno dos vales, cintando-os, a estrada de rodagem era uma arquibancada enorme, sobre a qual a minha cadeira, o “ônibus”, se movia rápida procurando, doida, as mais belas paisagens. E estas eram maravilhosas.

O sol, que não mostrara ainda o seu disco, era apenas adivinhado pela claridade doce que punha no cabeço dos montes mais altos, fazendo ressaltar, nos penedos inteiriços e nus, como chapas de prata fosca neles engastadas, os finos lençóis d’água. No vale, em baixo, a brisa cariciosa suspendia as leves colchas de bruma em que a terra havia adormecido, atirando-as para o alto numa fantástica dança de véus. Nos recôncavos da serra sentia-se que era noite ainda e que a selva dormia, escutando os insetos. Um perfume de boca de mulher sadia e nova, subia, casto e voluptuoso, de todas as coisas.

De repente, um cabeço de monte se acende, como um farol. E outro, e outro, e mais outro. E a serra toda se acende, se ilumina, faísca, fulgura, na glória resplendente do dia.

Era o sol.

Sábado, 21 de abril de 1928 — Se eu tivesse que escolher em toda natureza uma divindade para cultuar, escolheria a Água. Tenho por este elemento natural a mais comovida adoração. Nada existe na terra de mais generoso, e humilde. Ao encontrá-la nos caminhos, o viajor fatigado sorri agradecido. Ela lhe humedece a garganta ressequida, lhe restaura as forças, lhe banha o rosto e, se é um riacho, até lhe lava os pés, cantando sempre. Toldam-na os que a utilizam, e ela de novo se purifica. Ela revigora, em suma, o homem jrnra o trabalho, rega as árvores que lhe dão o fruto, e lava, na sua caridade, as feridas mais repugnantes. Vai fazendo o bem, e vai cantando.

Por tudo isso, bendita sejas, irmã Água!

Domingo, 24 de junho de 1928 — Estas noites de inverno em Icaraí começam a encher-me de pavor, povoando-me o cérebro de pensamentos lúgubres. Antigamente, deitando-me às duas horas da manhã, só despertava às seis ou às sete, desfrutando as vantagens de um sono tranquilo e seguido. Agora, adormecendo às onze horas, ou à meia noite, passei a acordar às três horas, para uma vigília de algumas dezenas de minutos. Mas, nesses minutos, que eternidade de ideias tristes!

É essa a hora mais quieta da noite. Aproveitando o sono dos homens, a própria natureza adormece. Não se ouve o barulho de um bonde, o passo de um transeúnte, o farfalho de uma folha ou, sequer, o chiar de um inseto. O mar, o próprio mar, cujas ondas são escutadas da minha casa, parece que a essa hora, se retira da enseada, e recolhe-se ao seu leito largo, fora da barra, para além do contraforte das montanhas. No escuro do aposento e da minha cama, tenho a impressão de estar sepultado vivo, separado do mundo por uma tábua de caixão e dois metros de terra. Levanto a mão, procurando a tábua. Respiro. Estou vivo e, ainda, à superfície!

E começo a pensar. Dentro de cinco, de dez, de vinte, de trinta anos, serei, no fundo de um túmulo, um feixe de ossos esquecidos. E estas horas de mistério continuarão a repetir-se à face da terra, a reproduzir-se no planeta, e, dessa vez, sem o meu ouvido atento, para escutar, anônimo, o seu silêncio. Durante anos, durante séculos, durante milênios, tudo isso se repetirá. Só eu não existirei mais...

Segunda-feira, 23 de julho de 1928 — Cada vez me convenço mais que a forma das cousas é dada, não pela natureza, mas pelos nossos olhos. Eles é que as embelezam ou deformam, tornando-as fontes de tristeza ou de alegria. A matéria aí está, em pedras e vegetais; a cor e a forma, porém, essas, estão dentro de nós, nas mãos que as tocam ou nas pupilas que as veem.

Isso é que me explica o modo por que eu via há quinze anos e vejo hoje, a massa de montanhas do Rio de Janeiro. Quando cheguei ao Ceará em 1906, nada me comovia tanto, e me tocava tanto o coração, como o perfil das serras de Maranguape e de Baturité, vistas de Fortaleza. Olhando-as, na quietude da tarde, dos arrabaldes da capital, de tal modo me falava à alma aquela muralha cinzenta recortada no céu distante, que, aos poucos, se me iam os olhos

enchendo de água, até que a vista se me turvava de todo. Eu sentia, então, em mim, uma doçura de saudade, uma tristeza suave, comovida, de amor perdido em hora de felicidade... Ao aportar ao Rio em 1912, eu ainda sentia essa mesma emoção ao fitar, do ponto em que elas são mais visíveis, as montanhas de Teresópolis, e, nos dias tênueamente nublados, a paisagem de sonho formada pelas serras da Tijuca e do Corcovado. Hoje, nada disso me comove mais. A cor cinzenta das montanhas vistas à distância não chega mais a empanar-me os olhos ou a deter-me, quieto, em oração interior. Desapareceu, para mim, a eloquência misteriosa da Natureza.

Quem me levou os olhos que eu tinha, e que tão generosamente me interpretavam o mundo?

Segunda-feira, 3 de setembro de 1928 — Os primeiros tempos da minha mocidade, dos quinze aos vinte e dois anos, foram perturbados pelas mais aflitivas preocupações religiosas. Eu não podia crer, e não podia admitir as superstições tradicionais, as fábulas ingênuas ouvidas dos lábios maternos, mas temia, enchia-me de pavor com a ideia do castigo. Essas cogitações envenenaram os dias que podiam ter sido, talvez, os mais felizes da minha vida. Pouco a pouco, porém, os cuidados materiais, as responsabilidades novas, foram afastando para um segundo plano os interesses da vida futura. As dificuldades destas eram bastantes para adiar os da outra.

Hoje, sou um homem que não aceita nenhuma religião já feita, mas, também, não as hostiliza. Se entro em um templo católico, prosterno-me respeitoso, às vezes comovido, dirigindo a Deus a minha jirece livre e silenciosa, onde quer que ele se encontre. Se passo por diante de uma igreja, tiro o meu chapéu como o mais sincero dos crentes. E para sossego do meu espírito, nunca mais tratei de por em confronto as afirmações da ciência e os mistérios da religião.

Com uma cousa, apenas, me preocupo, dando a isso um aspecto religioso: evitar que um ato meu faça sofrer o meu semelhante. Não sou generoso, mas tenho a impressão de que sou justo, sem rigor.

A honestidade dos atos é moeda univer-sal. Deus, onde quer que ele viva e reine, e qualquer que seja o seu nome, há de receber o que eu possuo

dando-me um bom lugar no outro mundo — se é que nem tudo, na terra, se resolve em um miserável punhado de poeira...

III

Quinta-feira, 26 de abril de 1928 — rativa do centenário do nascimento de Ibsen. Quatro oradores: Roquete-Pinto, Anstregésilo, Afonso Celso e por último, Coelho Neto, que arrebatava o auditório, e é interrompido por este, mais de uma vez, com palmas de entusiasmo.

Coelho Neto é, em verdade, um grande orador, dentro ou fora da Academia. Imaginoso, com um vocabulário opulento, a palavra acode-lhe fácil, formando a frase cintilante e, com esta, o período harmonioso, magnífico, lapidar. As comparações, as hipérboles, as metáforas, tudo isso se multiplica, enriquecendo o discurso, sem prejuízo da clareza e da elegância. A voz cheia e forte, ora se ergue num grito, ora desce, acompanhando a ondulação da frase, fazendo vibrar ou sorrir a platéia. E tudo isso com a gesticulação característica dos nervosos, o dedo estendido para as filas de cadeiras, o corpo afastado da tribuna, um ombro mais baixo do que o outro, ou agachado como o felino que vai saltar sobre a presa. Por trás do “pince-nez” forte e sem aros, os olhos redondos, fixos, esbugalhados, amarelos, faiscam como os de um gato selvagem que se sentisse acuado. Nas invectivas, o lábio inferior pende-lhe, trêmulo, fazendo cair, lentas, palavras de desdém ou de desafio.

E possui, ainda, a eloquência incomparável das mãos. Quem o ouvir na Academia ou nas salas de conferências, não deve perder os movimentos dos seus dedos. Magras, finas, longas, as mãos de Coelho Neto multiplicam-se no ar e com uma harmonia, um ritmo, uma agilidade, que fariam inveja a uma bailarina. As suas mãos, no ar, desenham marchas de cisnes, ondulações de serpentes, golpes de espada, como se ele fosse, num mesmo passo, sacerdote e espadachim.

Cobertos apenas pela pele, ossos, tendões, nervuras, tudo aquilo se move e desloca, traçando frases de silêncio que só o espírito compreende. Hoje, elas voaram como andorinhas ou ondularam no ar como as serpes voadoras. E eu, vendo-as, lembrei-me da profunda emoção que me causaram naquela tarde de 1915 em que foi assassinado Anibal Teófilo, e em que ele havia recitado o seu conto “A formiga e a cigarra”. Dito de memória, quase improvisado, Neto procurou, depois, reconstituí-lo escrevendo. Mas o conto não saiu mais o mesmo. E que impressão davam as suas mãos quando,

voltando os dedos para baixo, procuravam oferecer a imagem das raízes famintas, buscando sofregas, sob as camadas de gelo do maior inverno do mundo, um punhado de terra viva em que se afundassem!

A obra de Coelho Neto ficará, imperecível, na admiração dos contemporâneos e dos que vierem depois. O escritor é grande e maravilhoso. Só poderá, porém, medir-lhe a estatura quem tiver conhecido o orador.

Terça-feira, 5 de junho de 1928 — Discurso de Assis Brasil, na Câmara. Assis Brasil, que deixou um nome nas letras nacionais, é, talvez, no triunvirato da eloquência oposicionista, formado por ele, Plínio Casado e Francisco Morato, o orador de espírito menos literário. A impressão que nos deixa, ao escutá-lo, é a de um homem que estudou profundamente as questões sociais em evidência nas vésperas da República, impregnou-se das ideias contemporâneas, mas não acompanhou a evolução desses mesmos problemas, senão superficialmente, ou com hiatos, nestes últimos quarenta anos. É, por isso, um tribuno que, arrebatando embora aqui e ali as galerias com algumas frases batizadas com sangue por Danton e Robespierre, não convence com facilidade nem satisfaz integralmente o espírito do nosso tempo. Observa-se, mesmo, que, para fugir a afirmações categóricas, ladeia os assuntos, evitando entrar em floresta de que não conhece os novos caminhos. Se, porém, for apanhado em falso, fugirá ao debate com um rugido leonino de orgulho, fazendo prevalecer contra a verdade porventura enunciada o seu meio século de paixão pela República e a sua condição de glorioso *Chantecler* do regime. A seu favor tem ele, ainda, a sua figura respeitável, a sua cabeleira toda de prata fosca, lisa e basta, lançada para trás na cabeça forte, completando uma fisionomia em que se destaca o bigode branco, de guias aparadas, e que se torna mais alvo sobre a pele morena, quase cabocla, em que o tempo não cavou rugas. Rijo e sólido, entroncado e de pescoço taurino, a sua voz é a do homem acostumado a gritar nos espaços livres e, por isso, ainda lioje, uma das mais poderosas da Câmara. Vezes há, mesmo, em que essa voz estala, seca e metálica, semelhante à dos trovões que rebentam nas regiões pedregosas, no momento em que o raio fere, com a sua espada de fogo, o cabeço dos penedos nus.

Sexta-feira, 15 de junho de 1928 — Francisco Morato, um dos melhores oradores da Câmara, tem falado nestes últimos dias. Professor de direito em São Paulo. Eleito pelo Partido Democrático. Honraria, com a elegância da sua palavra, e o cunho literário que lhe empresta, a tribuna parlamentar de qualquer país culto.

Figura bizarra, exquisita, original. Alto, magro, cadavérico. Posto comprido, e acentuadamente moreno, olhos fundos, brilhando na cavidade das órbitas, a pele se lhe estica sobre os ossos, deixando saliente cada uma das particularidades da caveira. Escanhado rigorosamente, parece ter sido sempre imberbe, ou que lhe cobriram a arquitetura óssea com couro curtido. Trajando ordinariamente de preto, a indumentária completa uma impressão fúnebre. Dentro da roupa, calculadamente larga, o corpo se agita, solto, como se tivessem vestido o defunto com um terno cortado no tempo em que ele era gordo. Braços longos, mãos compridas e esqueléticas, é nestes, e nestas, que repousa uma parte da sua eloquência.

Na tribuna Francisco Morato é, na verdade, o grande artista do gesto. Ereto, firme, começa a discorrer em voz sempre à mesma altura, embora de variada modulação, alongando uma sílaba de cada palavra, não como os oradores de praça pública, arrebatadores da multidão, mas como um técnico da oratória, que tem um modelo seu. A sua oração, nesse tom, é mais uma palestra pretensiosa, travada em voz alta, ou mais propriamente, um conselho blandicioso, do que um discurso. É o homem que procura convencer sem atemorizar, e que, para isso, busca acentuar cada frase e demorar-se em cada vocábulo.

Essa eloquência estudada, essa ciência de demonstrar que ele transforma em uma arte, é completada pela gesticulação. Braços compridos e magros saindo das mangas largas e negras, o dedo indicador saindo, fino e longo, de cada uma das mãos fechadas, é com eles que Francisco Morato faz todo o jogo cênico da sua oratória. Estendendo-os para o auditório ou contra si mesmo, esses dedos, ora um, ora outro, descrevem para isso verdadeiras parábolas geométricas na ponta dos braços sem carne. Acompanhando a palavra, eles passam da direita para a esquerda, e da esquerda para a direita, reunindo-se às vezes no caminho para se transformarem de repente em dez dedos abertos sobre o peito do orador. Quem o visse sem o escutar, idearia um

sacerdote japonês vestido à maneira do ocidente, que se comprazesse em jogos malabares e cujos movimentos fossem apanhados *au ralenti*...

Quarta-feira, 20 de junho de 1928 — *Leader* da maioria da Câmara, Manuel Vilaboim é, hoje, pela autoridade e pela habilidade elegante com que a utiliza, a figura primacial dessa casa de Congresso. De altura média, mais grosso do que magro, é acentuadamente moreno, e pálido, dessa palidez cor de terra que caracteriza as raças asiáticas. Rosto grande e comprido, lábios finos, tem, entre o lábio superior e o nariz, um bigodinho à Charlot, da extensão de uma escova de dentes e quase tão estreita como uma sobrancelha. Essa escova é grisalha, cortada rente. Singularizam-lhe a fisionomia um par de costeletas à maneira dos estadistas do império e que lhe dão uma distinção e, ao mesmo tempo, uma respeitabilidade especiais. Veste com apuro, com uma correção fidalga, à antiga, jaquetão ou paletó sempre abotoado, colarinho duro, gravata escura, camisa de peitilho espelhante, — elegância incomum nestes tempos de colarinho mole e paletó desabotoado, à americana.

Polido, amável com toda a gente, tem para cada um, correligionário ou adversário, uma palavra de lisonja cativante. Uma vez na tribuna, perfila-se nela, encostado ao rebordo, e daí não se afasta, qualquer que seja a veemência do debate. A sua gesticulação toda é feita com as mãos, e isso mesmo sobriamente. Ao começar, segura-se com ambas, uma ao lado da outra, aos rebordos da tribuna, como uma ave que se empoleira; e, quando uma das mãos sai daí, é, ou para se afundar na algibeira do paletó, ou para se espalmar, demoradamente, no peito do orador, como num ato de contrição.

Ligeiramente gago, sente-se bem, e é sempre feliz, num discurso sem interrupções. Aparteado no meio de uma frase, não a continua ou completa: volta ao princípio dela, retomando-a, repetindo um vocábulo duas e três vezes até cessar o aparte do adversário. E isso denuncia, não só o homem de sociedade, acostumado em círculos em que ninguém interrompe quem fala, como ainda o professor, habituado a expor seguidamente entre o respeito geral dos discípulos. Perguntado um dia por Ernest Legouvé que diferença havia entre a cátedra da Sorbona e a tribuna do Parlamento, respondeu-lhe Guizot, ministro e professor, que subia constrangidamente à última e se sentia à vontade na primeira: "C'est que le professeur parle de haut en bas, et que

l'orateur politique parle de niveau. Quand le professeur monte en chaire, il n'a en face de lui que des disciples; quand l'orateur monte à la tribune il n'a devant lui que des adversaires”.

Por isso mesmo o discurso de ontem, de Manuel Vilaboim, embora sem um cunho literário, que nunca lhe dá em política, foi um modelo de clareza e bom senso. A oposição escutava-o em silêncio, raramente quebrado. E esse silêncio deu ensejo ao aparecimento do professor e advogado, permitindo-lhe a continuidade do raciocínio, a segurança da exposição, e uma dose de bom humor e de malícia elegante que predisuseram para o aplauso sem constrangimento aqueles mesmos a quem respondia.

Sábado, 23 de junho de 1928 — Sessão solene da Academia. Posse do Barão de Ramiz Galvão, que entra com oitenta e dois anos feitos.

O novo acadêmico, raramente visto na rua, espantou a assistência, com a sua robustez, na idade em que se encontra. Alto, ereto, elegante no seu fardão bordado a ouro, ninguém lhe atribuiria mais de sessenta anos; sessenta e cinco, no máximo. Bela cabeça, de cabelo ondulado, que ainda não branqueou de todo; a calvície foi, nele, substituída pela vastidão da testa, — testa larga, lisa, inteligente, da extremidade da qual a cabeleira se lança para trás abundante e de ondas largas, compondo o que se poderia chamar, em linguagem de noticiário, “uma cabeça artística”. Moreno, a pele não se lhe enrugou ainda, conservando-se justa, esticada, como aos quarenta anos. O bigode, cor de palha velha, cai-lhe sobre a boca de lábios firmes; não como reposteiro roto, mas como cortina cuidada, que não cobre de todo a porta de que é velário. A orelha, grande, de lóbulos caídos, conserva-se-lhe vermelha e limpa, sem vegetações capilares, patenteando em tudo isso a saúde da circulação. Empertigado na tribuna, a barba escanhoada cuidadosamente, não tem um tremor nas mãos, nem na voz. Não usa óculos, nem “pince-nez” toldando os grandes olhos azues. Olha com segurança, e vê, de longe ou de perto. E discorre claro, pausado, uniforme, sem uma emoção, sobre o seu patrono e sobre o seu antecessor, durante quase uma hora, após a qual os seus oitenta e dois anos não demonstram o menor cansaço, a mais ligeira fadiga. Apenas, à maneira do seu tempo, humedece de vez em quando no

lábio inferior a ponta do dedo, para voltar a página do folheto que lê, e que é o seu discurso impresso.

— Este vai viver um século... — diz-me, à saída, Alberto de Oliveira.

E eu confirmo. O Barão Ramiz parece, na verdade, ter ficado até hoje adormecido no bosque, à espera da Academia...

Terça-feira, 26 de junho de 1928 — De pequena estatura, rosto comprido e escanhado, boca de lábios finos e que mostram dentes bons em sorriso de fina ironia; vestido de preto, em consequência de luto frequente na família; calvo até o meio da cabeça e, daí para diante, com o cabelo grisalho cortado rente, a impressão que Plínio Casado nos dá é a de um pastor protestante que se tivesse feito deputado. Concorre, ainda, para acentuar essa impressão, a sua voz: voz baixa, discreta, de quem dá conselhos ou faz confidências. Essa voz é mesmo uma espécie de “abat-jour” quando ele tenta, na tribuna, que raramente frequenta, e em que é um mestre, proferir um discurso mais veemente.

E é esse homem, com essa figura simpática e essa voz de mistério que me conta este pequeno episódio, o qual é uma pequena sátira, no momento em que comentávamos o discurso demagógico de um seu colega de oposição:

— Quando eu era estudante, havia em Porto Alegre uma meretriz, uma das mais devassas da cidade, que morava no beco do Fanha e tinha o apelido de “Opinião Pública”. Formei-me. Entrei para a política.

Chupa o seu cigarrinho de palha, e conclue, com um risinho surdo:

— E não sei por que, toda a vez que um orador apela para a “opinião pública”, me vem logo à lembrança a tal prostituta do beco do Fanha...

Quinta-feira, 28 de junho de 1928 — Sessão solene da Academia. Visita o poeta português Afonso Lopes Vieira, que lhe vai entregar, em nome do presidente de Portugal, um exemplar dos Lusíadas, da edição especial agora tirada pelo governo daquela República.

Pequeno, magro, espigadinho, o enviado do presidente Carmona dá a ideia de um desses bonecos de pano que ornamentam, hoje, as alcovas das mulheres de luxo. Calça de listas, escura, cuidadosamente vincada; jaquetão preto, abotoado justo; rosto comprido e miudo; bigodinho aparado, em que se

distinguem já alguns fios brancos, cabelo ralo, e ainda preto, trazido da direita para a esquerda, em pastinha, para disfarçar a calvície adiantada; e, no fundo das órbitas, em emboscada a um mesmo tempo orgulhosa e medrosa, os olhos azulados de celta, um dos quais se esconde todo o tempo sob o vidro redondo do monóculo. Pala baixo, pausadamente, emprestando gravidade a tudo, como se cada informação banal que nos dá constituísse um segredo de Estado.

Introduzido na sala das nossas sessões ordinárias, faz uma profunda reverência do alto do seu metro e trinta, dando-me a impressão de um embaixador de Lilliput que se imaginasse o maior homem da terra, e representante do maior povo do mundo. Senta-se durinho, tesinho, e é saudado pelo verbo, sempre feliz, de Coelho Neto. Em seguida, começa a tragédia. É Augusto de Lima, presidente, que, esquecendo o nome do visitante, inicia assim o seu discurso de boas vindas:

— A vossa presença nesta casa, sr. Afonso Lopes de Miranda...

Quinta-feira, 18 de julho de 1929 — Ricardo Jorge, escritor português, visita a Academia. Pelo nome, e pela obra que eu conhecia, imaginei um rapagão forte, vigoroso, de fartos bigodes portugueses, artérias estuantes do vermelho e alegre vinho de Trás-os-Montes e em quem se conjugassem a beleza do nome, a graça do espírito e a varonilidade da figura. É de calcular, pois, a surpresa que me assalta quando, começada a sessão, penetra na sala, entre Austregésilo e Coelho Neto, um tipo autêntico de usurário semita como se não encontraria melhor no Gheto ou entre as muralhas de Jerusalém.

Estatura mediana, curvado para a frente, ombros largos e magros como um cabide de madeira a sustentar um velho paletó preto, e ter-se-á uma ideia física do hóspede notável. Orçando por sessenta e poucos anos, usa a barbicha clássica do judeu ibérico, forquilhada na ponta, e quase inteiramente branca, ou, antes, com um ou outro fio preto. O nariz é o da raça, idêntico ao de Junqueiro: curvo no centro, como o de certas aves de rapina. Boca aparentemente pequena, pelo feitio estreito da arcada superior, que sustenta uma dentadura postiça, de dentes amarelos como os do gigante Adamastor. Prognatismo evidente, pronunciadíssimo; queixo largo, e fino, de rosto de chinela, avançando, como se o lábio inferior fosse deter a queda do superior. Cabelo com uma reduzida porcentagem de fios de prata, despenteados,

gordurosos, resistentes à calvície. Terno preto, usadíssimo, gravata desmazelada, em colarinho de cor, mal gomado; o conjunto, em suma, de um homem que vive mais para o estudo, para as altas cogitações da inteligência, do que para as preocupações materiais da elegância. O judeu denuncia-se, todavia, eu uma particularidade: em três anelões de ouro português, pesados e vistosos, os quais revelam o espírito avaro da raça, isto é, o amor ao ouro não para convertê-lo em conforto, mas puramente para guarda-lo em metal.

Saudado por Austregésilo, responde. Responde com elegância, com arte, como um senhor absoluto do vocabulário e da emoção, deixando ver, na frase, no tom da voz e na gesticulação discreta, o homem que sabe domesticar, dominar e governar a palavra. À entrada do visitante, eu tive a impressão de que aquele judeu vinha fazer agiotagem conosco. E o que ele fez foi derramar prodigamente, entre nós, o ouro fluido da sua imaginação, — ouro que foi, talvez, o mais puro, o mais limpo, o mais faiscante que, nos últimos anos, nos tem vindo de Portugal.

Segunda-feira, 5 de agosto de 1929 — Ra Câmara, com as galerias repletas, José Bonifácio assoma à tribuna que fica à esquerda do presidente, para proferir o seu anunciado discurso de rompimento com o governo, em nome das bancadas de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba.

É uma figura impressionante de orador antigo. De estatura comum, robusto, pálido, usando barba à nazarena, — barba negra, entremeada de branco, — tem a voz forte, segura, de tenor sem escola e um surto de frase que empresta importância às afirmações mais vulgares. Dição clara, adjetivação apropriada e imediata, é o orador por excelência para as platéias políticas ou populares. O cabelo para trás, deixando à mostra grande extensão da testa que o suor aljofra, os olhos negros e vivos, dão-lhe qualquer cousa de messiânico, de profético.

Lançando as primeiras frases pausada e sonoramente, como um desafio de guerra, não demonstra, na voz, o abalo nervoso, traído pelo gesto. Os dedos tremem-lhe, ou antes, trepidam-lhe de tal forma, que, às vezes, para levar à boca o copo d'água, tem de segurá-lo com ambas as mãos. As galerias, repletas de amigos e curiosos, rompem em aplausos, os apartes cruzam-se, como setas, entre os dois grupos de deputados que se aglomeram em torno à

tribuna. A tese sustentada pelo orador é ingrata e em conflito com a História: pretende ele demonstrar que os presidentes da República jamais indicaram os seus sucessores e que, quando o têm tentado, tiveram, sempre, a obstar-lhe a interferência, a política mineira. Ao encontrar, no emaranhado vivo dos fatos, um fio de Ariadne para sair do labirinto, José Bonifácio anima-se, levanta a voz, e a mão, trêmula, aberta, bate nervosamente, acompanhando a palavra, no rebordo da tribuna. Percebe-se por esse movimento, que o cérebro está trabalhando mais rapidamente do que a língua, e que ele precisa recorrer a um segundo meio de expansão mental e nervosa.

A certa altura, no auge do clamor geral dos dois grupos — um que lhe secunda os tropos, outro que lhe contradita as alegações desfraldadas no ar como bandeiras vermelhas, — sente-se que o recinto se acha transformado, inteiro, em campo de batalha, em que o exiúosivo é a palavra. As galerias e tribunas rompem em aplausos e aclamações. O presidente Rego Barros emergindo como um rei egípcio do sarcófago da cadeira, faz troar atordoadamente todas as campainhas, ameaçando suspender a sessão. Pálido, a barba eriçada, os olhos fulgurantes, nervos vibrando, o orador recua para o fundo da tribuna, esperando que passe a tempestade que rola pela casa. As suas mãos crispadas, seguram a gola do paletó, apertam-no violentamente contra o peito, como se se agredisse a si mesmo; e ao vê-lo naquela postura, vibrando surdo, a face transfigurada, a ideia que me vem é a de um caeteté acuado, que, olhos em brasa, chocalhando os dentes, se amparasse a um tronco de árvore enquanto os outros, em torno, travam luta com a matilha alarmada...

Segunda-feira, 12 de agosto de 1929 — Souza Filho, que hoje falou na Câmara, deve ter, atualmente, quarenta e seis ou quarenta e sete anos. Estatura abaixo da mediana, tronco forte, de lutador romano. Moreno, cabelos negros e gordurosos repuxados para trás, é um tipo legítimo de caboclo temperado com 30% de sangue europeu. Cara escanhoada, mento de sapato de bico largo, tem lábios finos, emoldurando a boca em linha reta, que cobre, ou descobre dentes miúdos e separados. O nariz, achatado na base e arrebitado na ponta, completa-lhe a figura, dando-lhe qualquer coisa de petulante. Boêmio por índole, chega ao edifício da Câmara, em geral, entre as

duas e meia e as três horas, com a fisionomia fresca e o aspecto jovial de quem, tendo se deitado tarde, acaba de barbear-se e de sair do banho frio.

E esse boêmio é, indubitavelmente, o mais brilhante orador da Legislatura. O seu discurso de boje, pelo menos, deu-lhe as honras desse posto. Voz sem grande variedade de tons, começa a falar, pausado e mole. A falta de reação por parte daqueles a quem ataca esmorece-lhe o ânimo. Basta, porém, que alguém lhe dê um aparte, e que sinta haver chegado o momento do perigo, para que o orador se transfigure. As palavras surgem, rápidas, precisas e felizes, em rosários, armando a frase perfeita. Não abre a boca para um vocábulo solto, mas para despejar o período inteiro. Não há aparte vigoroso que ele não responda com energia, às vezes com temeridade. Destemido, não receia os mais valentes nem deixa sem represália os mais atrevidos. Se o adversário se inflama, ele o acompanha no mesmo diapasão, tornando-se vermelho, quase roxo, os olhos faiscantes, ao mesmo tempo que as palavras lhe saem em turbilhão, como de um saco derramado. Vencido, assim, o contendor, passeia na tribuna calado, de um lado para o outro, como para normalizar a circulação e retomar, sereno, o fio do debate. É, então, o leão na jaula, ou o galo que cantou por último e que espera, ainda de esporas em riste, que o adversário se levante do solo para humilhá-lo de novo.

Souza Filho é, enfim, o “chantecler” do momento. E a Câmara é o seu terreiro.

VI

Sábado, 26 de maio de 1928 — Como não houvesse sessão na Câmara, sentámo-nos a um canto, Manuel Vilaboim, Afrânio Peixoto, Eloi de Souza, e eu, a conversar sobre os homens e os fatos da política nacional, principalmente sobre os que se encontravam ligados à sucessão de Rodrigues Alves em 1906, e às candidaturas em foco por ocasião da morte de Afonso Pena. Amigo íntimo de Carlos Peixoto e de Pinheiro Machado, Eloi de Souza, que tomara parte nas negociações políticas dessa época, faz revelações que contrastam com as versões correntes aqui fora e que darão, possivelmente, amanhã, um falso cunho à história oficial. — Peixoto, — diz-nos Elói, — nutria a maior antipatia por Afonso Pena, e fez o possível para que ele não fosse Presidente da República. Um dia, Peixoto e João Pinheiro, entraram no meu quarto, no Hotel dos Estados, onde todos morávamos, e pediram-me que fosse sondar Pinheiro Machado sobre uma candidatura mineira, mas que não dissesse, de modo nenhum, que era manclaclo por eles. Quando eu cheguei à casa de Pinheiro, em Haddock Lobo, e procurei encaminhar a conversa, ele me olhou firme, e indagou secamente:

— Quem te mandou aqui?

E como eu titubeasse:

— Se queres entrar nesse assunto, tens de dizer, primeiro, quem te mandou aqui falar comigo.

Calouro nestas cousas, contei a verdade. Pinheiro passou a mão pelo queixo, e indagou:

— E quem é que eles querem?

— Querem o Chico Sales.

— Bem, — tornou o gaúcho, — amanhã eu te darei uma resposta. Vou falar com o Rui, e só depois de entender-me com ele te poderei dar uma opinião segura. Desde já, porém, te digo, que iremos lutar com enormes dificuldades, pois o Conselheiro (Rodrigues Alves) tem grandes simpatias pelo Pena.

No dia seguinte, — reata Eloi, — estava eu almoçando quando Pinheiro entrou no salão de refeições do hotel, passou pela mesa do Peixoto, que estava cheia de deputados, e foi sentar-se na minha.

— Vou comer uma costeleta contigo, — disse-me, sentando-se:

E, enquanto o “garçon” ia buscar prato:

— O Rui está de acordo; e está de acordo principalmente porque se trata de um republicano histórico.

— Quando Peixoto e João Pinheiro receberam a resposta que eu lhes transmití, — diz Eloi, — despacharam o Venceslau para Belo Horizonte, com uma carta para o Chico Sales, cientificando-o de tudo. E não houve meio de obter o seu assentimento. O Sales declarava que o seu candidato era o Pena, que já estava comprometido com ele, e que este seria o candidato de Minas.

E Eloi de Souza conclue:

— Peixoto aceitou, afinal, o Pena, mas nunca o suportou. E o Pena, por sua vez, só o suportava porque precisava dele...

Segunda-feira, 9 de maio de 1930 — Miúdo e claro, todo de linho branco em harmonia com o cabelo branco, e um “andó” da alvura do cabelo, o deputado Joaquim Pires Ferreira conta-me, na sua bancada, no recinto da Câmara, episódios da sua mocidade, que tem prolongado através de quarenta anos. Ligeiramente gago, dividindo as palavras ao meio, narra-me casos ocorridos na infância do regime, quando alguém se aproxima de mim para louvar o meu artigo de hoje sobre Joaquim Nabuco. Joaquim Pires intervém, e conta:

— Eu era muito amigo de Floriano, que me estimava muito. Conversando um dia com ele sobre os monarquistas de valor, ele me autorizou a dizer ao conselheiro João Alfredo que o governo se sentiria feliz se pudesse contar com os serviços dele, no desempenho de uma missão diplomática no estrangeiro. Eu procurei o conselheiro na casa dele, à rua Marquês de Olinda, e disse-lhe que o Marechal estava disposto a dar-lhe um posto diplomático se ele aderisse à República. João Alfredo sorriu, e, com amabilidade, declarou-me que a proposta era inaceitável. Agradecia a lembrança, mas pretendia morrer com as suas ideias políticas. Voltei a Eloriano e dei-lhe conta do resultado.

— Mas, quem te mandou falar em adesão? — interrompeu-me o Marechal. — Eu não quero que o João Alfredo faça nenhuma declaração de adesão; quero apenas que ele, sem qualquer outro compromisso, me diga se aceita ou não o lugar de ministro do Brasil em Londres!

Tornei à Marques de Olinda e expliquei o caso. João Alfredo escutou calmamente a minha exposição, mandou chamar o Joaquim Nabuco, que morava na vizinhança, e pediu-me que repetisse o recado, diante dele. Nabuco não se conteve: explodiu, achando que era um desaforo. E João Alfredo recusou.

E Joaquim Pires concluiu:

— Pouco tempo depois, no governo Prudente de Moraes, Nabuco aceitava uma missão diplomática em Londres, sem se lembrar do conselho que dera a João Alfredo! ...

V

Sexta-feira, 19 de outubro de 1928 — Bordo do *Pedro I*, na costa fluminense. Distanciados da cidade, passo a examinar os meus companheiros de viagem. Após dezesseis anos de Rio de Janeiro, em contacto com uma população cosmopolita, tenho a impressão de haver chegado, de repente, a outra região do país. O convés dá a ideia de uma rua de cidade do norte. Pequenos, cabeça achatada, morenos, loquazes, boca rasgada, os passageiros, nortistas todos, pertencem a esse grupo humano heróico e tenaz em que se misturam o português e o índio: gente definida já, e adaptada ao clima, com uma capacidade de resistência que a torna vitoriosa, embora obscuramente, por toda parte. Todos esses indivíduos estavam no Rio, perdidos na multidão. A viagem à terra do berço isola-os, reúne-os, congrega-os nas ocasiões como esta, revelando ao observador essa legítima subraça brasileira. Nas viagens do Rio de Janeiro para o Norte, o Nordeste começa a bordo.

Sábado, 20 de outubro — Costa da Baía. Debruçado na amurada, olho as ondas do mar alto. Enormes, opulentas, majestosas, formam-se, levantam-se, empinam-se, e se desfazem em seguida. Crescem e rolam, e são grandes, não para serem admiradas, não para serem vistas na sua força e majestade, mas porque é esse o seu destino. Olhando-as, lembro-me dos espíritos superiores e revoltados.

— Homero, Dante, Shakespeare... Ondas do mar alto...

§ — De vez em quando um cavalheiro, com a exuberância do nortista, se aproxima de mim, os dentes à mostra, e pergunta, alto, na sua voz cantada:

— O senhor é o Conselheiro XX?

Outros se vão chegando, com o mesmo sorriso de camaradas velhos, e tem início, com grande constrangimento meu, a sessão de anedotas, em que cada um procura demonstrar o conhecimento que tem dos meus livros alegres.

§ — Cinco e meia da tarde. Estamos em frente aos Abrolhos. O sol, no horizonte, faz faiscar no mar escuro os grandes e famosos rochedos, que lhe recebem o último beijo de moribundo. Sobre uma dessas pequenas ilhas de

pedra, achatada pela mão imensa de Deus, o edifício branco do farol, com o seu bico para o alto, dá a ideia de um pequeno fogo de salão, prestes a ser aceso.

O navio passa em frente a ele, a grande distância, e afasta-se, galgando as ondas. A noite fecha-se, e o farol, que começa a funcionar, põe no rosto enorme do mar um olhar brejeiro de ciclope.

E o mar geme, e se retorçe, como Polifemo enganado.

Domingo, 21 de outubro — Às três horas da tarde o *Pedro I* nos faz visitar a Baía, o venerando berço deste Brasil caboclo. Vista de longe, com os seus compactos edifícios de quatro andares enfileirados na colina que margina o porto, a impressão que se tem é que as casas vieram do sertão, na carreira, e galgaram aquela eminência para espiar as ondas e a entrada do navio. No sopé da colina estende-se a vegetação, fazendo as vezes de manjerição de um ramalhete.

Atracada a lancha da Saúde do Porto, saem dela, à minha procura, Deraldo Dias, módico e poeta, e o tenente coronel Faria, ajudante de ordens do governador Vital Soares, o qual me vem comunicar que este me espera para jantar, e põe à minha disposição um automóvel, para visitar a cidade.

Desembarco, no cais. Vamos a Monte-Serrate, fortaleza colonial, evocadora das primeiras lutas com holandeses e indígenas, com a sua ponte levadiça e os buracos por onde estouravam os arcabuzes d'El-Rei. Restaurado recentemente para servir de museu ou de escola, o antigo forte nos arrasta, em espírito, aos tempos heróicos da colonização. Aos seus pés, o mar, o manso mar do Recôncavo. E na outra curva a cidade, toda batida de sol, fazendo lembrar na sua disposição as arquibancadas de um imenso anfiteatro, à espera de uma luta que se vai desenrolar no picadeiro marítimo.

Por toda parte, velhos edifícios seculares, casas pesadas e baixas, cujos telhados saídos se assemelham a mãos de avós que dessem a bênção aos netos. E por toda parte igrejas, modestas ou solenes igrejas antigas, legítimas páginas da *História do Brasil*, de Frei Vicente do Salvador, lavradas em pedra. Aluizio de Carvalho Filho, oficial de gabinete do governador e figura de relevo das novas letras baianas, explica-me a significação histórica dos lugares. Esta igreja recorda tal combate com o selvícola; aquela, uma vitória sobre os piratas

ingleses; aquela adiante, a derrota de um chefe holandês. E eu as examino, às pressas, na disparada do automóvel; e ao examiná-las, vejo que a Bahia é um belo e grande livro heróico, de que as igrejas são os capítulos. Cada templo é, em suma, uma página muda, mas eloquente, do poema da conquista.

O automóvel vai até o Rio Vermelho. Na Avenida, que orla o mar, passeiam a sua graça jovem algumas moças e senhoras. Tipos originais, que fazem recordar Josefina e, com ela, as torturas de Napoleão. Fisionomias de raça branca, sem mistura cabocla. Pele mate, quase européia. Mas, por trás da pele, e no negror dos cabelos ondedados, uma graça nova, imprevista, intraduzível. E para completar o espetáculo gracioso de um desses semblantes, uns olhos que são dois molequinhos assobiando.

Às sete horas, em palácio. Ampla, majestosa, a casa do governo baiano é uma das mais belas, em todo o país. Salões vastos, em que o mobiliário parece brinquedo de bonecas. Rosto sobre o comprido, boca firme, num traço horizontal e seguro; corado e claro; escanhado; olhos desconfiados, de homem prudente, abrigados sob o alpendre das sobancelhas; estatura mediana; com os seus cinquenta e tantos anos denunciados nos cabelos ralos, — eis Vital Soares. Misto de severidade e bondade, é um príncipe, no trato.

À mesa, faíscam os cristais, e desabotoam rosas frescas. Solteirão, o governador faz as honras da casa com o auxílio de uma irmã, e de duas senhoras, tipos de acentuada distinção. Após o jantar, mostra-me as obras de arte, que ornam os salões oficiais. E, entre estas, clois quadros, dois interiores do Convento de São Francisco, trabalho de Piesciliano Silva, boêmio baiano, cuja assinatura num pedaço de tela terá, no futuro, o valor da assinatura de um banqueiro em um cheque à vista.

O automóvel conduz-me, ainda, a pontos não vistos da cidade. Atravesso uma praça fervilhante de pretos, que festejam a Senhora do Rosário. Foguetes estouram no céu, fabricando estrelas miúdas e precárias. Em frente ao monumento ao Dois de Julho, Deraldo Dias recita-me versos de Castro Alves. Sinto-me comovido. Descubro nas rimas que escuto belezas novas, sonoridades que eu não percebia fora deste ambiente.

Enxugo os olhos. E volto para bordo com o pensamento no poeta, e olhando aquele céu que Pedro Álvares primeiro avistou, e onde há, já, uma grande fatia de lua.

Segunda-feira, 22 de outubro — Porto da Baía. Amanhece. No Rio de Janeiro o céu ilumina-se de uma vez. O sol aparece aos homens, irrompendo do alto das montanhas como um candeeiro à porta de um quarto escuro, iluminando tudo de chofre. Na Baía amanhece de vagar. O sol parece surgir sob uma “veilleuse”, que se vai graduando docemente, suavemente, como quem tem receio de acordar de súbito uma pessoa querida, que adormeceu fatigada. No Rio, o sol desperta o trabalhador como o patrão ao seu criado. Aqui, ele tem, para isso, carinhos e ternuras de avô...

Terça-feira, 23 de outubro — O navio (*Pedro I*) amanhece em Maceió. Às duas e meia levanto-me para ver a cidade, do largo. Iluminada, com os seus focos elétricos enfileirados, Jaraguá dá-me a ideia de um pedaço do colar de Copacabana, que se tivesse quebrado, e que aqui viesse ter, arrastado pelas correntezas do mar. Ao clarear do dia, vejo a praia, toda branca, orlada pelo casario modesto, mas limpo. Aqui e ali um edifício mais alto, de três ou de quatro andares, cujo telhado vermelho atesta a novidade da construção e, com isso, que Alagoas progride. À direita, ao longe, destaca-se a Ponta Verde, avançando contra as ondas, com o seu coqueiral opulento, fechado em cima pelas copas e gradeando o horizonte, em baixo, com os seus caules direitos. Olhados de bordo, os coqueiros lembram um bando de avestruzes verdes e arrepiados, marchando, unidos, para beber ou banhar-se no mar. Um pouco acima, numa elevação do terreno, três coqueiros altíssimos, que os ventos marítimos inclinaram na mesma direção, recordam três atletas que disputassem a mesma corrida. O que vai na frente, e que é o mais inclinado, parece destinado a tombar sem vida no momento da vitória.

Os trapiches cobertos, assentados em centenas de moirões de madeira, avançam pelo mar, à semelhança de enormes lagartas que descessem de terra, sustentando-se em uma infinidade de pés, para afundar-se no oceano. Vistos de bordo, à distância em que me encontro, os bondes parecem baratas vagarosas, cuja casca é o toldo. E os automóveis, formigas rápidas, correndo na areia lisa da praia. Uma dezena de botes pequenos, de vela ponteaguda, correm, levando e trazendo passageiros, entre a praia e o navio. O vento inclina-os para um lado, fazendo-os, quase, sossobrar. E a minha imaginação,

propícia no dia às comparações entomológicas, logo ve, neles, grandes borboletas brancas a que tivessem arrancado uma asa, e que tentassem inutilmente voar, ou saúvas heróicas, tenazes, esforçadas, carregando pedaços de folha tenra para a provisão invernal do formigueiro.

§ — Às dez horas partimos de Maceió. E às dezoito e meia começam a aparecer as luzes do Recife, como uma floração de fogo num canteiro plantado no mar. O farol, no meio delas, é um girassol, ora vermelho, ora branco, abrindo e fechando as pétalas. Além, na costa, por trás da massa escura e imprecisa do litoral, destaca-se um clarão longínquo incendiando as nuvens, como uma cratera em erupção. É o sol, no seu túmulo? Não. É a chaminé formidável de um engenho, o respiradouro de fogo da Usina Santo Inácio, anunciando o trabalho dos titães de pele cobreada ou negra, dos pequenos diabos infatigáveis, descendentes de africanos e indígenas, de portugueses e holandeses, netos, ao mesmo tempo, de Camarão e Henrique Dias, de Duarte Pereira e de Nassau. Visto do mar, esse vulcão dá-me a ideia, já, do trabalho formidável realizado pelo homem do norte, dominando a vida com o fogo, a eletricidade e a máquina. Sinto naquele clarão o palpitar do coração imenso de um gigante escondido.

Nos países industriais e guerreiros, esses espetáculos são vulgares. Eles denunciam ordinariamente grandes fornos poderosos, produtores de aço, de que se fabricam os canhões, portadores da morte. Aqui, não. Aquele incêndio assinala uma usina de açúcar.

E isso caracteriza uma raça, um gênio, a mentalidade de um povo. Rugimos como os leões. O rugido é feito, entretanto, por um enxame de abelhas, que preparam o mel.

§ — Recife. Às oito e meia da noite o navio atraca, e desço à terra para expedir um telegrama. Falam-me em um restaurante Leite, no qual se come bem. Salto à porta, sento-me. Raras mesas ocupadas. Em uma destas, duas fisionomias que me são familiares. Uma, reconheço-a de pronto. É Eurico Souza Leão, chefe de polícia do Estado. Dirigem-se a mim os dois. Eurico apresenta-me o outro:

— Meu amigo e colega, chefe de polícia do Rio Grande do Norte...

— Eu já lhe fui apresentado no Rio, pelo José Augusto... — recorda a autoridade rio grandense, que logo se despede.

Após o jantar, vamos os dois, Souza Leão e eu, de carro aberto às brisas da noite, dar um passeio pela grande cidade adormecida. Vamos à Boa Viagem, praia imensa e deserta como no dia em que Nassau chegou, mas asfaltada e iluminada, à espera de habitações. Ao percorrê-la, surpreende-nos, em uma curva, um cheiro desagradável, que nos faz levar o lenço ao nariz. É a axila da cidade.

Às onze horas leva-me o chefe à sua graciosa vivenda, estilo pernambucano do XVIII século, no Bom Jesus. Casa térrea de compartimentos amplos, jardim discreto, com grandes vasos de louça antiga sobre suportes de pedra. Nos vasos alguns cactos africanos, folhas duras e ponteagudas, que mais parecem coleções de facas tomadas aos bandidos de Pajeú, e ali conservadas com a lâmina para cima e o cabo enfiado na terra. No pequeno terraço, em outros vasos, algumas plantas do mesmo gênero estiram para fora as línguas verdes dentadas como serras. Dentro, o gosto apurado e severo, herdado de fidalgos portugueses do tempo de Duarte Pereira. Móveis antigos, seculares, esculpidos pacientemente, com flores e figuras abertas em madeira rija como o mármore. Móveis arrebanhados no interior, trabalhos de escultura que deviam ter consumido anos da vida de um artista anônimo, tão modesto que guardou consigo até o segredo da sua glória. Em um dos recantos da sala de jantar uma arca holandesa, polida e solene como um esquite de milionário. A fechadura, em que pousou, talvez, a mão prudente de um general do príncipe Maurício, cai-lhe, pesada, como a de uma fortaleza, Sobre uma pele de onça, amarela e negra, que cobre uma grande peça colonial talhada em ébano, estende-se, na sua bainha de metal branco, uma espada recurva. É a esjiada bárbara do cangaceiro “Lampião”, tomada em um dos combates entre o bandoleiro e a polícia pernambucana. Na lâmina da arma, sob a qual tombaram, talvez, dezenas de sertanejos inermes, a inscrição, em tinta preta, indelevel: *Viva o Imperador!*

Tomada uma xícara de café, leva-me Souza Leão a ver outros pontos da sua capital. E à meia noite reconduz-me para bordo, contando-me pelo caminho, no automóvel aberto, a sua enorme, a sua profunda, a sua irremediável saudade do Rio...

Quarta-feira, 24 de outubro — Partindo do Recife pela manhã chegámos diante de Cabedelo à uma hora da tarde. O número de boias espalhadas no mar, desde longe, como um bando de carrapetas atiradas à toa, indica as dificuldades do porto. O navio marcha cautelosamente entre elas, como se o preocupasse o cuidado gentil de não desmanchar um brinquedo de criança. Ao movimento da hélice, sobem à tona golfões de água suja, de lama e areia revolvidas. E Cabedelo aparece à esquerda, espiando por trás de um braço de mar.

Primeiro, é uma velha fortaleza desmoronada, último vestígio, parece, do Brasil colonial naquelas paragens. Ruína augusta, com os restos do seu fosso, hoje soterrado, dá ideia, ainda, da importância que o colonizador, e o conquistador que o combatia, emprestavam a estes areais. A vegetação sai, em tufos, do alto das pedras que ainda resistem às investidas da areia e da água. Ondas vindas de longe sobem a muralha rota, lavando as grandes fendas abertas pelo tempo. E vem-me, diante desse espetáculo, a lembrança do cadáver de um guerreiro gi-gantesco e vencido, cujas feridas ensanguentadas os cães viessem lambe... Em cima, no meio das pedras, pasta um burro pacífico e indiferente, dando a essas ruínas históricas o valor de um tratado de filosofia.

Adiante da fortaleza destruída, amontoam-se trilhos enferrujados, velhas caldeiras, vigas enormes, dragas inúteis, viradas no mar. Uma fortuna em ouro, convertida em ferro: material destinado às obras do porto, mas inutilizado, porque a obra nunca se fez. Dois navios atracados, ou melhor, encalhados na praia arenosa, e; em frente a eles, Cabedelo, com as suas palhoças, as suas casinhas miseráveis, refúgios da fome e da nudez, acorada entre coqueiros como um acampamento de negros em um remoto palmeiral africano. Ao fundo de um porto tão difícil de penetrar, descobri-lo equivale a um logro de mau gosto. É como se, depois de desembulharmos um pacote, desmanchando fio sobre fio, invólucro após invólucro, na esperança de encontrar uma joia, fossemos descobrir, no último pedaço de papel colorido, um bezouro morto ou uma casca de marisco.

O *Pedro I* lança ferro. Uma dezena de botes pequenos e sólidos partem da praia em busca de passageiros, trazendo, porém, já, um precário comércio

com os viajantes em trânsito, os vendedores de coco e as vendedeiras de renda. Tipos, uns e outros, curiosos. Não são caboclos, nem pretos, mas escuros, com uma tonalidade de cobre na pele: tipos de mouros, magros, ressequidos, fisionomias sem idade nem sexo, figuras de “louva a Deus”, mas resistentes, ágeis, resignadas. As velhas mulheres, braços de esqueleto, sem uma linha curva no corpo, cotovelos salientes e nodosos, parecem feitas de garavêtos. E no meio de uns e outros, dezenas de meninos da mesma raça infeliz e heróica, subindo pela escada alta para vender um espanador ou um periquito.

À tarde desembarco para visitar os famosos coqueirais de Cabedelo, que orlam a praia fora do porto, e vão pela terra a dentro tomando o lugar a toda e qualquer vegetação. Vão comigo, para o passeio, o comandante do *Pedro I*, Nunes Gonçalves, e o agente do Lloyd Brasileiro na Paraíba, comandante Barbosa Lima. O dono do coqueiral é o coronel Paz Velho, prefeito do município, e que o é há trinta anos. Os seus coqueiros são 25.000. Como na Paraíba coqueiro vota, ele é rei, como qualquer chefe de beduínos sob as tamareiras, num oásis do Saara.

O automóvel corre meia hora entre troncos direitos, ou inclinados pelo vento do largo. O mar, avançando, já fez tombar as primeiras filas desse exército verde que veio fazer alto diante dele. Na areia lavada pelas ondas jazem, já, algumas dezenas de troncos, — tristes cadáveres de vencidos abandonados ao vencedor. O exército, porém, continua firme, cada soldado no seu posto, esperando, cada qual, a sua vez de ser derrubado, e enrolado na espuma fervente das vagas...

§ — Há um circo funcionando na vila e, como o vapor só levanta ferro às dez da noite, desembarco, depois do jantar, para assistir à função. A “troupe”, dirigida por um francês de pronúncia espanholada e roupa no fio, é uma concorrente, quase, daquela que a imaginação de Junqueiró concedeu a D. João e a Impéria. Constituem-na o diretor, que vende os ingressos; um preto forte, antigo marinheiro nacional, que é atleta e palhaço; um rapazola de cor branca, investido nas funções de palhaço e equilibrista; um palhaço profissional, o “Tampinha”; e dois cachorrinhos sujos, e tristes como os donos. Aspecto geral de miséria e de fome. Arte ambulante e em liquidação.

Sobre um antigo caixão de fazendas, a orquestra de três figuras: um trombone, um clarinete, e um saxofone de que o artista mulato arranca as modulações mais floreadas. Mulher, uma, apenas: a velhota que toma conta da porta quando o empresário vai dirigir os trabalhos. O circo é misógino...

Enfiando os pés na areia frouxa, vamos, nós, os passageiros, pelas ruas desertas e sem luz, guiados pelo barulho da música. Visto de fora, iluminado por dentro, o grande barracão de lona apresenta um aspecto bizarro. Nas arquibancadas altas, armadas no interior, estão sentados, pernas a dois metros do solo, os espectadores masculinos, cujas sombras esbatidas no pano fazem lembrar andorinhas negras pousadas nos fios telegráficos. Em frente à porta, fora, mulheres idosas, magras como múmias, montam guarda a tabuleiros de roletes de cana, ou de doces pobres, iluminados por velas de carnaúba, ou candeeiros de querosene. À distância, fazem lembrar velhas avós miseráveis rezando, imóveis, em noite de Finados, junto à sepultura dos netos.

Entramos. Em torno da arena, duas ou três filas de cadeiras de todos os feitios, que se afundam na areia solta e clara, dando quase a impressão de que as mulheres e crianças que as ocupam se acham sentadas no chão. Aí não há lugar para os homens, os quais, como ficou dito, vão todos, com exceção do prefeito, para as arquibancadas. Três ou quatro lâmpadas elétricas de cinquenta velas, acionadas por um motor pertencente ao circo, dão ao ambiente uma claridade dúbia, de quarto de enfermo.

Gritos partem de todos os lados, reclamando o início do espetáculo. Um apito do empresário satisfaz a exigência do público masculino, composto na sua maioria de estivadores do porto, metidos nas suas roupas domingueiras. Vêm à cena o equilibrista branco e o palhaço preto, que recebem algumas palmas. O ídolo do povo é, porém, o palhaço caboclo, e é aos gritos, com os pulmões de quem carrega fardos de algodão de 120 quilos que a assistência encarapitada nas tábuas reclama:

— “Tampinha”! Saia o “Tampinha”! Olha o “Tampinha” que venha!

E para os artistas em cena:

— Sai, cabuloso! Não tem graça, não! Fiau! ...

O público é atendido. De um reposteiro de chita ordinária sai correndo, em simulados tropeções, um palhaço de pequena estatura, cabeça grande e chata, e a cara bezuntada de alvaiade. Apesar do disfarce, adivinha-se por trás

das tintas a fisionomia do sertanejo cearense. À cabeça, um clainó em forma de tampa, com uma ponta de trança para cima. Envolve-lhe o corpo ósseo e magro de jagunço uma roupa de *clown*, de estampa vistosa.

O espetáculo continua. Trabalham os cães. Trabalha o preto, que deixa o sapato de lona no teto do circo, no trapézio de corda. “Tampinha” volta. Conta duas ou três pilhérias do Conselheiro XX, que ele jamais imaginara estivesse ali. E como se vá entrar na segunda parte do programa, o empresário explica aos espectadores, que o escutam com o maior respeito e seriedade:

— Respetáble publico. A segunda parte é um drama, e és preciso que ninguno faça barulho, para que sejam ouvidas las palabras. Ninguno debe rir nem fazer zoadá.

E no meio da atenção geral:

— Ninguno debe rir, porque este drama non és una comédia.

O vapor está, porém, na hora de suspender a âncora. O comandante, a meu lado, mostra-me o relógio. E é penalizado que me levanto, abandonando aquela gente simples, rabelaiseana na sua malícia mas honrada ainda nos seus costumes, e que me transportava, de súbito, ao reinado de Luiz XIII, aos tempos em que Tabarin encantava Paris com as suas facécias, que o século XVIII destilou para fabricar o espírito francês, glória daquela época e encanto do nosso tempo.

À caminho do porto, notamos que uni cargueiro americano passeia o seu holofote sobre o lugarejo embuçado na noite. O jato de luz corre sobre o teto de palha das casas, e mergulha, como uma grande mão luminosa, na cabeleira verde do coqueiral.

— De onde é esse holofote? — pergunta um dos meus companheiros de viagem.

— E dos americanos, — explica outro.

— Que é que eles querem?

E o primeiro, sintético, lutando com o areal:

— Estão procurando coco...

Quinta-feira, 25 de outubro — Desde o amanhecer, começam a aparecer, ao longe, formando o litoral, dunas de vegetação rala, que lembram crânios atacados de doença impiedosa, a qual lhes tivesse arrancado parte do

cabelo. Às oito horas, finalmente, surge no alto de um morro, ao sul da barra, um pedaço da cidade, de que é sentinela avançada, que espia o mar. E em pouco estamos diante de Natal, guardada por uma vigorosa linha de rochedos, de que é olho um farol.

O navio lança ferro. Chega a primeira lancha. E dela sai, e sobe a escada, um homem trajando democraticamente brim branco. Estatura mediana, magro, rosto escanhado, olhos claros, com vestígios diretos de limpo sangue europeu. É Juvenal Lamartine, governador do Estado, que nos vem convidar, ao senador Silvério e a mim, para uma visita à cidade.

Natal é uma dessas capitais do nordeste brasileiro que refletem o homem da região: pequena, de casas baixas, mas sólida, resistente, e sempre igual. De particular, um estabelecimento de ensino, único no país: a Escola Doméstica, em que 130 moças aprendem a ser donas de casa, recebendo lições de costura, de humanidades, de escrituração mercantil, de cozinha, de higiene, de jardinagem e de puericultura. Cada moça toma conta de uma criança de tenra idade durante sete dias. É a semana da Mãe.

Parada da Mocidade e da Graça, à nossa chegada. Um batalhão de moças, trajando uniforme branco, faz-nos a recepção. Todas fortes, robustas, alegres, bonitas, coisa rara no Brasil, onde o proporção das mulheres feias é de 80%. Entre as moças, duas filhas do governador.

Após a visita ao estabelecimento, o almoço, na sala ampla, em que se multiplicam as mesas redondas. Cardápio fino, e farto, em que se leem, ao lado do nome cia iguaria, os das alunas que a prepararam. É a noção da responsabilidade nos domínios do forno e do fogão.

Sobre a toalha branca, de linho puro, rosas vermelhas. Nas outras mesas, oito a oito, as alunas, festivas, gárrulas, joviais, com discrição elegante. Servem-nas as companheiras, como a nós. E quando nos levantamos, todas elas se erguem, e fazem, quase todas, sem constrangimento, o sinal da Cruz com a singeleza das almas simples e boas. Comovente espetáculo, esse, das moças que têm fé!

Ao escrever, no livro do estabelecimento, a minha impressão da visita, descubro, no momento de datá-la, que hoje é dia do meu aniversário. Quarenta e dois anos! ... E passa uma nuvem triste, no céu da minha alegria...

§ — À tarde, ao jantar, uma demons-tração gentil, e de afetuosa bondade, do comandante Nunes Gonçalves: à nossa mesa, o cardápio consta de pratos cada um dos quais tem o título de um livro meu. E à noite, um convite para subir à tolda, onde encontro, formados em alas, os passageiros e os oficiais, que me recebem com uma salva de palmas. As taças faiscam, cercando garrafas de “champagne”. O imediato, comandante Cunha, desdobra uma folha datilografada, e lê um discurso carinhoso, saudando este seu hósjiede de oito dias, em nome do comandante e da oficialidade. Respondo, num agradecimento que me vem da alma. Tocam-se taças que nunca mais se juntarão. Em seguida, descemos todos para o tombadilho, onde a orquestra de bordo inicia um concerto, no convés, e que vai até meia noite. Algumas passageiras gentis cantam modinhas brasileiras. O Dr. Soledade, médico de bordo, simpática figura de atleta e de boêmio, faz chorar o seu banjo e, de vez em quando, o piano.

Noite feliz, em suma, e, mesmo, uma das mais comovidas e doces da minha vida. Lá fora, no mar, a lua distribue estrelas, dando um raio de luz a cada onda.

Música no mar... Canções... Saudade... Luar...

Sexta-feira, 26 de outubro — Ao ama-nhecer o Ceará estende no litoral os seus montes de renda, como se Iracema, civilizada, tivesse trazido para a praia as suas roupas de noivado. E Fortaleza aparece, meiga e singela, com a sua graça cabocla, cingindo o mar com os braços de terra de Mucuripe e do arraial Moura Brasil. Ondas e ventos. A bordo ainda, recebo telegrama do Maranhão comunicando-me uma recepção festiva, com oradores no cais. Essa notícia põe uma gota amarga no vinho doce da minha viagem. Desço, entretanto, em Fortaleza. Desembarque tormentoso. Quem desembarca em Fortaleza deve receber atestado de que pode trabalhar em circo.

Tomo, na ponte, um auto para levar-me ao Telégrafo. Chego à Praça do Ferreira, que dificilmente reconheço. Civilizaram-na. Tiraram-lhe os quiosques e o pitoresco. E eu sinto no fundo do coração uma saudade dolorida do Ceará antigo... Filha de Araken, por que te vestes de “maillot” para tomar banho nas águas de Porangaba, se eras mais linda quando te banhavas nua?

Percorro algumas ruas, de automóvel. Vou a Benfica, que o motor de explosão aproximou da cidade, tirando-lhe o prestígio da distância. As ruas formigam de gente. Cafés cheios. Movimento; atividade; dinamismo. O cearense é o bode humano do Brasil: nunca está quieto. Cada comerciante atravessa a rua para ir conversar, alto, na calçada do vizinho. Escuto o meu nome, duas ou três vezes. São pessoas que, certamente, já estiveram no Rio e me conhecem de lá. O cearense que se preza conhece o Brasil inteiro.

Por toda parte jumentos miúdos como “*poneys*”, e resistentes como se tivessem canelas de aço. Aqui e ali um atropelo na circulação: é que se encontram no cruzamento de duas ruas um bonde, um automóvel, uma tropa de jumentos, e um cavaleiro num cavalo marchador. Os jumentos dão a impressão de que têm seis pernas, duas das quais de quem os monta, e que arrastam no chão, levantando poeira.

As mulheres... Em cada rua, em cada quarteirão, um rosto feminino que nos encara com espanto, num sorriso interrogativo, a testa um pouco franzida, os olhos um pouco cerrados, como se descobrisse em nós um velho conhecido, cujo nome procure lembrar. Temos vontade de fazer o mesmo. O que supomos um sorriso é, entretanto, apenas um movimento natural da fisionomia, determinado pela refração da luz, que, obrigando a mulher a entrecerrar os olhos, fá-la, ao mesmo tempo, entreabrir os lábios. O sol, no Ceará, é perverso e brejeiro: ajuda a cearense a casar-se, arranjando-lhe noivo, mesmo que ela não queira.

Vou deixar meu cartão de visitas, em palácio, a Matos Peixoto, meu antigo companheiro na Câmara, e encontro à porta, de calça e perneiras molhadas, um oficial, ajudante de ordens do Presidente, que me diz já ter estado a bordo à minha procura. Acolhimento amável, fraternal, sem cerimônias. Matos Peixoto faz-me percorrer a casa do governo, toda em reformas. Apresenta-me a senhora, gentil, franca, simples e alegre.

Machado de Assis tem um paralelo entre as almas e as casas. O palácio do governo em Fortaleza é um símbolo, em pedra, da alma do Ceará: pobre, mas firme. Avarandados vastos, coloniais, com azulejos do Porto. Grades de madeira. Paredes caiadas. Ao centro um jardim com palmeiras e rosas. Palácio de governador francês na Argélia.

Sáimos, o Presidente e eu, a passeio, de automóvel. Vamos a Mucuripe. Linda praia lavada pelo mar alto. Coqueirais e coqueirais. No caminho arenoso, velhas secas embriagadas de sol, cambaleantes, trazendo à cabeça o seu colorido tabuleiro de melão São Caetano. Na praia, batida de grandes ventos e grandes vagas, pequenotes nus, com água até à cintura, pescando, a linha atirada na onda.

Almoço em palácio. Peixe, carne, cajuina, cuscuiz com leite, doce de leite, e queijo.

Figura curiosa, a de Matos Peixoto. Estatura mediana, moreno, cabeça chata, dentes miúdos, testa larga, de cabelo que sabe resistir à calvície. Temperamento alegre, jovial, às vezes infantil, rebentando não raro numa gargalhada despreocupada, de estudante feliz. De repente, porém, se torna absorto, soturno, afastado da gente, alheio a tudo, como se estivesse longe dali. Um psi-cólogo veria, em suma, nele, uma alma que se não sabe dividir: para onde vai, vai toda de uma vez.

À uma hora volto para bordo. O penúltimo apito anunciou já a suspensão da última escada. Mar grosso, impedindo-me, quase, a passagem da lancha para o navio. E às duas horas cortamos, já, rumo do norte, as ondas do oceano largo.

Sábado, 27 de outubro — Ao amanhecer, não se vê a costa. Aqui e ali, porém, manchas barrentas de água de grande rio.

Devemos estar em frente à foz do Parnaíba. Só os rios do norte têm esta coragem de vir ao largo, afim de cuspir golfadas de água suja no rosto verde do oceano.

§ — Meio dia. Estamos, segundo conluo do cálculo das distâncias e do tempo, em frente ao meu rio natal. Sobre estas ondas que aqui rolam, ao sopro forte desta brisa que as levanta e sacode, passei eu, bá trinta e seis anos, rumo do exílio e dos mistérios do destino. Conheceram-me estas vagas e estes ventos num pequeno barco a vela. Volto agora em um navio de 10.000 toneladas.

Terei eu motivo, mesmo, para queixar-me da vida?

§ — Às duas horas avista-se o farol de São Marcos. Às três a cidade. Como é bizarra a minha São Luís com as suas casas desarrumadas umas sobre as outras, numa festa de telhados que se superpõem, como se lá dentro não houvesse ruas nem praças!

O *Pedro I* lança ferro a 300 metros da terra. Do navio vê-se a rampa embandeirada, e o povo aglomerado, ao sol. Chegam a bordo os representantes do governo, autoridades, e o Diretório do Partido. Despedidas, abraços afetuosos de amizades feitas em oito dias, e que se extinguirão em oito minutos. Ao pisar na rampa, os correligionários adiantam-se, abraçando o filho pródigo, que não o é tanto, pois que traz mais do que levou. Uma banda militar ataca o Hino Maranhense. O Dr. Clarindo Santiago sobe a uma tribuna armada no cais, e lê um discurso de saudação ao conterrâneo, em nome da cidade e do Partido. Respondo-lhe com a emoção de quem acaba de reconciliar-se com pai e mãe. Soam as palmas. Reboam os vivas.

O cortejo sobe a rampa, conduzindo-me ao palácio, que é franqueado ao povo, e onde me espera o Presidente Magalhães de Almeida. Impressão amável da casa do governo: elegante, vasta, majestosa, em que o gosto é um complemento ornamental da austeridade. São-me destinados, aí, os aposentos em que se hospedou recentemente com a família, o príncipe D. Pedro de Orléans e Bragança. Acolhimento “principesco”, pois, o que me faz o governo da minha terra. Temperatura agradável, que a brisa do mar suaviza ainda mais.

À noite, jantar político, em honra do recém-chegado, oferecido pelo Presidente, com a presença do mundo oficial: vice-presidente do Estado, Diretório do Partido, secretários do governo, presidente do Tribunal de Justiça, e altas autoridades. À mesa estão Alfredo de Assis, meu companheiro de boêmia e de fome no Pará, e que é hoje diretor da Biblioteca Pública, e Luiz Carvalho, ex-deputado federal, que me encheu de tanta inveja uma noite, em Parnaíba, quando eu, menino e pobre, o ouvi, do meio da rua, recitar uns versos de Múcio Teixeira no salão do comerciante James Clark:

*“Amar aos vinte e dois anos
e ser poeta, mulher...”*

Domingo, 28 de outubro — Desperto cedo, com o céu cor de porcelana, e uma claridade suave envolvendo a cidade inteira. Uma brisa mansa, familiar, vem dar-me os bons dias dentro de casa. De repente, os sinos começam a estalar os bicos de bronze, como uma revoada de canários matinais; sinos que tocaram a rebate, miúdos, nervosos, aflitos, no tempo dos capitães-mores; sinos antigos, que cantaram, talvez, aos ouvidos de Vieira. É a missa, que se reza na cidade toda.

Visto-me, e saio, de automóvel. Vou ao largo dos Remédios, ver o meu grande Gonçalves Dias, trepado no seu tronco de palmeira, voltado para o mar, como se se procurasse a si mesmo no oceano distante. Vou ao Caminho Grande; vou a São Pantaleão. Salto em frente à modesta igreja de Santo Antônio, com o seu rude teto de tábuas toscas, em que reboou, se me não enganam a memória e os historiadores, a palavra de um Antônio que era tão grande como o seu orago, que era de Lisboa como ele, mas que, em vez de Bulhões, era Vieira. Ouço uma parte da missa e vou à igreja do Rosário. É missa de festa, com vozes no coro. Templo humilde como de cidade decadente do interior. Mas todo enfeitado, e garrido, e alegre, e contente com a sua modéstia. Rosas de papel, vermelhas, róseas, brancas, espoucam nas palmas, subindo os altares, especiahnente o altar-mor, onde se perfilam imagens ingênuas e primitivas. Brota-me uma lágrima imprudente no canto dos olhos. É que aquele ambiente me recorda, na fartura da sua ornamentação provinciana, as festas da igreja da Graça, em Parnaíba, onde os altares eram enfeitados assim...

Percorro algumas ruas, nos arrabaldes. Urubus, grandes como águias, rodopiam no céu, lutando com o vento. Atrai a minha atenção a limpeza das mulheres do povo. Todas elas penteadas, o cabelo repuxado para trás, o vestido de chita gomado. Toalete domingueira, na manhã clara, que também se endominga.

De regresso quero ver os lugares em que passei uma parte da minha infância triste e atormentada. Passo em frente à antiga mercearia Dias de Matos, onde pesei açúcar e lavei garrafas aos treze anos, e em cujo mirante li, quase soletrando, Abbeville e Yves D'Evreux. Está fechada, mas vejo que é um depósito de fumo, que vem envenenar aqui fora o ar fresco da manhã com o cheiro da nicotina. Em frente à Catedral, no largo do Palácio, deixo o

automóvel. Visito o templo vazio, mais pobre do que eu imaginava. E concluo que o meu Maranhão, em matéria de antiguidades, é um fidalgo arruinado. Da sua opulência antiga só lhe resta o brasão.

Desço, em seguida, a pé, por uma ladeira, rumo do bairro comercial, deserto e fechado nesse dia de descanso. Quero ver a casa em que morreu meu pai. Heconheço o velho sobrado, e vejo a larga porta por onde saiu o seu caixão. Em vez da firma Ribeiro, Gandra & Cia., que aí era estabelecida, leio, num letreiro: “Meireles & Cia. — Fabricantes de tintas”. Desço ainda a rua. Tenho desejo de ver o prédio de J. A. Santos & Cia., casa poderosa e rica de que fui empregado eventual e humilde, ainda menino. Estão abertas as portas. É um “café”, o “Café do Comércio”, propriedade de um turco. E eu me fico a pensar que as casas, como os homens, têm o seu destino, com as suas exaltações e as suas humilhações. A barbearia modesta pode ser, amanhã, elegante loja de modas. Na sala em que funcionou a livraria pode estabelecer-se, dentro de um ano, o seleiro, que vende arreios, ou o armeiro, que vende punhais. A lição de humildade imposta a J. A. Santos & Cia, foi, porém, injusta e alarmante.

Entro no “café”. Sento-me. Revejo tudo. Ali, onde está aquela mesa encardida, ficava eu, de espanador na mão, a olhar a rua agitada, como um prisioneiro que espiasse o mundo pelas grades de ferro do seu presídio. Ali, onde se amontoam aquelas sacas de café, era o escritório, com o sr. Carvalhinho, um homem vermelho, de cabelo grisalho, duro, cortado à escovinha, e a quem eu respeitava como a um inquisidor-mor. E saio triste, pensativo, sentindo que tudo está encolhido, que os prédios estão mais baixos, como se a cidade, envelhecida, se tivesse encarquilhado para dar-me a sua bênção de avó...

§ — Às três horas da tarde, com a garganta em fogo, efeito de uma faringite que principiou a manifestar-se antes do meu de-sembaque ontem, partimos de automóvel, — o Presidente Magalhães de Almeida, seu irmão Artur, o engenheiro Teixeira Brandão, que dirige a Estrada de Ferro São Luís - Teresina, e eu, — a visitar a ponte Benedito Leite, que deve unir a ilha ao continente.

A estrada de rodagem, aberta penosa-mente em terreno hostil, dá-nos, com as paisagens de um lado e outro, a impressão de sertão alto. As palmeiras, principalmente o babaçú, entrelaçam-se à direita e à esquerda, ou surgem do solo, roçando com as palmas tenras as rodas do automóvel, que não conseguem matá-las. Um cheiro de mato verde, castigado do sol, embalsama a atmosfera. Aqui e ali uma ponte rústica, provisória, de paus e folhas cobertos de terra, a qual parece levantar-se à medida que o carro passa, como se quisesse protestar contra o peso, que não estava na combinação... Vencido o 41º quilômetro, avista-se a ponte, com uma das extremidades ainda no ar, à espera do aterro definitivo.

Regressamos, com a sombra dos arbustos tapetando a estrada. Um desvio do carro leva-nos ao sítio de Artur Magalhães, em pleno mato. Os cajueiros, carregados, parecem Árvores de Natal oferecendo brinquedos coloridos aos meninos, que são os pássaros. Ao longe, na quietude do crepúsculo, um sabiá executa a “ouverture” do drama lírico da noite. Papagaios passam aos pares, voando baixo, e pesadamente, como aves de barro. Pombas selvagens fogem das moitas, espantadas, à aproximação do carro.

Anoitece. O mato cheira como um vidro de perfume aberto. E a tampa do vidro é a lua, a lua cheia, que se levanta no horizonte, diante de nós, muito amarela, muito grande, muito redonda, como uma gema de ovo estalada no imenso prato de porcelana do céu...

Segunda-feira, 29 de outubro de 1928 — Pela manhã, visito a Biblioteca Pública, no mesmo local em que funcionava em 1900, quando eu, simples caixeiro de mercearia, a frequentava à noite. Tem cerca de 8.000 volumes inúteis. O que havia de melhor, desapareceu, com a cumplicidade de alguns diretores que nada entendiam de letras. Escritores brasileiros, raros. Maranhenses, raríssimos. Biblioteca, em suma, para penitência de letrados, pois que se não encontra, nela, o que ler e consultar.

Três e meia da tarde. A lancha oficial, com a bandeira maranhense tremulando ao vento, arrebatá-nos pela baía agitada pela maré da enchente. A bordo, o Presidente do Estado e um grupo de homens de letras, entre os quais o desembargador Reis Lisboa, antigo poeta parnasiano e, hoje, austero presidente do Tribunal de Justiça. Vamos à Vila São Marcos, residência de

verão do governo, onde o Presidente Magalhães de Almeida me oferece uma carinhosa festa de intelectuais.

A lancha encosta ao lado da antiga Fortaleza da Ponta da Areia, onde funciona um farol, que lhe tomou o nome. Detenho-me ante as ruínas da velha praça militar. Batendo incessantemente no paredão com a catapulta das ondas, o mar, inimigo jamais vencido, fez rolar das muralhas enormes blocos ainda conjugados e, com eles, os canhões que sustentavam. Lançadas em baixo, na praia, as peças de artilharia foram atacadas pelos mariscos, que a elas aderiram, cobrindo-as inteiramente. E assim ficaram dormindo na areia, petrificados, os velhos canhões roncadores, tornados, com a sua roupagem calcárea, tão monstruosos quanto ridículos. Grandes fendas ameaçam novos desmoronamentos na fortaleza. A maré de enchente atira ondas fortes à cara de pedra do paredão. A água entra pelas gargantas abertas na muralha, mas logo de lá volta, repelida como um vômito.

Os automóveis esperam-nos, para levar-nos pela areia da praia, aproveitando a meia hora que a maré ainda nos reserva. À esquerda rugo o mar, espumando, mandando onda sobre onda. À direita levanta-se o barranco que as águas vêm corroendo progressivamente, a ponto de se verem já, em baixo, rolados pelos vagalhões, formidáveis blocos de alvenaria do forte e farol de São Marcos, que se pendura lá em chna, esperando a hora de, como os almirantes antigos, abraçar-se ao seu pavilhão de luz e sepultar-se nas vagas.

Do bangalô do governo, onde jantámos, vemos anoitecer, e, pouco depois, levantar-se a lua. Diante de nós, imenso e espumante, o Atlântico, ergue todas as suas vozes de namorado bárbaro, chamando a noiva fugitiva. Ele é Otelo; ela é Desdêmona. Ela segue, porém, o seu caminho nas alturas, afastando-se cada vez mais dele, mas prateando-lhe as espumas, à medida que soube. Até que ele, desiludido, tomba sobre o seu próprio leito, rugindo, chorando, mordendo os pulsos, rasgando o manto com as unhas de pedra, como um velho amante devasso e bêbado, que, uivando de dor e de desejo, arrancasse as cãs, que são as espumas, no desespero do abandono e da impotência.

À meia noite, é o regresso, de automóvel, pelo interior da ilha, banhada de luar. Um cheiro de cajús maduros adoça o ar leve e fresco. Aves noturnas, espantadas, atravessam a estrada em voo rasteiro, ou voam na frente dos

carros, atordoadas pela faixa luminosa dos faróis. De vez em quando recortam-se na noite clara os perfis esguios das jussaras, ninfas selvagens que dansam em torno das fontes. E ouve-se logo a cantiga da água de mn riacho, que elas anunciam...

Terça-feira, 30 de outubro — Visita ao Tribunal de Justiça. Almoço, em companhia do Presidente do Estado, na residência do desembargador Reis Lisboa, presidente do Tribunal. À noite, febre.

Sexta-feira, 2 de novembro — Três dias de gripe violenta. Febre e agitação nervosa. Hoje, amanheci melhor.

A data assinala o dia dos mortos. Olho o parque do palácio, e vejo as garças, os tuiuíús, os manguarís, todos muito quietos, à beira dos tanques, o pescoço encolhido, suspensos acrobaticamente sobre uma das pernas. Por que será que toda ave ribeirinha é triste? E lembro-me que eu, à imagem delas, nasci, também, à margem de um rio, nas proximidades do mar...

As palmeiras estão povoadas, porém, de bentevís, de fraque preto e colête amarelo. Voam, gritam, perseguem-se, revolteiam, como se houvesse no ar uma infinidade de trapézios invisíveis.

Bentevís, não saberão vocês, acaso, que hoje é dia de Finados?

Sábado, 3 de novembro — Visito, sozinho a igreja do Carmo, de que me restava uma ideia suntuosa. Entro. Decepção. O altar-mor é apenas um tabique modesto, espetado de velas, separando em dois o grande corpo da nave. Chão de tijolo. Duas mulheres idosas, possivelmente por promessa, varrem o templo, envoltas em nuvens de poeira, que as fazem tossir, ao mesmo tempo que a nave estronda, multiplicando-lhes o barulho da tosse. A poeira é o incenso do deus Trabalho.

§ — À tarde vou ao quartel de Polícia, modelo de organização; ao serviço de algodão, à usina de eletricidade do Estado, que fazem parte do conjunto de melhoramentos que o Maranhão deve ao Presidente Magalhães de Almeida. Em seguida ao Tesouro estadual, reformado inteiramente, em cujo andar térreo se armazena o produto de toda a atividade agrícola do sertão. Trabalhadores de blusa remendada e despachantes em mangas de camisa

fervilham entre montes de sacos de arroz, de milho, de coco babaçu e açúcar bruto, cuja baba escura faz um lago em torno de cada pirâmide. O lugar em que se trabalha tem sempre, para mim, a significação de um templo. Encontro aí dois velhos conhecidos: Eduardo Guimarães de Oliveira, que foi meu patrão no Pará, quando eu era auxiliar de despachante da Alfândega, e o Sr. Lamas, antigo empregado de Maia, Sobrinho & Cia., que conheci em Granja, no Ceará, quando concertava naqueles climas meu pobre fígado de empaludado amazônico. Dou-me a conhecer, narrando diante de todos o que eu era há vinte e dois anos, e noto que isso encanta os que me escutam. Parece que, dos maranhenses que têm subido na vida, eu sou o único que confessa não ter nascido príncipe e com uma estréia na testa, como a Borrallheira.

§ — Visito ainda o serviço das Águas, em Sacavém, distante da cidade uns vinte quilômetros. Tanques cheios d'água, que é decantada, e que passa sob umas ampolas, que lhe pingam algumas gotas de cloro e vai arejar fora, batendo-se em extenso lençol numa dupla escada de cimento. O que mais me encanta não é, porém, o trabalho do homem, fruto de uma administração fecunda: é a natureza. Cercando os edifícios novos, em que os maquinismos chamam e estrondam, é a vegetação rica, o bosque de mangueiras enormes, vergando de frutos, a joalheria dos cajueiros, e, alegrando tudo isso, as jussareiras elegantes, abraçando-se, trocando-se flores e frutas à cadência alegre do vento da tarde.

Terra bonita, a minha!

§ — Ao regressar do Sacavém, com o Dr. Bazílio Franco de Sá, inspetor do Tesouro, que é o meu "cicerone", vamos ver uma relíquia da cidade: a casa em que viveu e morreu Joaquim de Souza Andrade, a famosa quinta da Vitória.

Por trás da Praça da Justiça, um portão de fortaleza, escancarado para sempre, abre uma grande boca num pedaço de muro alto, de meio metro de espessura. Ao fim do terreno, e após um declive, por trás de um galpão de madeira construído recentemente para estação radiotelegráfica da Marinha, vê-se a fachada venerável, à margem do rio Anil, para a qual dá os fundos. Velha casa solarenga, já sem teto e quase sem soalho. Dando sobre o rio, um grande salão de cinco janelas, oferecendo aos olhos um dos mais belos panoramas

para quem vem cansado de ver o mundo. Longe, para além da língua de terra que termina na Ponta da Areia, é o mar imenso e verde, tangendo para os baixios o seu enorme rebanho de ondas espumantes. À esquerda, os navios que entram ou saem, as canoas de velas latinas em luta com os ventos do oceano. À direita, o rio sinuoso, e os mangais. E em baixo, o mesmo rio amigo e inimigo, que lhe emprestava tamanho encanto mas que, rompendo o dique de pedra, saltando o sólido cais que antigamente o detinha, vem nas grandes marés auxiliar o trabalho do tempo, destruindo, depredando, desmoronando, a ponto de haver canoas abrigadas no vasto porão que fica sob o salão de cinco janelas.

Fora, à direita, árvores enormes que se debruçavam sobre o rio, e que se acham hoje quase secas. À sombra destas frondes familiares, que, como o coqueiro da modinha popular, “de saudades já morreram”, deitava-se o velho poeta bizarro e misantropo, de braços, no chão varrido, lendo Homero no original...

E a tarde desce, envolvendo a ruína da velha casa, os destroços da majestade antiga — as suas paredes sem portas, os últimos vigamentos do seu telhado, as derradeiras pedras do seu muro, — como um grande lençol de hospital que recolhesse piedosamente os despojos de um cadáver exumado antes de tempo...

Domingo, 4 de novembro — Há uma festa na Escola Modelo. Distribuição de prêmios às crianças. Dão-me uma braçada de flores que vou depor, como quem dá o seu a seu dono, no pedestal da estátua de Gonçalves Dias. De regresso da praça em que se eleva o monumento ao lírico incomparável, passo pela rua que tem o meu nome, e que corre paralela à que tem o de Coelho Neto.

— É a antiga rua do Coqueiro, — diz-me Artur Magalhães.

Vamos até o cemitério. As casuarinas gemem, tristes, na tristeza do dia, como as ouvi gemer em 1894 quando fui beijar ali mesmo, entre elas, o túmulo em que dormia meu pai.

Silêncio e desolação. Túmulos pobres, modestos, sem vaidade, como se os maranhenses, mesmo na morte, quisessem ter a ilusão de que dormem entre as paredes da sua casa... Levam-me a ver o de Aluísio Azevedo. E fico

ainda mais triste. Nada o distingue dos outros. Sobre a lousa em que se acha gravado o seu nome, coroas de louça e vidrilho, contemporâneas da trasladação dos ossos, se desfazem. E eu compreendo quanto era justo Edmond de Goncourt ao imaginar a tristeza de Jules Janin, lá na outra vida, ao ver o seu corpo transportado de Paris para o pequenino cemitério d'E vreux...

Em seguida, vamos visitar, de automóvel, o Codozinho, bairro pobre da capital. Não é um bairro: é uma cidade africana. As ruas, certas, subindo e descendo elevações, são constituídas exclusivamente de casas de palha, cercadas e cobertas de pindoba. De cada porta emergem duas, três, quatro crianças até cinco anos, todas nuas, mas nenhuma suja. Todas banhadinhas, algumas ainda com a pele escura pulverizada de gotas. Se no Maranhão ainda há pretos não é porque estes não recorram à água. A culpa é de Cam, filho de Noé.

De volta quero ver a casa em que pri-meiro morei em São Luís, quando, falecido meu pai, nos mudamos de Miritiba para Parnaíba.

— Em que rua é?

— Não sei; sei apenas que é uma rua em ladeira, nos fundos de uma fábrica de tecidos...

— Vamos, então, ver as fábricas, — propõe Artur Magalhães.

O automóvel pára a uma esquina. Derramo os olhos por uma rua em declive, calçada de pedra grosseira e de passeios irregulares e estreitos. Um cheiro de gás desperta-me a memória.

— É aqui mesmo... O cheiro é este... — reconheço.

Descemos do automóvel, que uos acompanha, lento. Olho cada casa. Até que, chegados ao atual n.º 16, não tenho mais dúvida. Era ali, naquele prédio, que residia meu tio Brasil, velho oficial cego, baixo, gordo e barbado, casado com uma irmã de minha avó materna. Ali nos hospedamos, por uns dias, à espera de vapor para a Amarração. Tenho ainda na lembrança o canto da sala em que me vestiram no dia do embarque. Lembro-me do meu deslumbramento ao ver o muro da fábrica e ao visitar o mercado que havia adiante, todo rodeado de comércio turco, enfeitado com as suas mercadorias à porta. E tenho saudades... de mim!

— Que rua é esta? — indago.

— Belarmino de Matos.

— E o nome antigo?

— Rua da Inveja.

Estava certo. Aquela rua devia ter, por força, inveja das outras...

§ — À tarde visito, com o Presidente do Estado, a biblioteca de Wilson Soares, maior e único bibliófilo do Maranhão. Trinta mil volumes. Excelente coleção de retratos e autógrafos. Entre estes um recibo de Joaquim Silvério dos Reis, de R\$ 33.333 ou de R\$ 66.666, da sua pensão, por haver denunciado a conspiração mineira.

Desde esse tempo os mineiros aprenderam. Hoje, eles é que denunciam as conspirações alheias.

§ — À noite, visita de conterrâneos de Miritiba, minha vila natal, vindos para abraçar-me. Espantam-se da minha memória, de lembrar-me de cousas que vi e ouvi aos seis anos. É que, na infância, o que se ouve, ou o que se vê, não sobe para o cérebro: desce para o coração, e aí fica escondido.

Telegrama do Rio, de minha casa, informa-me que meu filho pequeno, de cinco anos, adoecera gravemente, mas se acha fora de perigo. Basta isso, porém, para que o coração fique alarmado, como um sino ao alto de uma torre aberta, ressoando aos inquietos ventos da noite...

Segunda-feira, 5 de novembro — Nove horas da manhã. Trem da estrada de ferro São Luís - Teresina, rumo de Caxias. Cortamos, já, atravessando o canal dos Mosquitos, terras do continente.

A princípio é a terra baixa, quase alagada, toda igual, em que o mangue, afun-dando nela as dez unhas de cada árvore, parece agarrar-se para não ser levado pelas marés. De repente, porém, cessa o mangai, e começa o campo de criação que o inverno transforma, durante alguns meses do ano, em grande mar interior. A estrada corta-o, em uma reta de treze quilômetros, precisamente ao centro. Estendo os olhos para um lado e outro. A planície, coberta de um gramado baixo, não sofre uma intermitência, não apresenta uma elevação. A grande distância, aqui e acolá, parece-me ver pequenos grupos de formigas, semeando de manchas minúsculas a vastidão de uma grande mesa de jantar,

nua da sua toalha. São as boiadas no pasto. Muito além, onde a vista não chega sem esforço, tenho a impressão de que é o fim da planície uniforme.

— Isto é o Campo dos Perizes — informa-me o diretor da estrada.

— Àquilo é mar ou um rio? — indago de um velho mestre de linha, apontando-lhe, em uma das extremidades da várzea imensa, em que se não levanta um arvoredado ou se acocora uma simples moita, uma toalha branca e luminosa, que lhe põe termo.

— Aquilo não é o fim, não senhor, — explica-me o funcionário.

E informa:

— Aquilo são nuvens, que descem sobre os campos. Eles vão ainda muito mais longe...

Vencido, porém, o estirão, penetramos na mata. E esta apresenta, logo, a sua riqueza de palmeiras, que se estendem em maciços compactos de um e outro lado da via férrea. Admiro-as, no meu encantamento.

A primeira a chamar a atenção é o velho e clássico buriti, tão amigo da minha infância. Habitante dos vales, das baixadas úmidas, anunciador de água aos caminhantes, é o buriti o incontestável imperador das palmeiras. Tronco de atleta, coroa de rei, em que se multiplicam folhas inumeráveis, em forma de leque, tudo, nele, é força, orgulho e majestade. Rolam-lhe pelo peito, como colares de rubis ou de esmeraldas, cachos enormes de frutos redondos, uns ver-des, outros vermelhos. Olhá-lo, é ter uma impressão de fortaleza e de abundância. Ele é o cacique poderoso das tribus vegetais do sertão.

Rodeiam-no, trepando do vale para a terra firme, as hostes de babaçu, que lhe formam o exército e lhe fornecem, por toda parte, a guarda de honra. Dispersando-se pelo sertão a dentro, a primeira ideia que este nos oferece, com o seu tronco liso e direito, com a sua copa de folhas longas, tentando a posição vertical, é a de um espanador espetado no chão, ou, quando agrupados, a de um grande cordão carnavalesco, de índios com os seus cocares. É a palmeira elegante por excelência. Do seu pescoço, descem, como enfeites, cachos longos, de quatrocentos cocos ou mais, cada um dos quais tem o tamanho e a forma de um seio de mulher púbere. Se a imaginação dos nossos indígenas fosse mais rica, o babaçu teria tido, com certeza, na sua mitologia, uma das lendas mais lindas e sensuais.

§ — Às dez horas, Rosário. Vêm receber-me o chefe político, o juiz de Direito, o promotor público, membros do Diretório do Partido. Esperam-me para uma visita à cidade, que fica a dois quilômetros, e onde devo almoçar. O chefe da estação preparara, porém, almoço no edifício desta. Aceito este último prometendo comparecer ao outro no regresso. Após o almoço, partida. Rabassú à direita e à esquerda. Júpiter condenou Tântalo a ver transformado em ouro tudo que sofresse o contacto das suas mãos. No sertão maranhense operou-se, por bênção ou maldição dos deuses, o mesmo prodígio: todo vegetal em que pousam os nossos olhos transforma-se, de pronto, em babaçu... O ar quente entra-nos pela porta do carro como se viesse diretamente da boca de um forno.

De repente, em uma estação, um nome bizarro, — Kelrú. Antiga fazenda para receber colonos holandeses ou escoceses, guardou o nome primitivo. O nome, e uma lenda.

— Conta-se que o dono desta fazenda, — narra-me o diretor da Estrada, — era casado com nina senhora de imaginação doentia, em cousas de amor. Na extravagância dos seus sentidos, apaixona-se esta por um cavalo, que o esposo possui. É uma aberração. O marido, avisado por um escravo, apanha-a em flagrante de excitação do animal. Toma de uma arma, e mata os dois, o cavalo e a mulher, mandando, em seguida, que o corpo do quadrúpede seja sepultado na igreja, que é da invocação de S. Patrício, ainda ali hoje existente, e que o cadáver da esposa seja atirado ao campo, onde é devorado pelos urubus.

E o trem corre, vencendo grandes retas, cercado de altos muros vegetais, em que as faíscas abriam clareiras.

§ — O rio Itapecuru, que a Estrada margina, corre ora a vinte, ora a cinquenta metros da linha férrea. Entre aquele e esta levanta-se apenas um muro de folhagem, em que predomina o babaçu adolescente, isto é, ainda sem caule e que tem, então, o nome de “pindoba”. O trem para, afim de suprir de água a locomotiva, e eu aproveito a ocasião para travar conhecimento com o famoso rio maranhense. É um curso da água comum, de uns cinquenta metros de largura, a arrastar a sua correnteza barrenta entre ribanceiras inclinadas, de uns vinte metros de altura.

— O senhor está vendo este rio lá no fundo, — diz-me um caboclo, morador no lugar. — Pois, o senhor venha cá.

E levando-me até à casa de taipa, coberta de folhas de babassú:

— Está vendo este sinal na parede, mais alto do que um homem?

Olhei a marca. E ele:

— Pois, a água, no ano passado, subiu até aí...

E como eu lhe falasse na precariedade da construção, na quantidade de palhoças que vinha encontrando por toda parte, à margem da Estrada:

— Para que fazer casa boa? Pro rio levar?

O caboclo tem razão. Se o rio leva todos os anos as casas da margem, afugentando os moradores, para que fazer outro gênero de morada, que não a casinhola de pindoba, que o Itapecuru arrasa em uma hora, mas que o sertanejo levanta em um dia?

§ — Ao meio dia paramos em uma estação de certa ordem. É Itapecuru. A cidade fica longe, à margem do rio. Uma comissão de políticos espera-me. Entram todos no carro, acompanhados de crianças das escolas, que vêm trazer-me flores. Discurso do promotor, ao qual respondo. Um cheiro de vegetação torturada pelo calor espalha ópio na atmosfera. Prometo visitar, na volta, a cidade em que nasceram Gomes de Souza e João Francisco Lisboa. O trem apita. E eu me despeço, comovido, dessa gente tão boa, e tão singela, que espera do Rio de Janeiro os benefícios que merece como os hebreus esperavam, na vastidão do Deserto, o maná de Moisés. Com uma diferença, apenas: é que os israelitas esperavam o maná, e o tiveram...

§ — Após a partida de Itapecurú, despenca a chuva que o calor renunciava. Sobe da terra quente um hálito de fomalha cujo fogo se tivesse abafado de súbito a jatos da água.

A chuva passa, porém, ou nós a deixamos atrás, e penetramos, depois de Cantanhede, parada em que a máquina se abastece, em uma região diferente. Não deixa de haver babaçu; mas já predomina aí a vegetação ingrata e hostil do “sabiá”, da “unha de gato”, dos cipós espinhentos e fingidamente secos, que formam verdadeiras redes de arame farpado.

Às três e meia atravessamos, a toda velocidade, um povoado, composto de uma grande e larga rua de casas de palha. As galinhas fogem, invadindo o casario, e os cabritos desaparecem com elas, aos pinotes.

— Pirapemas! — comunica-me o diretor da Estrada.

E para despertar o meu interesse:

— Terra de Viriato Correia...

§ — Às cinco e meia, com um resto de dia nas nuvens em que o sol se embrulhou com febre escarlatina, surge, enfim, Coroatá, para onde convergem, dando-lhe movimento comercial, as estradas de rodagem do norte do Estado.

À aproximação do trem estruge o Hino Maranhense. Políticos locais. Moças. E o povo sertanejo, tão pronto a festejar quem vem de longe. O desembaraço dos homens e a distinção e o gosto das mulheres, patenteado no vestir, mostram que a cidade tem animação, tem vida, e confiança no seu destino. Forma-se o cortejo, com a música à frente, e vamos para a pensão em que me está preparado o jantar político.

Dizem os economistas que a adoção do trigo como alimento é um dos índices mais seguros de civilização. Onde chegou o pão chegou o progresso. O hotel, e a pensão, que é a sua modalidade modesta e doméstica, têm, no interior do Brasil, a mesma significação. A cidade, ou vila, que tem hotel, demonstra que vive em contacto com outras, que é procurada por estranhos, que aí vão repousar ou comerciar. A falta de hotel, ou de pensão, é a cruz mortuária sobre uma localidade.

E Coroatá não tem apenas um botei ou uma pensão: tem seis ou oito, cada qual com o seu letreiro na fachada, atraindo os passageiros do trem, vindos do litoral ou do sertão, ou, ainda, os que vêm de Pedreiras e Barra do Corda, pelas estradas de rodagem recentemente construídas.

Jantar abundante, succulento. Discurso do promotor, que me conheceu no Pará. Brinde do velho chefe político da região, coronel Jeferson Nunes, ao Presidente do Estado. E, após, um passeio de automóvel pela cidade, suavemente banhada por um pedaço de lua sertaneja, e que se espreguiça à vontade no sertão imenso como uma criança numa cama de casal. Às ruas, direitas e largas, estendem-se com as suas filas de casas caiadas, mas na

maior parte cobertas de palha, que suaviza, mais do que a telha de barro, a inclemência do sol nos seus fogaréus do meio dia.

Findo o passeio, faz-se a roda, à porta da pensão. O círculo de cadeiras se alarga. Em outro círculo, feito pelo povo, sob a proteção da noite fresca, uma banda de música espalha os seus “dobrados” comovidos ou marciais, com a mestria nascida menos da técnica do que da vocação. O Juiz de Digo do Codó, que se acha aí de passagem, fala-me do Rio de Janeiro, e das sessões da Academia, a que comparecia quando estudante. O promotor refere-se ao meu discurso de recepção. E eu fico a pensar, intimamente, o que será mais doloroso: se permanecer, até à morte, na pequena terra em que se nasceu, sem jamais vir olhar aqui fora o oceano tumultuoso da civilização larga, ou regressar à vida simples e sossegada de uma obscura cidade sertaneja depois de haver provado os entontecedores venenos do mundo...

Às oito horas, partida. Prometo avisar de Caxias o meu regresso, afim de ser preparado um baile.

— Estou com setenta e dois anos, — confessa-me o coronel Jeferson, e há dois anos apenas deixei de dansar.

E ao meu ouvido, alto, para suplantar as vozes da música:

— Dancei até os setenta!

Vivas. Palmas. Adeuses. O Hino Maranhense. E o trem em marcha, atirando à noite o seu penacho de faíscas, que são beijos de fogo, que sobem, revolteiam, e se apagam...

§ — Em viagem, o diretor da Estrada, conta-me achar-se grandemente disseminada em Coroatá a paixão do espiritismo. E adianta:

— Um dos espíritos que mais apareciam era o do padre Antônio Vieira; mas, ultimamente, desapareceu, avisando que se ia encarnar outra vez. É corrente, por isso, no Maranhão todo, que, dentro de dezoito anos, aparecerá no Estado um grande pregador. É o padre Vieira que volta ao mundo.

§ — Dez e meia da noite. Codó. Música. Vivas. Comissões políticas e operárias. E o Prefeito, jovem e animoso, que tem nas mãos um dos mais prósperos municípios do interior. Avisado de que eu só demoraria minutos, aguarda-me com um chá em uma casa próxima. Café, chá, e bolos, os

saborosos bolos de ovos, que eram uma das maiores tentações do meu apetite, quando criança. O povo, que me acompanhara até a casa em que a gentileza municipal me homenageara, leva-me, de novo, até à estação.

Vivas. Música. E o trem parte, cortando, como uma faca de aço que despede fagulhas, o pão negro da noite...

§ — Ao chegar à estação do Codó, avisam-me de que me estão chamando de Caxias. É o coronel João Castelo Branco, chefe governista da cidade. Quer saber a que hora chegarei ali. Explico-lhe que só estarei na sua terra à uma hora da madrugada.

— Não faz mal; nós esperamos... Preparamos-lhe uma ceia, e aguardamos a sua chegada, reunidos...

Peço-lhe desculpas. Que me não esperem, absolutamente. Passarei sem parar, indo até Flores, na fronteira piauiense, de onde regressarei na tarde seguinte, para visitar Caxias.

— Não, senhor, — insiste o chefe caxiense; — o senhor passa amanhã e passa hoje também. Nós ficamos esperando...

Uma hora da manhã. A noite está escura, com grandes nuvens no céu, escondendo os últimos vestígios da lua. O trem apita. Uma banda de música responde com toda a força dos metais. A estação está cheia. Políticos. Operários. Estes, em comissão, saúdam-me em nome da cidade industrial. Abraço-os, a todos. E o trem se põe em marcha, de novo, debaixo de música e das ovações daquela gente boa e amiga, entre a qual vou deixando, de passagem, em formas íntimas de reconhecimento, pedaços do meu coração...

IV

São Paulo, quarta-feira, 11 de dezembro de 1929 — À tarde, viagem a Butantan. Em caminho, na velocidade do automóvel de Fábio Barreto, secretário do Interior, que nos acompanha, contemplo as ondulações do planalto da antiga Piratininga, a terra que se estende até onde os olhos alcançam, na sucessão das suas ondas mortas, de oceano paralisado.

No parque do Instituto, vemos um empregado, com uma pequena forquilha, e de mão livre, deter uma jararaca de, mais ou menos, um metro, e comprimir-lhe a cabeça, entre o indicador e o polegar, fazendo-a ejacular em uma pátena de vidro as dez ou doze gotas do seu veneno. Posto em liberdade novamente, no tanque que circunda o viveiro diabólico, o réptil atira-se a nadar doidamente, enfurecido por não ter feito mal ao seu detentor.

— É a cobra que perdeu o veneno, na expressão popular, — explica-me o dr. Afrânio do Amaral, diretor do Instituto.

E conta-me:

— A cobra, depois que elimina o veneno, é tomada de grande agitação, muna espécie de nervosismo, que dura algumas horas.

Vamos a outro viveiro, cercado por um muro mais baixo. Dentro, duas árvores de folhagem miúda e cerrada, como casuarinas de cemitério. É o serpentário das espécies inofensivas. O funcionário entra, bate em uma das árvores, mais escura com a noite que principia a descer, e a fronde fervilha, e dezenas de cabeças surgem, espiando entre as folhas. Dos galhos da outra árvore menos copada pendem longas bandeirolas cinzentas, que o vento agita de leve. São as peles das cobras que mudaram de vestuário.

Afastamo-nos com tristeza, na quietação do crepúsculo. Olho os arbustos do parque ajardinado. Olho, em seguida, as duas árvores do serpentário. E lembro-me que as árvores têm, como os homens, o seu destino: umas nascem para viver cobertas de frutos e ninhos, e outras, sem culpa nenhuma, para envelhecer, sem perfume de flor ou cantiga de pássaro, sob o abraço traiçoeiro e a baba viscosa dos répteis...

Campinas, quinta-feira, 12 de dezembro — Às seis e meia da manhã partimos, de automóvel, de São Paulo, com destino ao interior; Pires Sexto,

presidente eleito do Maranhão; Wilson Coelho de Souza, funcionário da Secretaria da Agricultura, posto à sua disposição pelo governo; e eu. Uma chuva miúda vem deixar-nos fora da cidade.

As terras que atravessamos a princípio, estão cansadas, mas ainda estão lindas. Recordam essas mulheres que tiveram muitos filhos, até atingirem a esterilidade, mas ainda conservam na face sem rugas, sob a proteção dos cabelos grisalhos, as graças da juventude. Aqui um bosque de eucaliptos, uma larga extensão de terras reflorestadas. E toda essa terra cheira como se estivéssemos no oitavo dia da Criação.

§ — Às nove e meia atravessamos Jundiaí. Cidade antiga, pintada de novo. Em uma das extremidades, num alto, o cemitério caiado de véspera, e, dentro, um jardim com árvores à Le Nôtre, cortadas caprichosamente como as de um logradouro público.

Os mortos, aqui, são, parece, melhor tratados que os vivos.

§ — Às onze horas entramos em Campinas, indo diretamente para o Instituto Agrícola, onde um corpo de especialistas nacionais e estrangeiros estuda os mil segredos do mundo vegetal. A chuva, impertinente e contínua, alaga os caminhos; mas o diretor deve mostrar-nos as plantações da fazenda Santa Elisa, e nós vamos, atolando os carros pelas estradas, ver, de perto, a fortuna verde de São Paulo.

§ — Santa Elisa. Algoduais. Cafezais. Milho. Laranja. A fazenda fica num alto. Em baixo, Campinas, com os seus sessenta mil habitantes. E à direita, e à esquerda, os seus cafezais de oitenta anos, soldados vestidos de verde e que todos os anos se pontilham de sangue.

§ — Ao meio dia, almoço, em um hotel provinciano, casa antiga e vasta e de um só pavimento, — homenagem do Prefeito Municipal, homenzarrão afável e inteligente, reprodução viva do Barão do Rio Branco.

— Antigamente, quando eu ia ao Rio de Janeiro, e o Barão ainda era vivo, — conta-me ele, — muita gente me cumprimentava, confundindo-me na figura.

Chama-se Orozimbo Maia, e foi íntimo de Coelho Neto, quando o romancista aqui viveu como professor de literatura do Ginásio.

Em seguida, visitámos o teatro, ainda em construção, e que tem como originalidade ficar de frente para os fundos de uma igreja, como se a Religião estivesse de relações cortadas com a arte dramática. E para que não faltasse alguma coisa, passámos, de automóvel, pela famosa Casa das Andorinhas.

Estas senhoras achavam-se, porém, no momento, a passeio, ou a serviço público, apanhando insetos nos cafezais.

§ — Eu tenho uma estima comovida e particular pelas cidades secundárias, isto é, pelas cidades que não são grandes centros populosos e por não serem capitais de Estado, não possuem população adventícia de soldados e funcionários em comissão.

As grandes cidades têm o inconveniente de se não conhecerem os seus habitantes, e de poderem florescer, nelas, os escândalos, pela falta de polícia social. As pequenas localidades padecem de defeito contrário: essa fiscalização degenera na bisbilhotice, no enredo, na maledicência. Nas cidades de segunda ordem, de que é tipo Campinas, há a vantagem de todos se conhecerem sem se preocuparem demasiadamente com a vida alheia.

As cidades assim são o ideal para formação de um lar. As famílias têm o zelo da sua reputação, podendo, no mesmo passo, ministrar as moças uma educação perfeita e honesta. A minha impressão de Campinas é, em suma, a de uma cidade em que há conforto e virtude. Levo saudades dela.

§ — Sob uma chuva torrencial corremos, afrontando a água e a ventania, rumo de Limeira. O automóvel rompe a tempestade desenvolvendo uma velocidade de 100 quilômetros à hora. Vemos, de longe, os telhados de Vila Americana. Wilson Coelho de Souza informa-me:

— Era uma cidade de americanos do norte, que abandonaram a pátria e vieram estabelecer-se aqui após a guerra da Secessão.

E acrescenta:

— A sua população atual, quase toda, é descendente dos colonos primitivos: quase toda ela de sangue norte americano.

§ — Nova Odessa. Grandes campos cercados para a criação de reprodutores bovinos. Velha colônia russa.

Pelos campos alagados, puxando um carro com forragem, o neto louro de um *mujik* de Tolstoi.

A terra cheira, em todo o percurso, como uma écloga de Virgílio.

Limeira. Chegamos aqui às 4 horas da tarde. Cidade com ruas íngremes e calçadas, e uma bela praça, com um castelo feudal no meio de um lago. Lago artificial com sapos naturais. O castelo é um botequim.

Visita aos laranjais mais próximos. Alguns deles com quinhentas mil laranjeiras produzindo. Até anoitecer, corremos, de automóvel, entre plantas arruadas. O coronel Leví, primeira figura local pela fortuna e pelas iniciativas, leva-nos a um viveiro de laranjeiras. Estendo os olhos pelo campo imenso e tratado, que desaparece ao longe, ondulado como o oceano.

— Aqui — diz-nos ele, — eu tenho dois milhões e quinhentas mil mudas prontas para a transplantação.

À noite, jantar num hotel, oferecido pelo governo municipal, com a presença de todas as autoridades. Em seguida, passeio a pé pela cidade sossegada e quase adormecida. Um cinema ilumina uma das faces da praça. No lago, centenas de batráquios levantam a voz em desafio. E no castelo feudal, dois “barões”, tomando cerveja — enquanto lá no alto, no céu escuro e imenso, brilham, maduras, sobre a terra da laranja, as louras tangerinas das estrelas.

Campinas, sexta-feira, 13 de dezembro de 1929 — Tendo partido de Limeira, às onze horas, chegámos aqui de novo, pouco depois da meia noite, hospedando-nos em um hotel em frente à estação. E apesar da fadiga, não consegui conciliar o sono. O deus que cerra as pálpebras aos homens, achou fechada, parece, a janela do meu quarto.

Quando viajávamos, ontem, entre Jundiaí e Campinas, cruzamos com dois leprosos, montando dois cavalos, de cuja garupa magra pendiam galinhas amarradas pelos pés.

— A lepra por aqui é uma calamidade, — advertiu-nos Wilson Coelho de Souza, voltando-se para o interior do automóvel.

À noite, no hotel, diante da cama larga, no quarto que me fora destinado, eu olhava com desconfiança a colcha, o cobertor, o travesseiro.

Tirei a roupa, vesti um pijama que trazia, e, estendendo sobre a cama o meu sobretudo, fiz dele, na noite fria, colcha e cobertor. De cinco em cinco minutos um estrépito de ferragens, um apito, um ruído de vapor que se escapa. São as máquinas em manobras, na estação fronteira. E é assim que vejo raiar o dia, o qual me encontra fatigado da meia vigília noturna.

Às oito horas, visita à Fábrica de Sedas Nacional. Trabalho que encanta os olhos; indústria que prende o espírito. Cerca de quinhentas moças em atividade, divididas em quatro ou cinco seções, no edifício vasto e amarelo, cercado de abundante plantação de amoreiras. Um cheiro exquisito, de mulher suada, sobe de toda parte: provém ele dos bichos de seda mortos nos casulos.

Nos porões amplos, amontoam-se os sacos enormes, de casulos do tamanho de um cajá miúdo, e precisamente com esse feitio: uns, brancos; outros, **rosa-claro**, de uma tonalidade de carne; e outros cor de ouro, e denominado “ouro Campinas”, produto exclusivo da região, invejado em todo o mundo.

Centenas de moças, enfileiradas, vigiam as máquinas delicadas, que desfiam o casulo, posto na água quente e, reunindo cinco, ou seis desses fios quase invisíveis, formam um outro que, enrolado em carretéis ou em meadas, vai servir nas fábricas de São Paulo ou do Rio para a manipulação de tecidos.

— Que quantidade de fio tem um casulo destes? — indago do gerente.

— Cerca de 1.200 metros.

— Contínuos?

— Contínuos.

E eu me fico a pensar na paciência do bicho de seda, produzindo esse fio que se não parte e que, invisível quando estendido, só se torna digno de atenção, depois de concluído, quando morre a larva que o produziu. Vêm-me à ideia, então, certas vidas, certas existências longas e obscuras, — fios de seda, trabalhados na sombra, — e que só merecem o apreço dos homens depois de cortado pela tesoura da Morte o fio precioso de que elas se constituíram.

Em uma das salas, um aspecto curioso da vida moderna. Sobre uma grande mesa descoberta e estreita, milhares de borboletas brancas, moles, gordas, pesadas, que batem as asas mas não podem voar. Cobre-lhes o corpo um fino pólen claro, úmido, de flor molhada. Em torno à mesa, dez ou quinze mocinhas de quatorze a dezesseis anos, escolhem duas borboletas, examinam-nas, aproximam uma da outra. As extremidades se contraem; as duas ligam-se, fundem-se, como se se quisessem absorver reciprocamente. E a mocinha coloca sobre a mesa o par amoroso, que fica estremeando, palpitando, naquele prazer de fecundação que é imenso porque é cego, e porque será o último e único de toda a vida...

Ingênuas, inocentes, maquinalmente, as mocinhas vão, à nossa vista, exercendo o seu lenocínio industrial. E eu me faço, a mim mesmo, esta pergunta:

— Este espetáculo de luxúria inconsciente não dirá nada, acaso, à inteligência freudiana destas meninas que se estão fazendo mulher? Estas borboletas não aparecerão, porventura, em mais de um sonho de virgem? Quantas criaturinhas destas já se sonharam, sem prejuízo da sua pureza, transformadas em bômbix, batendo nervosamente as asas de seda, e não despertam de súbito soltando um suspiro envergonhado, que era toda uma revelação?

São Paulo, sexta-feira, 13 de dezembro, 1929 — Partimos de Campinas às nove e meia. Um carro da São Paulo Railway arrasta-nos para o litoral. E antes do meio dia, com o céu de Londres em cima, e a atividade de Chicago ou de São Francisco em torno, estávamos, novamente, em São Paulo.

Sábado, 14 de dezembro de 1929 — Às sete horas, com o céu baixo e escuro, e chuviscos espaçados reclamando capa, descemos o ascensor do “Esplanada-Hotel”. À porta, esperam-nos três carros sólidos, carros de excursão, com o dr. Queiroz Barros, secretário da Viação, e o engenheiro chefe das obras hidráulicas de Santo Amaro. E os três automóveis em fila, deixam São Paulo, indo, em um deles, o presidente Pires Sexto, Queiroz Barros e eu.

Às nove e meia, após uma visita ao serviço de águas de Santo Amaro, que abastece São Paulo, matando a sede aos seus homens e às suas

indústrias, distinguimos no horizonte as barragens colossais da represa. Obra de ciclopes; trabalho de gigantes; feito de engenharia que enche de orgulho o espírito humano.

Do alto da muralha imensa, com os olhos perdidos na vastidão das águas, e quase surdo com o estrondo da catadupa que se lança num canal profundo e estreito como um abismo de montanha, escuto ou, antes, adivinho a explicação que me dá o engenheiro americano:

— Isto aqui era, a princípio, um pequeno vale, para o qual desviámos o curso de diversos rios que desaguavam no Atlântico e deverão agora desaguar no rio Paraná e, por intermédio deste, no Prata. As águas que corriam para o mar, vão correr agora para o interior. E o nosso plano é o seguinte: construir um condutor aéreo, um cabo de grande extensão, o qual, apanhando no porto de Santos lanchas e barcaças carregadas de mercadorias, as tragam pelo ar ao cimo da serra de Cubatão, vindo deixá-las aqui na represa. Daqui, então, essas embarcações, passando de comporta em comporta, ganharão o interior por intermédio do Tietê e de outros rios que correm para o centro, pois, como o senhor sabe, o terreno declina, em São Paulo, à medida que se marcha para o sertão, sendo aqui o seu ponto culminante.

Olho, espantado, o americano.

Uma lancha espera-nos, porém, na represa, e começamos a navegar. Meia hora depois, as torres da barragem dissipam-se na distância, dando-nos a ideia de uma cidade de **arranha-céus**, fechando o horizonte. E o motor da lancha estala, batuca, trepida, passando nós, agora, entre pequenas ilhas que eram outrora cabeços de montes, na base dos quais se aprumava, então, o rancho do caipira ou a casa do colono laborioso. Como no “Uruguai”, de José Basílio da Gama, passeiam agora os peixes entre os galhos em que antigamente cantavam os pássaros... Aqui e ali uma casa, com as suas portas, as suas janelas. É um grupo de habitações, construídas sobre compartimentos estanques, de cimento armado. São casas flutuantes, que as lanchas rebocam naquele mar mediterrâneo, e que são localizadas de acordo com as necessidades do serviço.

Aportamos, enfim, a um ponto qualquer, onde outros automóveis nos aguardam. Estradas desfazendo-se em lama, e lama desfazendo-se em água. Em caminho, uma parada, para um culto ao passado: uma visita à antiga

Estrada do Vergueiro, caminho primitivo da Civilização, subindo a serra. Já aí, porém, temos notícia de que perdemos a parte pitoresca da festa: a neblina, levantada do mar, cobre a montanha toda e a baixada de modo que não poderemos ver Santos, e São Vicente, do alto da serra do Cubatão!

O nevoeiro vai se tornando, na verdade, tão espesso que os carros pareciam isolados numa viagem pelas nuvens. A um metro de distância não se vê nada. Cada um de nós dá ao outro a impressão de estar envolto em gaze, ou escondido num véu de noiva. A neblina parece compacta, sólida, palpável. Não é uma evaporação intangível; é um tecido que se pode, quase, romper com estrépito. E é no meio dela que chegamos à confortável moradia que a Light construiu para o seu diretor no alto do Cubatão, a 700 ou 800 metros acima do mar, e onde nos servem um almoço de príncipes, encomendado por um rei encantado, que se acha ausente na mata, mudado, talvez, em gavião ou papagaio.

E começamos a descer, com destino a Santos. A estrada de rodagem, imersa na névoa, é um punhal mergulhado num monte de linho. De vez em quando, e a cada curva, escuta-se uma buzina, que parece sair do mistério da neblina. Por mais de uma vez escapamos de rolar no abismo, indo de encontro às barras de ferro que separam a estrada e o precipício. Até que chegamos em baixo, e encontramos uma reta cortando um verde oceano de bananeiras, na qual desenvolvemos uma velocidade de 130 quilômetros à hora — carreira que me dá a sensação de um grande sonho em que eu, sem peso material, voasse contra a ventania.

De súbito, uma resolução: vamos primeiro a São Vicente. Tomamos outra estrada, atravessamos a ponte, e eis-nos na cidade colonial, berço da capitania, semente da civilização singela e simpática de velha e honrada cidade nordestina. E, enfim, o mar, a praia imensa e lisa, pela qual rodamos no rumo do sul durante alguns minutos... Damos meia volta, e é Santos, com as suas praias animadas, e as suas extensas ruas de cidade que se preocupa mais com o trabalho do que com os enfeites.

Visita ao Panteão dos Andradas, uma capela ao fundo de uma igreja antiga, mas com entrada independente. Três túmulos: José Bonifácio, ao fundo, como um altar-mor, ladeado por Martin Francisco e Antônio Carlos. Tudo austero, grave, em mármore verde. No mármore, as fases e as frases

que encheram de glória a vida dos três santistas eminentes. Um livro existente na portaria mostra a perpetuidade do culto aos três varões que ali dormem: todos os dias vai gente, não pouca, em visita àqueles túmulos. Vamos, ainda, ver o monumento que lhes é consagrado, e que é o mais belo e eloquente do Brasil. E às três horas estamos subindo a serra debaixo de um temporal formidável, como Moisés subiu o Sinai: entre raios e trovões, que passam e estrondam ao nosso lado ou abaixo de nós e rolam pelo vale imenso como se tivesse chegado o dia do Juízo Final. Pelo leito da estrada a água despenha-se, como a torrente de um rio em declive. E nós correndo contra a correnteza, montanha acima, buzinando no meio da tormenta, qual se quiséssemos sair da terra, e galgar o céu para escapar ao Dilúvio Universal.

De súbito, uma “panne”. O automóvel pára no alto da montanha. A chuva diminuiu porque a tempestade desceu. E nós vemos lá embaixo, a nossos pés, o duelo dos raios e o ronco dos trovões, como se fossémos agora os senhores do céu e víssemos, de cima, os elementos desencadeados contra os homens.

Um caminhão vindo de Santos vendemos gasolina. Avançamos até São Bernardo, que atravessamos. Admiramos, por um instante, o soberbo monumento do Ipiranga, e seu jardim, onde os “bougainville” cromatizam a verdura com os seus montes de pétalas róseas, vermelhas ou arroxeadas. E às quatro horas estamos em São Paulo, depois de havermos, no mesmo dia, visitado uma parte da corte do céu: São Paulo, Santo Amaro, São Vicente, São Bernardo, e Santos, — cidade consagrada, parece, pelo nome, aos “poilus” do Paraíso, isto é, aos santos desconhecidos...

VII

Sábado, 4 de outubro de 1930 — Ao regressar para casa, vindo do cinema, às dez e meia da noite, meu filho Henrique sobe ao meu gabinete, onde me encontra escrevendo, e comunica-me, espantado:

— O senhor soube que houve um atentado contra o Washington? Pois, houve. Ele tinha ido visitar a Escola Naval e um oficial de Marinha deu-lhe um tiro. Dizem que ele está ferido; e as forças já se acham todas de prontidão. Aí no canto os soldados estão revistando as pessoas e não deixam passar mais automóvel pela frente do quartel.

Ouçõ alguns trilados repetidos e chego à janela. À esquina da Barão de Mesquita com a rua Amaral uma patrulha detém os automóveis, revistando-os. Procuo telefonar para alguns congressistas maranhenses, para lhes pedir informações seguras, e não consigo ligação. E deito-me na ignorância de tudo, conservando-me a ler até as duas horas da manhã. Às quatro e meia, porém, a campainha do por tão retine. Desço. É um telegrama urgente do “leader” Cardoso de Almeida pedindo para comparecer à sessão da Câmara, afim de “deliberar sobre assunto da alta importância”.

Às sete horas, enfim, o primeiro jornal com o primeiro esclarecimento: “revolução em Minas e no Rio Grande do Sul!”

§ — À uma hora em ponto chego à Câmara, que já fervilha de deputados. À entrada do recinto, do lado da rua da Assembleia, uma pequena mesa com um funcionário e uma folha de papel. Diante dela, Cardoso de Almeida, que me detém, fisionomia preocupada.

— Assina aqui, — diz-me.

— Que é isso?

— Pedido de sítio.

Leio o projeto. Pede-se o sítio para os Estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraíba e Rio de Janeiro, e para o Distrito Federal. Assino, e penetro o recinto, onde, em grupos, os deputados procuram conhecer as novidades. Cruzam-se os boatos. Em Minas o movimento é dirigido pelo ex-presidente Bernardes, tendo como comandante das forças rebeldes o general Santa Cruz, que foi chefe da sua casa militar. Os revolucionários fizeram saltar

as pontes e inutilizar os túneis, impedindo assim qualquer auxílio às forças federais que se acham cercadas em Belo Horizonte.

— Mas as esquadrilhas aéreas já estão bombardeando a cidade, — explica um.

— Eles prenderam o comandante do Regimento, mas um major assumiu o comando e está resistindo à Polícia mineira, que tem ali 6.000 homens, — informa outro.

Do Rio Grande, as notícias são ainda mais contraditórias. Segundo uns, a força federal ali aquartelada, composta de 13.000 homens, teria aderido ao movimento, depois de prender os respectivos comandantes. Segundo outros, uma parte dessa tropa continua fiel ao governo, e resistindo. Tudo obscuro, vago, impreciso.

À uma e trinta, o presidente Rego Barros abre a sessão. Dia quente, de sol forte, apesar de ainda não haver terminado a estação invernososa. Leitura da ata e do expediente. Concluída esta, faz-se rigoroso silêncio: silêncio apreensivo, como esse que anuncia a tempestade que vai desabar. Cardoso de Almeida, vestido de escuro, colete branco, encaminha-se para a tribuna que fica à direita do presidente, subindo, lentamente, os cinco degraus. Deposita alguns papéis, passa o lenço de linho pelo rosto suado e pelos bigodes brancos, e, emocionado, mas enérgico, inicia o seu discurso:

— Senhor presidente. É dominado pelo mais profundo sentimento de revolta que venho comunicar à nação brasileira que irrompeu, ontem, um movimento subversivo em Belo Horizonte e em Porto Alegre, com imediata repercussão em outras cidades de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul.

E continua severo, firme, vigoroso, mais, porém, na entonação do que na frase, como quem quer impressionar sem ferir. De repente, um aparte de Maurício de Lacerda. A bancada paulista revida, em coro, impetuosa. Balbúrdia, tumulto, tímpanos. E cinco minutos depois, cumprido o seu dever político, desce o orador da tribuna, iniciando-se então a discussão do projeto por ele apresentado, o qual, às 4 horas, é aprovado por 111 votos contra 5.

Nas galerias e tribunas populares, a Polícia Civil, sentada, fiscaliza, em silêncio, os poucos estranhos que compareceram ou tiveram permissão para assistir aos debates.

Domingo, 5 de outubro — Sessão extraordinária da Câmara, para votar o crédito de cem mil contos destinados a despesas com as operações militares. Maurício de Lacerda e Adolfo Bergamini proferem discursos incendiários, que morrem entre as quatro paredes da casa, cujas galerias se acham desertas. Pedindo-me reserva, o deputado paulista X... comunica-me haver o senador gaúcho Y... seguido de avião, pela madrugada, para o Rio Grande, afim de fazer a contra-revolução.

§ — Pela manhã, um telegrama reservado do presidente do Maranhão informando que, no Piauí, a situação é grave. O batalhão federal e as forças de polícia revoltaram-se. O governador desapareceu.

Segunda-feira, 6 de outubro — Atmosfera pesada de apreensões. Pela manhã, o deputado maranhense Z... telefona-me, comunicando-me que os revolucionários de Te- resina já chegaram a Caxias, ameaçando descer para S. Luiz. Na Câmara, palavras misteriosas sobre a situação em Pernambuco. Em conversa, o deputado baiano F..., passando o seu braço magro pelo meu ombro, conta-me, confidencial:

— O nosso Washington está traído, meu caro Humberto! Há um mês eu recebi carta de um amigo, oficial do Exército, avisando-me que esse movimento ia rebentar. Fui ao Ministério da Guerra e mostrei essa carta ao Sezefredo. Ele riu, achou graça, e, chamando outros oficiais que se encontravam no gabinete, levou o negócio para o lado da pilhéria, assegurando-me que não haveria nada. Saí com a cara deste tamanho, de envergonhado. No caminho, porém, comecei a pensar. Corri ao Telégrafo e avisei o coronel Franklin, para que reunisse a nossa gente e mandasse buscar as armas e a munição que eu tenho lá. E graças a isso, é que 600 homens nossos já entraram a esta hora em território de Minas, no alto São Francisco. Fosse eu me fiar no ministro e teríamos sido apanhados de surpresa!

Meia hora depois, o deputado cearense B... conta-me, por sua vez:

— Esse ministro é um..., “seu” Humberto!

E informa-me que, anteontem, tendo recebido um telegrama do presidente do Ceará comunicando-lhe uma tentativa de sublevação do Colégio Militar em Fortaleza, correu ao Guanabara afim de mostrá-lo ao presidente da

República, e pedir as providências que o telegrama indicava. O presidente já se achava recolhido, e mandou-lhe dizer que fosse, com urgência, ao ministro da Guerra. Ele foi, e solicitou a transferência de alguns oficiais.

— Para substituir por quem? — indaga Sezefredo.

— V. excia. é quem sabe.

— Eu, não; eu não tenho ninguém. O senhor pense, e faça a indicação, que eu atendo. Mas acho desnecessário.

E B..., batendo-me na perna:

— Uma iníamia, “seu” Humberto!

§ — Nove horas da noite. Telefonema do deputado maranhense Z...:

— Sabes? O Camargo já foi reposto no governo do Paraná. Foi reposto pela força federal.

— Ele tinha sido deposto?

— Não sabias? Pois tinha. E Belo Horizonte foi bombardeada hoje pelos aviões do Exército. Dizem que fizeram estragos horríveis. O Olegário Maciel passou um radiograma ao Washington, protestando.

— Eo Norte?

— De lá, nada de novo... Até amanhã.

— Até amanhã.

Terça-feira, 7 de outubro — Por decreto de ontem foi tornado extensivo a todo o território da República o estado de sítio. Outro decreto, da mesma data, tornou feriados nacionais os dias de 6 a 21, afim de evitar a corrida aos Bancos. E hoje foi publicado outro, convocando todos os reservistas de 20 a 30 anos, afim de receberem instrução e seguirem para os campos de operações.

Boatos a granel:

— O Estácio Coimbra foi assassinado!

— O Penteado, de S. Paulo, acaba de ser deposto!

— Assassinararam o Aristeu de Aguiar, do Espírito Santo!

E ninguém sabe, ao certo, onde está a mentira e onde a verdade, de tão semelhantes que são as vestimentas com que uma e outra se apresentam.

Quarta-feira, 8 de outubro — Antes de ir para a Câmara, entro no Senado, que se acha quase vazio, e onde encontro o venerando senador Y, que, pequeno e enterrado em si mesmo, me puxa para um sofá.

— Notícias do Maranhão? — peço-lhe.

— Nenhuma. Então, não estamos cortados?

— Cortados?

— Como não? Com a tomada de Teresina ficamos sem o Telégrafo Nacional; e com a de Pernambuco, sem o Submarino. O único recurso agora é o Rádio, e por esse não tem vindo nada.

Peço-lhe informações mais claras, e ele adianta:

— O Estácio abandonou a cidade aos rebeldes, e vem aí, a bordo do *Aratimbó* ou do *Araçatuba*; e o Lamartine com a tomada de Natal, fugiu para o Ceará. O peor, porém, é o que os rebeldes fizeram com o João Dantas, assassino do João Pessoa: retiraram-no da prisão, arrastaram-no para a rua, amarraram-no a uma coluna de uma das pontes, eneharcaram-no de gasolina, e queimaram-no vivo!

Na Câmara, encontro, num grupo, o ex-deputado Guaraná, que informa ter uma coluna revolucionária invadido o Estado do Rio tomando Pádua e Itaperuna, com o propósito de marchar sobre Campos. A polícia fluminense concentra-se nesta última cidade para defendê-la.

§ — Às três horas da tarde, vamos, os seis deputados maranhenses, levar ao presidente Washington Luiz, no palácio Guanabara, os protestos de solidariedade da bancada. Em uma antessala do primeiro andar, encontrámos, uns de pé, outros sentados, alguns deputados e senadores paulistas. No centro, uma jiquena mesa, sobre a qual um vidro grosso fixa duas cartas geográficas, uma de Minas Gerais, outra do Rio Grande do Sul. Sobre elas, curvado, o deputado paulista A. P., com a sua figura morena de cavaleiro mouro ou de apóstolo indú, e que nos dá algumas informações sobre a marcha das tropas legais em território mineiro.

— A polícia mineira pretendia penetrar no Estado de São Paulo, — diz, acompanhando a explicação com o dedo sobre o mapa; — aqui por Itapira, a fim de atingir Campinas e cortar as comunicações da capital com o interior. A força federal aquartelada em Pouso-Alegre deteve-lhe, porém, a marcha, dando-lhe combate, desbaratando-a e fazendo cerca de quatrocentos

prisioneiros. Os remanescentes da tropa mineira fugiram para Ouro Fino, de onde estavam hoje pedindo auxílio, num rádio que surpreendemos.

— E no sul?

— No sul os revolucionários ainda se conservam no Rio Grande, entretidos pelas guarnições federais. Ainda não passaram a fronteira, onde o general Nepomuceno tem já concentrados 3.000 homens. Ainda há pouco recebemos um rádio em que ele comunica que Santa Catarina e Paraná se acham em completa paz.

Nesse momento um oficial baixo, de branco, se aproxima de nós, da bancada maranhense:

— O Sr. Presidente convida vossas exs. para entrar.

Atravessámos outra sala estreita, mas deserta, e abre-se uma porta. E penetrámos num acanhado gabinete de trabalho, em cujo centro se vê uma pequena mesa ao comprido, com duas cadeiras de cada lado e uma em cada cabeceira. Em uma destas, o presidente, que examina grandes folhas de papel com algarismos em colunas, contendo, talvez, os contingentes militares em armas. À nossa chegada, põe-se de pé, e pede que nos sentemos. Agradecemos e, de pé, o deputado Z... diz-lhe, em poucas palavras, que ali estamos para manifestar-lhe a nossa solidariedade, naquele grave momento da vida da República. O presidente agradece, lembrando que a política do Maranhão fora sempre um modelo de lealdade partidária, sustentando inflexivelmente a causa da ordem. E, de pé, com uma das mãos no espaldar da cadeira em que estivera sentado, fala, animado, sobre a situação, movendo o corpo como se dansasse ao som da própria palavra:

— Os senhores estão vendo? É uma loucura, a desses homens! O meu espanto é tamanho diante do que está acontecendo, que eu não quero crer na realidade. Tudo isso me parece um sonho, um pesadelo, de tão inacreditável. Então, agora, precisamente quando a nossa situação começava a melhorar, com o câmbio em ascensão e aumentava a nossa exportação de café, é que se lança o país numa luta armada? Parece-me um pesadelo, repito. E tão absurdo, que só me parece que os homens públicos aos quais se atribue esse movimento se acham sequestrados, e que há uma porção de ini-migos do Brasil, vindos do estrangeiro, agindo em nome deles!

Olho-o, e examino-o, enquanto ele fala. Veste um terno cinzento, de algum uso, paletó abotoado. Gravata escura, de laço frouxo. Na fisionomia congestionada, os sinais das vigílias e dos sofrimentos profundos. Olhos empapuçados, nariz grosso, como num dia de corisa. O paletó folgado dá a impressão de quem emagreceu em quatro dias. As suas palavras, rápidas e precisas, são menos de revolta e de indignação do que de queixa e ressentimento. A explosão de um homem que se considera colhido de surpresa, e que não compreende por que os adversários não lhe mandaram participar que iam fazer uma revolução. Em tudo isso, porém, o traço elegante, o sorriso amável, de quem se acha gravemente ferido e não quer desfalecer.

§ — À noite, em casa, duas informações graves sobre um mesmo assunto:

— Fugiram do Campo dos Afonsos quatro aviadores com os respectivos apare-lhos, indo juntar-se aos revolucionários!

Lembro-me que a minha casa fica a cinquenta metros de um quartel legalista, alvo provável de um bombardeio aéreo. E penso nos meus livros inéditos, sepultados comigo, e no destino destas pobres notas, que, possivelmente, ninguém lerá...

Quinta-feira, 9 de outubro — Sem saber por que, acordo com o coração povoado de pressentimentos. Tenho a impressão de que me vai suceder alguma coisa grave e inesperada. E fico, assim, até depois do almoço, quando, já quase vestido para sair, minha mulher sobe ao nosso quarto e anuncia-me, tomada de inquietação:

— Sabe o que o jiaqueiro acaba de informar? Mataram o Dr. Suassuna!

— O deputado?

— Sim; ele ia saindo do hotel quando foi assassinado.

Acabo de vestir-me, e vou à Câmara, onde sou informado, pelos colegas e pelos primeiros jornais vespertinos, da veracidade da notícia. João Suassuna, apontado como cúmplice no assassinio de João Pessoa, foi morto, a bala, às oito e meia da manhã, à rua Riachuelo, esquina da dos Inválidos, por um desconhecido, que fugiu, rápido, galgando o morro de Santa Teresa.

Na biblioteca da Câmara fico, durante mais de uma hora, a conversar com o deputado mineiro Fidelis Reis, que tem os olhos húmidos de lembrar os patrícios nossos que se estão exterminando, neste momento, nos desfiladeiros da Mantiqueira. E quando me despeço, é para encontrar o deputado F... que, arrastando-me para uma janela do lado da rua da Assembleia, me comunica, alarmado:

— Sabes? O Maranhão foi tomado!

— Com certeza?

— Absoluta, filho! Eu venho agora mesmo do Telégrafo, onde o Chefe do serviço me disse, em segredo, ter chegado um telegrama, ou um rádio, nesse sentido. O Mingo já saberá? Vamos chamá-lo.

Vem Domingos Barbosa, que ignora, ainda, o fato. O que lhe consta é que Fortaleza caiu em poder dos revolucionários, e que o presidente Matos Peixoto já vem a caminho do Rio.

— Vamos ao Telégrafo? — convida.

Vamos, os três. A chuva fina, que cai, desde a madrugada, com pequenos intervalos, torna a tarde triste, quase fúnebre. No Telégrafo, o informante procura evasivas: — Foi um rádio que nós apreendemos; mas, como sabem, esses boatos quase sempre são confirmados... Fala-se no Ceará, também ... Mas é tudo incerto... Eu vou expedir um rádio cifrado, via **Pará**... Vamos ver se vem resposta. O que constar, eu comunicarei aos senhores, até às oito da noite...

Outro funcionário idoso, o engenheiro L..., vem participar da conferência:

— Oitenta por cento dessa Revolução, — diz, — está sendo feita pelo rádio. O senhor não imagina as informações que os revolucionários espalham com as três estações de alta potência que possuem! Ainda ontem interceitamos um rádio de Belo Horizonte comunicando ao país todo que 3.000 homens do Exército e da milícia gaúcha se achavam às portas de S. Paulo, cuja polícia aderira ao movimento, e que a capital cairia dentro de poucas horas. E hoje outro, dizendo que o forte de Copacabana estava bombardeando a cidade, cuja população se achava espavorida, e que o general Tasso Fragoso havia assumido a Presidência da República. E o mais interessante é que esses comunicados são transmitidos com a assinatura do presidente Olegário Maciel!

Ao sairmos do Telégrafo, o nosso companheiro F... toma-me da mão, retendo-me:

— “Seu” Humberto, você não acredita em cartomante? Não lhe aconteceu nada ainda desse gênero?

— Não; por que?

— Pois, eu acredito, e vou contar a você uma coisa. Há aí uma cartomante a quem eu consulto sobre todos os atos da minha vida. Essa criatura previu que eu ia ser deputado, previu os riscos que ia correr a minha candidatura, e previu até que eu arranjaría dinheiro, um dia, para pagamento de uma letra de três contos de réis... E eu hoje fui consultar essa mulher.

— E que disse ela?

— Disse que nós havíamos de vencer!

E intrigado com o meu sorriso:

— Se você não acredita, não ria!

§ — Antes de sair da Câmara, um funcionário da casa, S. B., dá-me a mais séria das notícias: seu cunhado, oficial do Exército, disse-lhe, hoje, que já se cogita nas classes armadas da organização de mna Junta Militar, a qual apelaria para os revolucionários pedindo-lhes que depusessem as armas e enviassem os seus delegados para assentarem as bases de um governo novo.

Essa informação desperta-me reflexões e, mais do que isso, apreensões. Por mais generosos que fossem os propósitos dos chefes militares, a tentativa de um entendimento entre eles teria resultado funesto. Segundo se sabe no Rio, as tropas revolucionárias estão sendo comandadas no sul por Luiz Carlos Prestes; em Minas pelo general Isidoro Lopes e no norte pelo capitão Juarez Távora. Esses militares têm, cada um, ideias políticas próprias e radicais: o primeiro, é comunista, o segundo tem espírito conservador e o terceiro tende, mais ou menos para “racismo” constitucional, que me parece a forma de governo mais aplicável ao país, carecido de disciplina. Vitorioso, nenhum desses homens cederia as suas palmas ao outro, renunciando aos seus direitos e às suas ideias. E teríamos, possivelmente, a guerra de secessão, com o Brasil dividido em três, até tombar de cansaço.

O Futuro é, porém, cioso dos seus segredos. Só Deus os conhece, se é que ele próprio não é surpreendido pelo inesperado. E eu deixo aqui os meus

temores para serem conferidos com a realidade, — caso escape alguma coisa dos horrores do incêndio.

§ — Sessão da Academia. Olegário Mariano espalha uma notícia:

— Paulo Hasslocher, coitado, foi liquidado em Porto Alegre.

E completando o informe:

— Foi fuzilado!

Fernando Magalhães diz-me, a um canto:

— Se o Bernardes vier como ditador, vou-me embora deste país. Mudo-me para a Europa com a família.

E Felix Pacheco, ao meu ouvido:

— Eu auguro mal dessa ida do Santa Cruz para o norte; ele é impetuoso e violento em demasia... O que se requeria no caso era um general cauteloso e hábil, mais para contemporar do que para lutar... Ele é homem para sacrificar-se e sacrificar a força que levou...

Falo-lhe daquilo que eu faria, na situação do Presidente Washington Luiz: um apêlo aos presidentes do Rio Grande e de Minas, aceitando as reformas que eles propusessem, renunciando o mandato e o de Júlio Prestes, com a escolha de novo presidente e a eleição do novo Congresso. Contanto que se conseguisse a paz e se evitasse o desmembramento do país.

E Felix:

— Já seria tarde... Eles não aceitariam...

Sexta-feira, 10 de outubro — Dia chuvoso e frio. Após uma noite de ventania hú-mida, as serras da Tijuca e do Andaraí aparecem como enormes incensórios, de que sobem rolos de neblina clara. Chuviscos miúdos e constantes molham a rua, como um choro dolorido da Natureza, solidária com a inquietação dos homens.

No quartel próximo à minha casa cresce a vigilância. Nos seus terraços altos estiveram, durante o dia inteiro, soldados de prontidão, olhando o horizonte, na terra e no céu. À noite, de ontem para hoje, passaram pela minha rua canhões e metralhadoras para guardar um morro que fica à nossa esquerda, e que parece ponto estratégico, e uma das chaves militares do bairro.

Durante o dia vou à cidade. Na Câmara sou informado da prisão dos deputados Maurício de Lacerda e Adolfo Bergamini, e que as forças legais tomaram Barbacena, aproximando-se, assim, de Belo Horizonte. Confirma-se a queda do Maranhão e do Ceará em poder dos revolucionários. Ao penetrar no recinto, em que só se veem, palestrando, os representantes dos Estados ocupados pelos rebeldes — Ceará, Pernambuco, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, — lembro-me dos bispos sem diocese, e saúdo-os:

— Senhores deputados pela Betsaida, salvé!

E eles, sucumbidos, sorriem, sem compreender. Ou compreendem, mas não acham graça nenhuma.

Oito horas da noite. Chuva constante e fina. Do quartel próximo saem forças de infantaria equipadas, para guarnecer o morro. Entre este e o quartel fica a minha casa. Enquanto isso, trillam apitos na noite escura e húmida e na rua militarizada, eu, como aquele monge Nestor, de Anatole France (*La Vie littéraire*, vol. I, pref., pag. VI), escrevo serenamente estas notas, anestesiado, ou melhor, bêbado de literatura...

Que monstro guardará, entretanto, esta noite, no seu ventre inchado e negro?

Sábado, 11 de outubro — Tendo de escrever uma crônica, para o Cruzeiro, permaneço em casa até à tarde, quando saio para entregá-la. Em caminho tenho a pouca sorte de só encontrar derrotistas. De modo que, para contrabalançar o que eles me dizem, me vejo na contingência de comprar dois jornais legalistas, na esperança de ler verdades ou mentiras que me confortem.

É essa urna das lições de sabedoria que tiro da situação. Nos momentos como este, o espírito pede, reclama, exige palavras de animação e de coragem. As informações optimistas podem ser mentirosas; mas fazem bem. Dá-se com o político, nesses instantes, o que sucede com os fumantes inveterados: eles sabem que os cigarros medicinais que lhes oferecem são falsificados e não têm nicotina. Mas consolam-se com a fumaça ...

Eu tenho escrito por mais de uma vez sobre a desvalorização da vida humana, que acompanha e precede as guerras e as revoluções sangrentas.

Hoje, tive mais ou menos a confirmação prática dessa conclusão teórica. Eu sou, ordinariamente, um homem que tem medo da morte. Nas ocasiões como esta, porém, em que a vida se torna tão inquieta e o caminho do Desconhecido a todo instante se enche de almas, a impressão que eu tenho é que a morte não me custaria tanto e teria, mesmo, o valor de uma libertação.

O que há de trágico e apavorante na morte é, parece, o cenário: a família em torno, as lágrimas, os gritos, as lamentações, e a certeza de que os outros aqui ficam e o morto não sabe para onde vai. Em tempo de guerra ou de epidemias, morre-se por grosso. Outros foram na véspera e outros irão no dia seguinte.

Quem morre nesses dias, em geral, nunca vai só, e isso constitui, já, para o egoísmo humano, uma espécie de consolação... subsídio do mês passado foi consumido quase todo no pagamento de promissórias (uma de R\$ 3000.000 ao Banco Mercantil do Rio de Janeiro, outra de R\$ 500.000 ao Banco Federal) assinadas para pagar uma parte dos juros da hipoteca da casa no ano passado, e a prestação de um piano. De modo que, dentro de poucos dias, terei, talvez, de celebrar, também, com a mão no bolso, a última “retirada” dos Dez Mil...

Segunda-feira, 13 de outubro — Na Câmara, onde chego ainda cedo, e que encontro quase deserta, escuto do deputado Z... esta observação, feita ao nosso colega de bancada Gr..., que se refere com ênfase às garantias do Legislativo:

— Cala a boca. Nós aqui estamos por um fio.

E olhando em torno, para ver se alguém nos escuta:

— Então vocês não sabem que alguns generais já pensam em fazer o Washington ditador, para que ele permaneça no poder até o restabelecimento da ordem?

§ — Às três horas da tarde reunião da bancada maranhense na sala da Comissão de Justiça do Senado. Presentes todos os senadores e deputados. O objetivo é tratar da situação do partido, e definição da nossa atitude ante a deposição e fuga do presidente Pires Sexto. Sabe-se, por informação segura, que o Presidente Washington Luiz se mostra indignadíssimo com os

governadores que abandonaram os seus postos sem luta, ordenando que nenhum deles lhe aparecesse no Rio. Assim é que ficaram na Baía, para de lá regressarem aos respectivos Estados sob a proteção das forças federais, Estácio Coimbra, de Pernambuco; Juvenal Lamartine, do Rio Grande do Norte; e Matos Peixoto, do Ceará. O senador nortista Y... contou ao deputado Z... que foi quatro vezes ao Guanabara sem ser recebido pelo Presidente, o qual, afinal, fazendo-o entrar, e sabendo que o governador J..., do seu Estado, vinha para o Rio de Janeiro, o interpelou, irritado:

— Que é que ele vem fazer aqui? Só se vem, como os outros, exhibir na Avenida Central a prova da sua pusilanimidade.

E no mesmo tom:

— Diga-lhe que desembarque na Bahia e regresse de lá com a expedição que vai partir para reconquista do Norte.

Tendo o presidente Pires Sexto embarcado do Maranhão para o Pará, onde se encontra, e tendo o ex-deputado M... recebido um rádio do seu irmão, homem rancoroso e violento, perguntando se deve fuzilar alguns dos nossos amigos que se acham em seu poder,urgia uma providência da nossa parte, para não incorreremos no crime de deslealdade ou de covardia, que se vem descobrindo em outras situações estaduais. E o ponto capital, em torno do qual iam girar as nossas deliberações, era o oferecimento do senador M..., o qual se prontificava a abandonar as suas regalias de membro do Congresso para reunir-se aos seus amigos do Estado, correndo a sorte que lhes estivesse destinada. Acha ele que o seu brio de militar e o seu dever de político não lhe permitem permanecer indiferente ao destino daqueles que estiveram a seu lado nos dias de prosperidade, e está disposto a seguir, mesmo como simples soldado, com a expedição que vai operar para reconquista dos Estados do Norte. Conhecendo perfeitamente a topografia da ilha de São Luís, ser-lhe-á fácil um desembarque durante a noite no litoral, e penetrar na cidade pela madrugada, tomando-a de surpresa e sem luta. O que se torna necessário no momento, é levar o fato ao conhecimento do Presidente da República, para que ele lhe mande pôr à disposição, no Pará, duzentos homens, e os meios de transporte que se fizerem precisos. O deputado Z... propõe que escrevamos, coletivamente, uma carta, ideia que eu combato, fazendo sentir que o efeito de uma carta depende muito do estado de espírito de quem a lê. Proponho, por

isso, a escolha de um emissário, pessoa da intimidade do Chefe da Nação. Quem será ele, porém, se os nossos amigos, e que o são também do Presidente da República, se acham todos em São Paulo, como Vilaboim e Cardoso de Almeida? O senador M... propõe que eu vá, sozinho, ao Presidente. A minha qualidade de homem de letras é uma garantia contra a sua possível má vontade, no estado de irritação em que deve estar conosco, e de que tem dado demonstração com outras bancadas. Ponho em dúvida esse meu prestígio, essa capacidade para amarrar o guizo no pescoço do gato, e proponho uma visita coletiva. A prova-se a ideia de um pedido de audiência. E é indicado o deputado Z... para ir ao Guanabara pedí-la, enquanto nós ficamos à sua espera, em sessão permanente.

Uma hora depois, regressa o deputado Z... radiante:

— Rapazes, o resultado foi melhor do que nós esperávamos. O presidente mandou-me entrar, e eu expus o desejo do M... E ficou verdadeiramente comovido com essa prova de abnegação dele, indo em auxílio dos seus amigos ameaçados. Diz ele que os homens de bem não precisam de audiência, e que o M... será imediatamente recebido em palácio. Lamenta apenas que o Ministro da Marinha não lhe tivesse levado ontem o pedido dele, pois ontem partiu o “Pará” para o norte, levando munições; mas, se ele quiser seguir, amanhã pela madrugada deve partir daqui, a serviço da Marinha, um avião, que encontrará ainda o “Pará” na Bahia.

Contentamento geral, em que há umas notas de constrangimento. Todos admiram o soldado destemido e o amigo abnegado. E todos nós queríamos estar no seu lugar, contanto que alguém nos desse a palavra de honra de que não haveria o menor perigo na expedição. E é contente que o senador M... acompanhado do deputado Z... parte para o Guanabara, afim de despedir-se do Presidente da República.

§ — Nove horas da noite. Telefone. E o senador M... que me comunica, a voz surda:

— Olha... Eu sigo às três horas da manhã... de avião... Mas aqui em casa ninguém sabe nada... pensam que eu vou a São Paulo... Piquem tranquilos e confiantes... Um abraço... Vou me arruma...

Corro à sua casa. O senador M... o senador G..., o deputado Z... Na sala de espera, mme. M... que saiu há poucas horas da Casa de Saúde onde o filhinho de cinco anos foi operado há oito dias, escuta o rádio, despreocupada e satisfeita. Descemos ao porão, onde M... me conta:

— O Presidente me comunicou que está sendo organizada no Pará uma expedição de 3.000 homens, sob o comando do coronel S., com elementos da Polícia do Pará e do Amazonas. Eu pretendo chegar ao Maranhão à noite, e fazer um desembarque fora, em São Marcos. Marcharei durante a noite para entrar na cidade, por terra, antes de amanhecer. O navio em que eu for entrará no porto nesse momento, e fará alguns disparos de pólvora seca, para amedrontar. Eu conto entrar na cidade de surpresa.

Despedimo-nos. Fica combinado que, no dia seguinte, após a chegada de M... à Baía, o deputado Z... e o Dr. B..., procurem mme. M..., para dizer-lhe a verdade.

Terça-feira, 14 outubro — Na sala do café da Câmara, conta-me Plínio Marques, 1º vice-presidente:

— Já soubeste do caso do P...

— Não.

— Ele fugiu a bordo do “Afonso Pena”, com a família. Ao passar, porém, ao largo de Pernambuco, um rebocador com metralhadoras fez parar o navio e o Juarez Távora, que nele vinha, passou revista à bagagem do P..., encontrando nela 750 contos de réis. Com certeza ele trouxe o “cobre” porque não passou o governo a ninguém e era responsável pelo Tesouro do Estado. Mas o certo é que ele nunca mais se livrará da pecha de ter fugido com o dinheiro.

§ — À noite, telegrama do senador M..., que chegou bem à Bahia.

Quarta-feira, 15 de outubro — Telefonema do deputado Z... Comunica-me ter ido, ontem, à noite, dizer a verdade a rume. M... sobre a viagem do marido.

— E ela?

— Chorou quando soube, mas confessou que estava certa de que ele não tinha ido para São Paulo, como dissera. A sua desconfiança, que,

entretanto, não lhe revelou, nasceu quando ele começou a arrumar a bagagem. E sabes por que foi que ela desconfiou? Porque o viu por seis pijamas na mala para ir passar uma noite em S. Paulo...

Argúcia de mulher, quem duvidará de ti?

Dia escuro, triste, de céu baixo, e sem sol. Terminando hoje o prazo para apresentação de todos os reservistas de vinte a trinta anos, encontro as ruas cheias de rapazes que se encaminham para os quartéis. Cidade animada de gente desanimada. Na Câmara, uma pesada atmosfera de derrotismo. O deputado paulista A. de C. torce o nariz às notícias boas, pondo-as em dúvida, a meia voz. O deputado cearense A. de V.; oficial da Marinha, franze a testa como quem vê tudo perdido. Alguns legalistas intimidados conversam, amáveis, com os mineiros da corrente revolucionária que comem a aparecer. À saída, para irmos ao Ministério da Marinha, o deputado Z... diz-me:

— Sabes o que está correndo por aí?

— Não.

— Consta que o general Nepomuceno foi cercado e batido no Paraná.

No ministério, onde vamos regularizar a situação do nosso amigo M..., que se foi incoorporar à expedição ao norte em socorro dos nossos amigos ameaçados de fuzilamento no Maranhão, o comandante F... com quem nos entendemos, nada sabe sobre o desastre do Paraná. Mas desmente a notícia, que circulou há dias, de que o presidente do Estado tivesse sido preso.

— O Afonso Camargo continua em Santos, e Curitiba em poder dos revolucionários, — diz.

E acentua:

— De qualquer modo, é luta para muitos anos. E eu acredito que algumas gerações tenham de entrar em fogo... A afluência de rapazes é enorme. Só o município de Petrópolis dará, talvez, nesta primeira chamada, mais de três mil homens...

Dia triste, enfim, sem que se saiba porque. Percebe-se no silêncio, com os ouvidos da alma, um sino dobrando a Finados...

Quinta-feira, 16 de outubro — No Senado, onde encontro Antônio Azevedo cercado de congressistas e repórteres, tenho a notícia de que é falso o boato de aprisionamento das forças que operam no Paraná.

— Não acredites nunca em prisão do N... — diz o senador A... — Ele tepi tanto de valente quanto de burro. Se te disserem que ele morreu, acredita; mas que ele foi preso vivo, duvida.

Irineu Machado, com a sua cara de judeu, — nariz aquilino, olhos vivos e azulados, próximos um do outro como nos indivíduos de origem semita, cabelo grisalho e crespo de anjo de procissão, — condena vivamente a minúcia dos jornais, publicando até o mapa com a posição das tropas legais. E critica a denominação dos batalhões patrióticos, batizados com o nome de políticos vivos, e a especulação que estão fazendo, com a formação deles, alguns aventureiros conhecidos. A voz fina, de flautim soprado sem força, o deputado Moniz Sodré secunda-o:

— E na Bahia? A Bahia vai ser invadida e tomada sem dificuldade. Os tais batalhões patrióticos que estão sendo criados são puramente nominais: têm por fim unicamente a organização de folhas de pagamento a indivíduos que nunca existiram. Na Bahia há muita gente que enriqueceu com a formação de batalhões imaginários em 1924.

Vou à Academia. Discute-se o Dicionário. Todos se entreolham: E ninguém fala. Tem-se a impressão de que estamos todos em uma furna de teto alto e escuro, em cuja abóbada houvesse uma pedra na iminência de cair, esmagando-nos a todos, à primeira palavra, com o deslocamento do ar...

§ — Sonho exquisito, o meu, da noite passada. Eu chegara de viagem a uma pequena cidade do interior, e, depois de uma sessão do cinema local, fora ao hotel, dirigido por Dona Sinhá, hoteleira que eu conheci em Baturité, no Ceará, em 1906. Ao penetrar na sala pobre, vejo Medeiros e Albuquerque sentado diante de uma pequena mesa, a cabeça nas mãos, chorando. Em torno dele, dois ou três acadêmicos, entre os quais Ademar Tavares, e meu primo Mirócles Vêras, médico em Parnaíba, no Piauí.

— Que aconteceu? Que tem o Medeiros? — pergunto.

Explicam-me:

— O Washington Luiz renunciou o cargo de presidente da República!

O sonho continuou, mas eu não me lembro o resto. O que é evidente é que nele se misturaram diversas impressões e pensamentos da véspera.

Sexta-feira, 17 de outubro — Na cidade, onde vou fazer algumas compras miúdas só encontro derrotistas, indivíduos que procuram demonstrar-me que a causa do governo está perdida.

— Que há de novo? — pergunta-me Freitas Bastos, na livraria.

— Nada: tudo bem.

— Qual bem, nada, “siô”! — contesta. ..

E puxando-me pelo braço:

— O governo não pode com a Revolução. Onde está o Santa Cruz?

— Na Bahia, a caminho de Pernambuco.

— E você acha que ele entra no Recife?

— Deve entrar.

— Entra, nada, “siô”! Recife está minado. Se os navios se aproximarem, irão a pique... E por terra ainda é mais difícil... Que é que você acha?

A essa palavra declaro, firme:

— Homem, eu não quero saber de nada. Para minha comodidade, eu só acredito em notícias favoráveis à legalidade, mesmo que sejam mentirosas. Só leio agora jornais que trazem informações anunciando vitórias, mesmo falsas. Se o governo perder, perdeu. O que eu não quero é me afligir antes de tempo. Para mim, o governo está triunfante, desbaratando o inimigo e avançando por toda parte. Pode não ser verdade; mas, para mim, é como se fosse. Até logo!

§ — Telegramas de Buenos Aires, publicados ontem, dizem que Lindolfo Cólór, que ali se encontra como embaixador dos revolucionários, declarou aos jornais, em entrevista, que o fim do movimento é a emancipação do Rio Grande do Sul. A extensão da luta armada a outros Estados do norte e do centro visou apenas criar dificuldades ao governo federal, distraindo as forças da União para que o Rio Grande mais facilmente consiga o seu objetivo político.

Sabado, 18 de outubro — Fico em casa, lendo e escrevendo. Nada de novo. No céu caiado de nuvens estrondam motores. É um avião, a grande altura, pequeno inseto cinzento a escorregar pelo papel apanha moscas do

firmamento. Aonde vai ele? De onde vem? Na torre do quartel que se vê da minha casa, soldados olham para cima, procurando com os olhos o bezouro que ronca...

Domingo, 10 de outubro — Sensação extravagante, a que me assalta, quando leio deitado. Parece que, de repente, alguém me segura pela gola do pijama ou da camisa, de modo que me não doa, e me arrasta de costas por um areal imenso, numa praia sem fim. Nesses instantes, não compreendo mais o que leio. Feclio o livro, e deixo-me arrastar, até que, de súbito, desperto num sobressalto, como quem sente, ou pressente, que está sendo levado para mn abismo.

Segunda-feira, 20 de outubro — Chuva e humidade. Atmosfera grossa, de cinza molhada. Apesar do reaparecimento das minhas dores, com a recrudescência dos padecimentos antigos, vou à Câmara e, em seguida, ao Senado. No palácio Tiradentes notícias favoráveis à legalidade.

— Você já sabe? Uma vitória nova, em Itararé, — comunica-me o deputado fluminense C. F. — As forças legais aprisionaram ontem cerca de 3.000 homens, com dois trens de campanha, completos.

Outros deputados repetem a notícia alviçareira. Mas ouço, por essa altura, uma notícia que anula a esperança porventura criada pela primeira:

— E Sergipe, hein?

— Que é que houve?

— Caiu em poder dos revolucionários. Você, então não sabia? Pois, caiu. O presidente abandonou a cidade, retirando-se com a Polícia para a Baía!

Confirmada por outros essa informação, vou ao Senado, conversar com o senador G. V. E encontro outra notícia alarmante: a Inspeção de Estradas recebera um aviso de que se estavam desenrolando graves acontecimentos em Vitória, para onde fora nomeado, há três dias, um interventor militar.

Saio sob a chuva, para ir fazer um curativo doloroso. E ao chegar em casa, padecendo horrivelmente, mais duas notícias desanimadoras, que meu filho traz do curso secundário, dirigido por oficiais de Marinha, que está frequentando, e que ouviu, como cousa certa, de filhos de militares: o aprisionamento do submarino “Humaitá” pelos revoltosos, no litoral de Sergipe,

e o naufrágio do “destroyer” “Paraná” nos mares do sul, em combate com uma frota de navios artilhados.

— Será verdade, meu filho? — indago, com o pensamento no meu amigo senador M..., que deve atravessar, a esta hora, em um navio carregado de munições, a zona porventura ameaçada pelo submersível.

E ele:

— Quem nos contou isso na aula, foi o filho de um oficial de Marinha, que ouviu isso do pai...

E eu me quedo apreensivo, principalmente por uma circunstância digna de registo: é que as notícias más, quase todas, senão todas têm sido confirmadas...

§ — A atitude dos governadores de alguns Estados abandonando as suas capitais antes da luta, tem dado oportunidade ao carioca para toda uma série de anedotas e trocadilhos, que documentam o seu bom humor mesmo nos momentos mais delicados da vida nacional. Ainda hoje, contava-nos o deputado Raul Veiga a seguinte história, em que figuram os governadores Estácio Coimbra, de Pernambuco, e Juvenal Lamartine, do Rio Grande do Norte, que desapareceram do Recife e de Natal, segundo se diz, à simples chegada dos revoltosos:

— Quando o Estácio viu que era necessário fugir, raspou às pressas o bigode, abriu uma coroa, vestiu uma batina que lhe arranjaram, e correu a meter-se no último trem que saía nessa noite. Ao tomar, porém, o seu lugar no carro, viu no banco fronteiro uma freira de olhos baixos, que passava pelos dedos magros as contas do seu rosário. Galanteador velho, que não perde ocasião, o governador de Pernambuco, disfarçado em padre, começou a fitar a freira. Em poucos minutos passava para o lado desta, e, maneirosamente, escorregou a mão, procurando tocar a perna da sóror. E ia já adiantado na investida quando a serva de Deus o repeliu, baixo:

— Tira a mão, Estácio.

E num sussurro:

— Eu sou o Lamartine...

Sexta-feira, 24 de outubro — Após uma noite de lua nova e de céu toldado, amanhece chovendo. Ruas molhadas e garoa constante. Às seis e

meia da manhã, ouve-se barulho no quartel. Chego à janela do meu quarto, e vejo partir auto-caminhões repletos de soldados. Desço para o café e, às sete horas, minha mulher se aproxima de mim, os olhos cheios d'água:

— Coitadinhos! Você escutou?

— O que?

— A partida dos soldados. Lam todos gritando, dizendo adeus... Saíram quatro ou cinco caminhões, agora mesmo!

Aconselho-a, digo-lhe que não cultive o sofrimento com essas cousas irremediáveis, e para me não comover eu mesmo com a ideia do sacrifício de tantas vidas humanas lançadas à fogueira da guerra civil, abandono o jornal que leio e subo para o meu gabinete de trabalho. Ao abrir a janela que dá para a rua vejo, ainda, passar no canto dois caminhões com soldados, que descem para a cidade, pela Barão de Mesquita. E entrego-me à paixão de todo dia, escrevendo um artigo à máquina.

De repente, cerca de oito e meia, tilinta o telefone. Meu filho atende.

— Quem é? — indago.

— É uma pessoa que manda dizer ao senhor que os revoltosos já estão passando pela praia de Botafogo.

— Mas, quem é que falava?

— Não disse, não, senhor. Eu perguntei quem era, e desligou. Mas parece, pela voz, que era o Betinho (irmão do senador Magalhães de Almeida).

Mostro-me aborrecido, por haver interrompido o meu trabalho.

— Que brincadeira tola! — digo. — O Betinho, com essas pilhérias, ainda acaba preso.

E volto à máquina, fechando à chave a porta do gabinete.

Cerca de nove horas, minha mulher bate aflita, chamando-me:

— Então, você não ouviu? Depressa! Cinco aviões passaram agora mesmo do Campo dos Afonsos para a cidade... E Dona Rosa (a vizinha) acaba de me dizer que a cidade está em revolução!

Levanto-me, e vejo os aviões, voando alto, e que baixam no horizonte, sobre a cidade. A hipótese de um bombardeio aéreo do quartel próximo faz com que a família se alvoroce para deixar a casa, iudo refugiar-se na de uns parentes, à rua Conde de Bonfim. Procuo acalmar a aflição doméstica, demorando os preparativos. Meu filho sai, às pressas, para trazer a irmã, que

se acha no Colégio Batista, à rua José Higino, para onde fora às sete e meia. Chuvisca espaçadamente. Como não regressem nem a filha, nem o filho, saio a procurá-los, descendo, a pé, a Barão de Mesquita. Em caminho, encontro um funcionário da Câmara, que sobe a rua, a gola do paletó levantada, com quem foge sem colarinho.

— O senhor vai para a cidade? Não vá porque não passa, — diz-me. — Em frente ao Colégio Militar, e nas ruas próximas, já há trincheiras armadas, e dezenas de metralhadoras esperando o ataque... O centro da cidade está guarnecido até à rua Uruguaiana...

Peço-lhe informações sobre as forças que se rebelaram.

— Foi a tropa federal do centro da cidade, com a adesão de duas fortalezas.

Encontro meus filhos em caminho, e regresso com eles. Contam-me, à esquina, que a tropa de Polícia que partiu pela manhã aderira aos revoltosos tendo, antes, desarmado os companheiros que se haviam conservado fiéis ao governo. A notícia dos entrincheiramentos na rua S. Francisco Xavier é um argumento contra o abandono da casa. Automóveis passam em disparada, repletos de famílias que procuram os subúrbios, e que levam, na fuga, criadas crioulas e trouxas de roupa ao lado do “chauffeur”. Vou para o portão, ouvir as notícias trazidas pelos que vêm do centro nos últimos bondes que se recolhem.

— O Washington foi intimado a renunciar dentro de duas horas, — informa o primeiro.

Aviões vão e vêm, ora em grupo, ora isolados, e a grande altura. Às dez e meia, enfim, chega a notícia final:

— O Presidente renunciou. Assumiu a chefia do governo o general Mena Barreto, até que se organize a Junta Militar. O Juarez Távora chegará à tarde, de avião, e as tropas vitoriosas desfilarão pela Avenida Central às quatro horas.

Novos aeroplanos, voando baixo, atiram boletins, que não consigo apanhar, e que rodopiam no ar cinzento como borboletas fulminadas. Um vizinho que chega informa-me que a multidão em delírio percorre o centro da cidade, destruindo os jornais governistas.

Na minha rua, porém, agora, uma grande paz envolve tudo. As famílias recolheram-se às suas casas para a faina do almoço. A esta hora não sou mais deputado, devo setenta contos e tenho vinte e dois mil réis no bolso.

Mas está vitoriosa a Revolução. E que importa a minha miséria, a situação precária ou desesperadora que me aguarda, se ela vem poupar a vida a milhares de homens, filhos a quem os pais adoram como eu adoro meu filho, e que estariam fatalmente votados à morte, à sangueira fraticida, com a continuação da guerra civil?

§ — Três horas da tarde. No quartel próximo estruge o Hino Nacional. O pavilhão brasileiro é içado debaixo de vivas da tropa, dentro da praça de guerra e na rua. Uma banda militar rompe um dobrado alegre. E um contentamento louco enche a cidade.

Automóveis passam, buzinando, arvorando bandeiras vermelhas. E de cada um deles partem gritos roucos e fatigados, rima sonora de movimento, braços que agitam nas mãos pernas de mesas e pedaços de cadeiras, despojos de jornais empastelados:

— Viva a Revolução!...

E a tarde vai declinando, com o sol faiscando no céu, mas prenhe, de ameaças surdas e de explicáveis apreensões...

§ — Até alta noite, gritaria no quartel da Barão de Mesquita. A casa de bebidas da esquina desce as suas portas, mas os soldados procuram violentá-la. Não conseguindo esse objetivo, saltam o muro, penetrando pelos fundos do estabelecimento. Jaime (Carneiro Leão) de Vasconcelos telefona-me, comunicando-me que a cidade está na iminência de saque, com a quantidade de soldados soltos, entre os quais se infiltraram desordeiros civis, que percorrem as ruas do centro. De repente, porém, tudo se acalma, como por encanto. Cessa a gritaria, cessam os vivas, e desaparecem os soldados do meu bairro, recolhidos disciplinarmente ao seu quartel.

Começa a manifestar-se, talvez, a energia do novo governo, cuja constituição é, todavia, ainda, para mim, um enigma, pois, as poucas informações que me chegam são as mais contraditórias e disparatadas.

VIII

Domingo, 7 de dezembro de 1930 — Dormimos, já, na nova instalação permitida pelo Destino. Situada no melhor ponto da Praia do Flamengo, deixamos para alugar os cinco dormitórios do andar superior. No andar térreo, acomodámo-nos na sala de frente, minha mulher, meu filho menor, eu, minha mesa de trabalho, minha máquina de escrever, uma das estantes abertas, e seis peças de mobiliário, inclusive as camas. Tudo comprimido, mas conformado com a sorte. No “hall” da escada que dá para o andar superior, a minha livraria, franqueada aos hóspedes que vierem; e no patamar dos dois vãos da escada, velada por um biombo, a cama turca do meu filho mais velho. Minha filha, e o resto da família, isto é, a mãe e as duas tias de minha mulher, em um pequeno quarto ao fundo da casa, depois da cozinha.

E todos nós passámos o dia em arrumações, ajustando a nossa vida à nossa nova condição.

Terça-feira, 9 de dezembro — O panorama que se desenrola aos nossos olhos, da janela da nossa casa, é dos mais variados e deslumbrantes. Com o Pão de Açúcar à direita, estende-se ao fundo, do outro lado da baía, o sistema orográfico do litoral fluminense, orlado, no centro, pela faixa branca da praia de Icaraí. Sobre a toalha líquida, navios que chegam e navios que partem. E, à noite, faiscando como um exército de vagalumes em marcha, as luzes miúdas das praias de Niterói.

Mas, não sei por que, isto não me entusiasma ou comove. Meus olhos doentes ainda abrangem grandes pedaços desse quadro, de cada vez. Posso, ainda, contemplar a Natureza, na sua plenitude. Mas o mar não tem para mim a eloquência da montanha. Somos como dois indivíduos de raça diversa, que falassem línguas diferentes.

E eu vou ser obrigado, agora, a viver com este estrangeiro, a vê-lo todos os dias, sem que eu o entenda, nem ele a mim!...

Domingo, 14 de dezembro — Manhã húmida e quente. Mar azul, céu azul, montanhas azuis. Azul líquido, azul sólido, azul etéreo. Montanhas; pedaços do céu e do mar condensados. Mar: montanha e céu diluídos. E o sol, desfeito em ouro, derramando-se sobre o mar, sobre as montanhas e por todo o céu como Júpiter sobre Danae...

Segunda-feira, 15 de dezembro — Até esta manhã, apesar de nos encontrarmos instalados há oito dias, ainda não temos o primeiro hóspede. A casa está montada com extrema limpeza e gosto discreto. Quatro e, às vezes, maior número de pretendentes têm aparecido cada dia, guiados pelos anúncios que tenho posto nos jornais. Mas ninguém fica, porque todos, hóspedes de outras pensões, procuram acossados pela crise, mudar-se para outras de menor preço. E a nossa, pelo local e pelo alto aluguel do prédio, não pode ser senão de preço mais elevado do que a das casas do mesmo gênero situadas em ruas transversais.

Leio nos olhos de minha mulher o terror de um fracasso e a compreensão da responsabilidade assumida. Faço-me, porém, de desentendido, falando-lhe de coisas várias, para afastar-lhe o pensamento desses cuidados, e transfundir-lhe uma confiança que eu próprio não tenho.

O contato com a gente que vem ver a casa tem, todavia, me dado oportunidade para o conhecimento de certos tipos dignos de romance. Ontem, apareceu um, dessa espécie. Neurastênico e besta. Magro como um palito, moreno queimado, sem gota de sangue visível ou invisível. Trinta e poucos anos em pele e osso. Cabelo gorduroso e liso, de índio, partido ao lado, mas rebelde na parte posterior do crânio, onde se levanta como crista de pavão. Nortista e funcionário público. Solteiro, e vegetariano. Horror à carne, ao feijão, e recomendando que lhe não misturem os guardanapos nem lhe ponham pimentão ou colorau na comida. Acha a minha biblioteca pequena porque ele tem, encaixotados, mais de quatro mil volumes. Ares de importância e superioridade. Já leu muito, mas, agora, não dá mais apreço à literatura. Quer armários especiais, feitos para ele, porque tem muita roupa. Sapateira, não precisa, pois, possuindo uma caixa de ferramentas, costuma pregar um fio, do qual suspende, junto à parede, os seus dezoito pares de sapatos. Tem muito sapato, pelo seu horror à galocha, que é anti-higiênica. E a saída, já à escada, pergunta se não há ninguém doente na casa, achando que eu deva, por força, sofrer do fígado, fazendo-me ainda uma preleção contra o uso do quinino.

Ao vê-lo pelas costas, tenho ímpetos de dar-lhe uma banana. E não lha dou. Eu só dou banana quando o macaco é meu.

Quarta-feira, 17 de dezembro — Há dez dias nesta casa admiravelmente arrumada e composta, e fazendo despesas maiores do que fazíamos e, até hoje, sem um hóspede! Os que vêm, trazidos pelo anúncio, louvam tudo, elogiam tudo, combinam preço, marcam o dia para a mudança e não aparecem mais. Não digo nada à minha mulher, para não a desanimar. E ela também nada me diz, pelo mesmo motivo. Cada um, porém, adivinha o que há no silêncio do outro.

E eu, diante de tudo isso, pergunto a mim mesmo: terei que fazer com isto um romance humorístico ou uma tragédia?

Quinta-feira, 1º de janeiro de 1931 — O primeiro hóspede que tomou aposentos em nossa casa entrou ontem à tarde, e chama-se Gaspar. É um rei mago empregado no comércio, e natural do Amazonas. Não sei se traz o ouro, a mirra ou o incense. Não veio montado em um camelo, mas trouxe pela rédea um norte americano magro, alto, mestiço da Virgínia, e que é seu companheiro de quarto. Não veio, igualmente, guiado por nenhuma estrela, mas por um anúncio nosso, no Jornal do Brasil.

Vamos mandar entoar, hoje, a canção dos pastores.

IX

Terça-feira, 27 de outubro de 1931 — (*Bordo do Astúrias*) — Noite mal dormida, ou dividida em oito ou dez pequenas fatias de sono, cortadas pelas minhas dores. Mas, como as árvores de espinho sempre têm as suas flores, eu

vou vivendo, nestas últimas vinte e quatro horas, um pequeno conto de fadas, que me divertiria se eu não viajasse doente.

Tendo de recorrer, de meia em meia hora, a um banho quente no quarto contíguo ao camarote, sucede que na minha ausência o camareiro entra sem ruído, e deixa sobre a pequena mesa o café, o almoço, o jantar, ou frutas, queijo e compotas. Ao reentrar no camarote encontro sempre uma bandeja repleta de guloseimas, sem ver, jamais, quem ma trouxe.

Elias viu o corvo que levava o pão junto à corrente do Carit. Eu ainda não surpreendi, porém, a ave sem asas que me alimenta.

Descobri o “pássaro”. Chama-se Charles. Figura poderosa, loura, corada, de antigo fidalgo bretão. Calça preta, colete branco, e a camisa dura, e gomada, equilibrando no alto do peitilho o laço branco da gravata. Bigodudo e forte como se saísse de uma página de Walter Scott. Altivo e, ao mesmo tempo, serviçal, a sua presença, com a sua bandeja, seria desejável, se não fosse acompanhada, sempre, de um cheiro estranho e azedo de geléia de abricó.

§ — Meio dia... Mar sossegado e cor de cinza leve. Reaparece a terra, com algumas dunas alvas, e montanhas ao longe. Águas de Santa Catarina.

§ — Onze horas da noite. Escuto barulho, palmas, alegria, no convés que fica por cima do meu. Dança-se, grita-se, aplaude-se. Informam-me que há, a bordo, danças e cinema. Eu permaneço, porém, deitado, lendo, dormindo, ou gemendo, sem indagar se é dia ou se é noite, se o sol brilha lá fora ou se brilha no céu a lua. Não posso dar dois passos sem uma dor dilacerante. Quem viaja com o meu nome não é um homem: é um saco de cacos de vidros. E os vidros vão cortando o saco, rebentando cada fio do tecido.

De vez em quando um banho quente, com água salgada. Se o homem é, como afirma Quinton, um organismo que teve a sua origem no mar, eu sou uma entidade que volta ao seu elemento...

Quarta-feira, 28 de outubro — Alto mar. Amanhece. Manhã sem sol ou de sol que não se vê. No horizonte, para os lados de terra, uma faixa de bruma

rósea, como uma orla de porcelana. E essa faixa, à medida que sobe, vai se tornando ligeiramente azulada, mas desse tom azul tênue que põe em destaque as veias delicadas no mento fresco das crianças e das moças de pele clara. Não se vê terra. O mar, escuro e grosso move-se com preguiça como um gigante em descanso, mas que experimenta os músculos para as grandes pelejas do dia.

§ — Meio dia. Vêm ao meu camarote Ernani Lopes e Renato Pacheco, comunicar que me escolheram presidente da nossa delegação. Recuso. Alego as minhas condições de saúde. Há dificuldades para a escolha de outro presidente. E fica resolvido que se não escolha ninguém. Regime da Távola Redonda.

Deixo, assim, pela primeira vez, de ser presidente de alguma cousa. Presidente eleito ou proclamado no mar.

João-sem-terra.

§ — Sete horas da noite. Dia todo sem ver a costa. Horizontes de cinza triste. O navio reduz a marcha para chegar pela madrugada a Montevideú. Dores de cabeça e perturbação visual. Mas continuo a ler, dia e noite, assim que a vista mo permite. Leio Mamine Sibiriak, Andreief, Gorki, Garchine, Tolstoi. E meu espírito se encolhe como uma formiga à passagem desses elefantes siberianos. Que músculos têm, na alma, estes gigantes!

§ — Saio do meu camarote, para conhecer melhor, neste fim de viagem, os meus companheiros de Arca. Amanha, pela manhã, encalharemos no cimo do Ararat. E eu quero ver a fauna que vai desembarcar, e na qual eu sou, talvez, o mais indomesticável dos animais.

Pelos corredores longos começo a encontrar fantasmas. São inglesas do tempo de “lady” Macbeth, vestindo restos de seda vistosa, que trazem enrolada ao corpo sem a menor preocupação de gosto ou de moda. E cada uma exhibe à cabeça um chapéu de papel de seda, distribuído à mesa, durante o jantar. Ao vê-las, finas, esgalgas, sem vestígio de pó de arroz na pele cor de tijolo, a impressão que se tem é que estes cavalheiros que as acompanham foram chamados à pátria em nome do Pei para trazerem dali as mulheres mais feias

da Inglaterra. E vem uma vontade doida de passar uma descompostura em Taine, que elogiou tão vivamente a beleza e a graça do tipo feminino desse país.

A moda atual das saias compridas e pane jantes, que as inglesas exageram até o ridículo, contribue para que as mulheres da raça ainda pareçam mais exquisitas e o *Astúrias* se transforme em um museu de raridades. Cada inglesa assim trajada, a impressão que dá é que se acha metida no vestido da avó.

Há baile, de despedida. Baile à fantasia. Baile das múmias ou baile de um asilo de velhos. A mais moça das damas deve ter mais de cinquenta anos. Se disser que tem vinte é, então, porque nasceu aos trinta.

Os homens, “smokings” sobre camisas amarrotadas. “Smokings” que têm o cheiro de todas as marcas de whisky e conhecem, já, todos os mares do planeta.

Esses “smokings” e esses vestidos movem-se rigidamente abraçados pelo meio do salão. Alegria surda, de inglês. E ao vê-los assim, a gente tem vontade de perguntar, em voz baixa, à pessoa mais próxima: — Onde está o defunto?

Nove da noite. Há meia hora foi fechada a larga porta que liga o salão de espera ao recinto do teatro provinciano, em cujo palco estreia em concerto clássico, o famoso tenor Migueloff. De repente, entra aflito, no salão, um cavalheiro retardado, que pede ao porteiro:

— Abra a porta que dá para a plateia, faça favor... Eu tenho uma poltrona... É na terceira fila...

— Perdão, — desculpa-se o empregado; — mas agora não entra mais ninguém... É ordem da empresa que não se abra a porta senão no fim do concerto.

— E o concerto já principiou há muito tempo?

— Não, senhor; principiou agora. Mas não se abre a porta para entrar ninguém. Porque, se abrir...

— Que é que acontece?

— Se abrir, o pessoal que está lá dentro aproveita a ocasião, e dá o fora!

Ao chegar a Montevideu, nos últimos dias de outubro passado, a primeira pergunta do nosso ministro ali, o meu excelente e velho amigo Araújo Jorge, foi esta:

— Você vem fazer conferências?

— Provavelmente, sim.

— Com projeções luminosas?

— Não.

— Então, está hem.

— Por quê?

E ele:

— Por nada. É porque, em geral, aqui, quando os nossos patrícios vêm fazer conferências com projeções, a assistência aproveita a escuridão, investe para a porta de saída, e o conferencista fica sozinho.

Ao abrigar-me, de novo, à sombra desta coluna após uma ausência de quase dois meses, é com a mais justificada desconfiança que olho em torno, em uma consulta modesta e silenciosa. Antes de partir para a proveitosa viagem de núpcias com a medicina, e em que visitei o Uruguai, a Argentina e a Casa de Saúde do Dr. Eiras, eu possuía quatro ou cinco leitores que manifestavam em cartas atenciosas e constantes o seu interesse gentil pelas coisas que eu aqui escrevia. Eles eram os passarinhos amáveis da história de “João mais Maria”, que iam comendo as migalhas de pão espalhadas pelo caminho. Esses leitores terão permanecido, todavia, à minha espera? Não terão eles aproveitado a oportunidade que a minha ausência lhes facultou, para “dar o fora”, como no caso do tenor Migueloff, ou o apagar das luzes, como os uruguaios nas conferências dos brasileiros em Montevideu?

De qualquer maneira, aqui estou novamente. Sainte-Beuve confessou, uma vez, com ironia voltaireana, votar a mais funda admiração aos homens que, tendo passado apenas uma noite em Constantinopla, escreviam uma obra de quinhentas páginas sobre a Turquia. Esquecia ele que o seu discípulo e amigo Hipólito Taine passara menos de três meses na Itália, e que, nesses noventa dias, acumulara material para os dois volumes da sua *Voyage en Italie* e um cabedal formidável de conhecimentos para ilustração da *Philosophie de l'*

Art. Haverá, possivelmente, quem estranhe que eu, em pouco mais de um mês, haja coligido notas e observações para algumas dúzias de crônicas; mas a defesa aí fica, por antecipação. É verdade que me faltam a cultura e a imaginação de Taine, fermentos que fizeram crescer a massa que fabricou aqueles pães com que ainda hoje alimenta espíritos em todo o mundo. Mas me sobrou a mim um fator precioso, que é a insônia. À semelhança daquele rei Micerino de que fala Heródoto, o qual pretendeu ludibriar os oráculos na sua cronologia transformando três anos em seis porque se divertia dia e noite, eu consegui fazer uma viagem de dois meses em trinta dias porque eliminei o sono dos cuidados ordinários da vida. E para que o sono em vida, se nós temos para dormir, depois da vida, a noite da Eternidade?

As notas de viagem que vou utilizar nestas palestras quotidianas, estarão em conflito, talvez, algumas vezes, com ideias e convicções que prégava antes da partida. Essa divergência não é mais, entretanto, do que a confirmação de um fenômeno psicológico sobejamente registrado. Os fatos e os homens da terra em que nascemos têm sempre duas faces, conforme os olhemos de dentro ou de fora da pátria. “Eu tive um amigo, — contava Flaubert, — que viveu oito anos na Índia, e que de tempos a tempos vinha dar um passeio à França; quando ele estava em Calcutá, passava os dias debruçado sobre uma carta topográfica de Paris, e, uma vez chegado a Paris, não falava em outra coisa senão em voltar para Calcutá”. Eu observei, em mim mesmo, essas alternativas. A pátria, vista de longe, é a noiva, com todos os seus encantos imaginários; olhada de perto, é a esposa, com todos os seus defeitos prosaicos. E as notas que se vão ler foram tomadas no estrangeiro, embora retocadas, agora, ao reentrar em casa, para melhor disciplina dos assuntos.

Acompanhem-me, pois, os meus quatro ou cinco leitores de outrora. Porque, de outro modo, ficarei falando sozinho.

Vai para doze anos chegou ao Rio de Janeiro, procedente de um Estado nortista, um prosador e poeta, meu confrade e meu amigo. Pretendia fazer vida de letras, impor-se pela novidade das ideias, pelos ornatos do estilo, pela variedade de erudição, e obtive, sem custo, um lugar de colaborador semanal em um dos melhores vespertinos desta metrópole. Era pelo verão. A cidade ardia, aqui em baixo, como um tanque de gasolina incendiado, e a população fugia, abanando o nariz, para os refúgios serranos. O poeta e jornalista fugiu

também, com a gente chique. E das margens do Piabanha, em crônicas de comovido entusiasmo, começou a descrever as pontes, as alamedas, a praça D. Afonso, o palácio Rio Rego, aos cariocas, como se estes jamais tivessem ido a Petrópolis e fosse ele o Fernão Dias Paes Leme daquelas serranias semi- virgens, em que desabrocham, à flor da terra, a turmalina miúda das hortências e as esmeraldas bojudas dos repolhos.

Uma viagem a Montevideu e a Buenos Aires é, para o brasileiro do Rio, episódio pouco mais importante do que uma excursão ao Alto da Serra. As lutas políticas dos últimos dez anos levaram tantos deles às margens do Prata, e regressaram tantos dali com a vitória da Revolução de 1930, que a “calle” Sarandí e a Avenida de Maio se tornaram quase tão familiares ao homem do Rio de Janeiro quanto a Avenida Koeller ou a Estrada de Cascatinha. Eu não pretendo, porém, descobrir Montevideu e Buenos Aires, ou descrevê-las, como as viu toda gente, e elas se apresentam, na verdade.

Ao contrário: eu quero cobrir a verdade com o manto da fantasia.

Ao partir do Rio de Janeiro, eu havia separado, para a minha primeira palestra com os jornalistas que fossem a bordo apresentar-me as boas vindas, estes versos do poeta argentino Luiz L. Dominguez:

*“Ahi está Montevideo
Extendida sobre el rio
Como virgen que en estio
Se ve en un lago nadar.
La Matriz es tu cabeza,
Es la aguada tu guirnalda
Blancos trechos son tu espalda
Y tu cintura la mar”.*

Do mesmo poeta, e com o mesmo objetivo, havia eu anotado esta outra passagem do mesmo poema:

*“El Plata? y es verdad. Ancha llanura
Del brunido metal que nunca acaba
Parece el rio, cuya diestra lava*

*De Buenos Aires el soberbio pié.
Cuya izquierda tendiendo hacia el Oriente,
De una joven beldad la falda toca;
Beldad guardada por gigante roca,
Que el Plata inmenso desde lejos vê.
Y es fama que esa roca majestuosa
A la bella ciudad pusiera el nombre,
Cuando en médio dei mar al verla un hombre
"Monte veo!" del mástil exclamo..."*

Montevidéu tem, como se vê, um nome de batismo cuja origem recorda o de Olinda, a "Oh, linda!" de Duarte Coelho Pereira. E o padrinho de Montevidéu foi, igualmente, um marujo português. A terra, nua e chã, estendia-se aos olhos dos navegantes lusitanos quando um marinheiro, Fuão Gomes, divisou no horizonte vazio o vulto anão do Cerrito, e anunciou, entre alvíçaras, do alto da gávea:

— "Monte vi eu!..."

Estava batizada para a História, a futura capital do Uruguai.

Eu ia provido dessas informações todas quando amanheceu o dia 29 de outubro de 1931, e o *Astúrias* atracou ao cais da cidade platina. Mas repetiu-se aí o caso do criado do Cardeal, a que se refere a anedota: chovia torrencialmente, não se via o Cerrito, nem o rio, nem a cidade, e os jornalistas que foram a bordo só desejavam saber uma coisa, consubstanciada nesta pergunta:

— O Brasil entra ou não entra para a Confederação Sul Americana de Desportos? Toma ou não toma parte no Campeonato Sul Americano de Futebol?

Eu meti as minhas notas no bolso e, em companhia dos colegas de embaixada intelectual, e do ministro do Brasil, pús o pé direito, e amigo, no cais molhado e deserto da invicta Montevidéu.

O Uruguai, mais ainda do que a Argentina é um país macrocéfalo. É, mesmo, em todo o mundo, aquele cuja cabeça está em maior desproporção

com o corpo. Avaliada em 1.900.000 a população da República (o recenseamento de 31 de dezembro de 1928 acusou 1.808.286), possui Montevideu cerca de 650.000, isto é, mais da terça parte dessa população. O progresso da cidade, a sua riqueza, a intensidade do seu comércio, as múltiplas manifestações, em suma, da sua vitalidade econômica, oferecem o índice admirável de uma espantosa atividade rural. Nenhum povo pequeno, em todo o planeta, sustenta, relativamente, cidade tão populosa e tão farta.

É verdade que Montevideu é, praticamente, o porto comercial das melhores zonas pastoris do Rio Grande. É verdade, ainda, que nela têm residência nada menos de 6.000 brasileiros dos 35.000 domiciliados na República Oriental; essa convergência das nossas riquezas para as margens do Prata não demonstra, porém, senão a superioridade da sua organização econômica sobre a nossa e que o Uruguai, depois de nos haver pago tributos políticos, nos tem, agora, economicamente, como seus tributários.

Expressão, que é, assim, da atividade febril dos seus campos, onde pastam 12 milhões de bovinos e 18 de ovinos das melhores raças conhecidas, Montevideu é uma cidade de intensíssima vida mercantil. O seu comércio de artigos de luxo é superior ao nosso. As ruas Sarandí e 25 de Maio e o *Boulevard* 18 de Julho, em que se concentram os melhores estabelecimentos do gênero, apresentam fachadas e mostruários como não os temos no Rio de Janeiro. Casas estrangeiras que aqui mantêm filiais com duas portas pequenas possuem, ali, instalações ricas, vitrinas vistosas, com suntuosas lâminas de cristal encaixadas em mármore. Comercia-se lá em seda e em objetos luxuosos, destinados à vida opulenta, como se negocia aqui em tecidos baratos de algodão, e em artigos de baixo preço, indispensáveis à gente pobre. E esse aspecto da cidade revela em parte a sua fisionomia moral e política: denuncia um povo rico, a percentagem elevada dos que vivem bafejados pela fortuna, e explica o nenhum risco da propaganda comunista ali permitida pelo Estado. Se grande parte da população vive na abundância e a outra parte desconhece a miséria porque o Estado vela pelos pobres e lhes assegura vantagens e bem estar que não têm em nenhum outro país capitalista, que podem temer os ricos, uma vez que os pobres os odeiam não porque eles tenham o supérfluo,

mas unicamente quando o supérfluo dos ricos é comprado com o sacrifício do que é indispensável aos pobres?

Montevideu é, finalmente, uma cidade rica, irrigada por todo o ouro do país. O nosso melhor comércio de modas, mesmo o da Avenida Central e circunjacências, nada tem de superior, pois que o Rio de Janeiro é, sabem-no todos, tomando por base a capacidade aquisitiva da sua população, uma das mais pobres cidades do mundo.

Não obstante isso, poucas cidades haverá em que se trabalhe menos, e em que o homem se tenha preocupado mais com o problema do repouso. O regime das oito horas acha-se ali estendido às atividades mais exigentes, de modo a tirar ao trabalho a condição primária de preocupação febril e absorvente que lhe imprimira o industrialismo positivista do século XIX. O homem, no Uruguai, não vive mais para trabalhar: trabalha para viver, sem que a vida tenha perdido com isso a sua dignidade.

Desde 1920 desapareceu inteiramente em Montevideu o regime do trabalho semanal contínuo. As leis de 20 de novembro e 10 de dezembro daquele ano tomaram obrigatória a outorga de um dia de descanso, após seis de trabalho, a todos os empregados domésticos, condutores de automóveis, auxiliares de comércio, e aos próprios patrões ou gerentes de estabelecimentos comerciais, industriais ou casas particulares. Enfim, desde 1920, é obrigatório, no Uruguai, o descanso semanal de toda criatura humana que exerça uma atividade produtiva. Quanto à lei das 48 horas de trabalho semanal, (reduzidas a 44 horas, pela lei de 22 de outubro último) esta é rigorosamente cumprida e equilibrada com o fechamento de todo o comércio e consequente paralisação de todo o movimento urbano, todos os dias, entre as 12 e as 14 horas, e com o encerramento da semana às 12%, aos sábados. Este regime, que sofria exceções, tornou-se absoluto pela lei de 22 de outubro deste ano, acima referida, ou lei das 44 horas, a qual entrou em vigor na primeira semana de novembro, isto é, precisamente quando eu me encontrava em Montevideu.

Por essa época, eram debatidos na imprensa outros aspectos desse regime, com a instituição de 36 horas de repouso contínuo às classes que só o tinham de 24 horas. Hoje, até a cozinheira abandona o fogão no sábado ao

meio dia para retomá-lo segunda-feira pela manhã. A sua substituta descansará, em compensação, durante 36 horas seguidas, no meio da semana.

E não é só. Além dessas vantagens, a lei faculta a certas classes um horário especial de verão, o qual foi decretado, também, em novembro último, isto é, no verão do corrente ano. A 7 daquele mês, por exemplo, foi baixado um decreto que assim começa:

“Art. 1.º — Desde el 9 dei corriente y hasta nueva disposicion, las reparticiones dependientes de la Presidência de la Republica funcionaran desde la hora 7 y 30 a las 12 y 30. excepto los sabados, que será de las 8 a las 12 horas.

Na mesma ocasião ficou deliberado que os Bancos, durante o mês de fevereiro, funcionem apenas das 8 às 12 horas, conforme já se fizera, a título de experiência, no ano anterior.

Montevidéu é, desse modo, a cidade do mundo em que mais se repousa, ou, mais acertadamente, em que menos se trabalha. Como, porém, a redução da atividade é geral, e as leis autorizam qualquer cidadão a denunciar os infratores das leis de descanso, há um equilíbrio perfeito da economia nacional. Acresce que as fontes de riqueza do país favorecem esse regime. O Uruguai é um país pastoril, e sem indústria. Se o homem repousa, o boi está no campo, engordando e multiplicando-se. E isso não aconteceria em um país industrial, onde a máquina reclama a vigilância constante do trabalhador e todo repouso corresponde, invariavelmente, a uma síncope da produção.

Esse conjunto de circunstâncias econômicas e de conquistas sociais contribue para a eficiência da liberdade política desfrutada neste momento pela pequena República do Sul. Os comunistas pregam ali livremente o seu credo, expõem as suas teorias, descrevem ao povo o Paraíso que lhe construirão na terra. Mas essa pregação é vã, é inútil. Nas penúltimas eleições o comunismo fez apenas um deputado, e, nas últimas, ainda não apuradas, parece ter perdido mesmo esse posto no parlamento. E isso é facilmente compreensível. Por que iriam as classes trabalhadoras desejar o regime soviético, se o

socialismo clássico já lhes deu, ali, sem os riscos da suposta ditadura proletária, quase tudo que Moscou lhes promete?

O Uruguai deve ser considerado hoje, sem favor nem exagero, a mais perfeita democracia da América. Com uma superfície equivalente à do nosso Estado do Paraná e uma população inferior à do Estado do Rio de Janeiro, a sua reorganização política foi rápida e fácil. Data, esta, de 1919, isto é, do governo Feliciano Viera, quando, após uma viagem à Europa, onde estudara os diversos sistemas de governo, Batlle y Ordóñez resolveu dar à sua pátria uma Constituição mais de acordo com as suas condições étnicas e geográficas. “Batlle — escreveu Domingo Arena — convenceu-se firmemente de que a larga “via-crucis” que a República havia percorrido era em grande parte obra presidencial. Convenceu-se de que o sangue havia sido derramado quase sempre por culpa dos presidentes ou por culpa da aspiração a esse cargo supremo”. E deliberou empreender uma campanha vigorosa para supressão da presidência da República, origem de todas as guerras civis no Uruguai.

A reforma constitucional projetada por Batlle y Ordóñez entrou em vigor em 1919. Não tendo conseguido, por excessivamente radical, a supressão da presidência, Batlle encontrou uma fórmula intermediária e transitória, tirando a esse cargo a maior parte das regalias antigas e tornando o presidente da República um simples representante da nação nas suas relações com o exterior. Assim, o presidente existe, mas não administra, e, pode-se dizer, não governa. As suas atribuições consistem apenas na manutenção da defesa nacional e das boas relações com o estrangeiro, ficando, por isso, na sua dependência, unicamente, os ministérios das Relações Exteriores, da Marinha e da Guerra. A administração, essa, é exercida pelo Conselho Nacional, composto de nove membros, eleitos diretamente pelo povo, em eleições bienais pelo terço, e cujo mandato é de seis anos. Esse Conselho é que escolhe os ministros da Fazenda, das Obras Públicas, da Instrução e da Indústria e Comércio. É ele, enfim, que tem a seu cargo a máquina administrativa e política do país. Há, ainda, o Poder Legislativo, com 19 senadores e 123 deputados, e o Judiciário, com atribuições mais amplas do que entre nós. A Alta Corte de Justiça, que corresponde ao nosso Supremo

Tribunal, é, porém, eleita por assembleia geral constituída de todo o aparelho judiciário da República.

O Uruguai conseguiu, com essa organização, por termo às guerras civis que o sangravam periodicamente. Enfraquecendo o poder presidencial e multiplicando os cargos com atribuições de governo, pode Batlle satisfazer um maior número de ambições e nivelar a influência dos chefes da administração. Não obstante o largo período de paz que se lhe seguiu, a nação não está satisfeita com esse regime. E isso ficou demonstrado na campanha política para renovação do Congresso, cujas eleições se realizaram a 28 de novembro último, e na qual se defrontaram nada menos de quatro grupos poderosos, cada um dos quais representava uma reforma a ser introduzida na Constituição, que tem de ser revista no correr da nova legislatura.

Essas correntes estão assim definidas:

1. a — A do batllismo puro, que pretende completar o pensamento de Batlle y Ordonez, fortalecendo o Conselho de Administração e suprimindo a presidência da República, considerada uma excrescência e uma inutilidade. Essa supressão aproximaria o aparelho administrativo do Uruguai do aparelho russo, pois que os membros do Conselho corresponderão mais ou menos aos Comissários do Povo da organização soviética.

2. a — A dos que se batem pela volta ao regime antigo, isto é, pelo fortalecimento do poder presidencial e supressão do Conselho de Administração, que consideram não só dispendioso em excesso como perturbador da marcha dos negócios públicos. Dependendo de nove homens, representantes de correntes diversas, o interesse público é frequentemente sacrificado, ou prejudicado pelas discussões infundáveis no seio do Conselho, dando ensejo, ainda, não raro, a que os atos da administração fiquem subordinados a conchavos políticos.

3. a — A dos que advogam a instituição da República Parlamentar, como na França e na Alemanha.

4. a — A dos que combatem esse regime e querem a supressão mesmo do Congresso atual, aparelho demasiadamente caro para um país pequeno. Lembram eles que o congressista uruguaio custa, em moeda

brasileira, cerca de 55 contos por ano (450 pesos, ouro, mensalmente, fora ajuda de custo) e que o Uruguai gasta com o seu aparelho legislativo, para lhe perturbar a vida com debates e intrigas partidárias, quase tanto quanto o Brasil com o seu, antes da Revolução.

As pessoas que acompanham de perto a política uruguaia já poderão dizer, talvez, a esta hora, as alterações que sofrerá a Constituição atual, ou como será aquela a ser votada pelo Congresso recentemente eleito. O político uruguaio é sempre um homem de convicções. Conhece-se a opinião de cada candidato, e sabe-se como ele irá votar amanhã. Conhece-se mesmo o ponto de vista de cada cidadão, porque todos acompanham apaixonadamente a marcha dos negócios públicos e o curso vibrante das ideias. Não há um estudante, um operário, um homem do povo pertencente a qualquer classe, que não tenha uma opinião formada sobre o homem e sobre as ideologias políticas, pregadas livremente por toda parte. O Uruguai é todo ele um organismo vivo, regado pelo mais vigoroso sangue político.

Atribue-se, geralmente, a esse regime de liberdade, e à organização batllista do governo, haver a República Oriental permanecido incólume à epidemia revolucionária de 1929 - 1930. Eu tenho, todavia, para mim, que o fator principal desse fenômeno foi a debilidade do seu poder militar, isto é, o papel secundário que representam no país as classes armadas. O exército não tem, hoje, mais de 6.000 homens, espalhados por todo o território nacional. E a esquadra está reduzida a três pequenos navios, dois dos quais quase inutilizados. O seu pessoal de Marinha não chega, aliás, inclusive oficiais, a 600 homens. E isso lhe tem valido muitos anos de paz, pois os políticos, conhecendo a ineficiência dessa força, têm prescindido de especular com ela arrastando-a a pronunciamentos lamentáveis e impatrióticos.

— “Uruguai es una caja de resonancias!” — dizia-me o ex-ministro Santin- Rossi, magnífico e vigoroso espadachim de sangue italiano, armado de ideias até os dentes.

É, na realidade, um dos mais belos espetáculos americanos, esse, do Uruguai, com a música das suas paixões intensas, mas desdobrando-se, todo, dentro da ordem e dentro da Lei.

Difícilmente se encontrará na liora atual do mundo, um povo, que, como o uruguaio, patenteie um espírito cívico tão ardente e vigilante. O amor da pátria tem, ali, qualquer coisa de místico, numa crepitação de todos os dias, de todas as horas, e abrasando todas as criaturas, sem distinção de sexo, de idade ou de classe. O Uruguai dá ideia, em suma, de uma Lacedemônia moderna, numa vigília de civismo, que é o mais belo dos milagres do sangue espanhol na América.

Aos brasileiros e argentinos residentes em Montevideú, esse civismo nervoso torna-se, talvez, irritante, por constituir uma espécie de desconfiança dos nossos propósitos de amizade. Quem conhece, porém, a história política do Uruguai, o processo da sua formação étnica e social, e o seu passado heroico e tumultuoso, não só explica a feição não raro hostil desse civismo e o ânimo suspeitoso dos seus historiadores, como sente, mesmo, por esse feitio nacional, uma funda e comovida simpatia.

De quantas regiões possuíam Espanha e Portugal na América, nenhuma lhes pareceu mais inútil, inicialmente, do que aquela que seria mais tarde a Banda Oriental, a Cisplatina Brasileira e, finalmente, a República Oriental do Uruguai. A terra não podia ser mais inhóspita, mas hostil ao homem e menos compensadora do esforço que ele empregasse. Não possuía minas, como o Perú e o Brasil; portos como os da margem esquerda do Prata ou populações autóctones opulentas como o México. A planície imensa que se estendia das orlas do Atlântico às margens do Uruguai, era rigorosamente inhabitável. Batida pelos pampeiros, que sopravam do noroeste, e pelos ventos frios do sul, temperados nas geleiras do polo, a região uruguaia era de tal modo castigada pela natureza que não possuía nem tribos selvagens estabelecidas na terra. O índio charrua, que punha nela uma sombra humana, era reduzido e nômade, e não erguia aí uma tenda ou uma aldeia. Dominavam-na apenas o vento, as relvas e o sol. E foi quando, um século após a chegada de Solis ao rio da Prata, Hernando Arias de Saavedra, governador crioulo de Assunção, mandou soltar nesse deserto uma centena de vacas e duas manadas de eguas, que

deram origem à atual riqueza pecuária da República Oriental. Um século mais, essas cem vacas constituíam um rebanho selvagem de 25 milhões de cabeças, do qual viviam índios e colonos.

O Uruguai vive, então, o que os seus historiadores chamam, apropriadamente, a “idade do couro”. De couro se vestem os homens. De couro as cordas das boleadeiras com que se derrubam os bois sem dono, que são arrebanhados nas primeiras fazendas. Em 1727 conta Montevideú 42 casas, das quais 2 de madeira e barro, e 40 de couro.

Até então, nem Portugal nem Espanha haviam visto no Uruguai senão uma posição militar, que se disputavam. Pouco a pouco, porém, foi a região conquistando um valor econômico, principalmente como abastecedor possível da região missioneira. Portugueses do Brasil e espanhóis de Buenos Aires invadem a imensa terra sem dono, arrebanhando gado selvagem para as pequenas fazendas buenairenses e do Rio Grande. O sentimento de defesa econômica determina o sentimento de nacionalidade. E tem início o longo período de lutas em que Portugal e Espanha, e em seguida o Brasil e as Províncias Unidas, se batem pela conquista da Banda Oriental, que representa o papel de marisco nesse conflito entre a onda e o rochedo.

Quando Buenos Aires se apossa do Uruguai, os fazendeiros argentinos o invadem, limpando-lhe as fazendas e levando o espólio imenso, para a outra margem do Prata. O Brasil acorre, porém, em defesa da região invadida, escorraça o argentino, toma conta de Montevideú em nome da liberdade dos povos pequenos. E uma vez estabelecido aí, passa para o outro lado do Jaguarão os rebanhos que o argentino deixou.

Essas espoliações constantes da sua liberdade e da sua fortuna determinam o aparecimento do caudilho, fazendeiro armado contra os exércitos portugueses e espanhóis, ou brasileiros e buenairenses, que invadem militarmente a região, arrebanhando e carneando. Surge Artigas, expressão máxima de todos eles. Abandonando Montevideú às forças portuguesas sob o comando de Lecor, esse guerrilheiro vai arrastando consigo as populações rurais, que incendeiam as fazendas, destroem as fontes, e levam os restos dos seus rebanhos à frente da imensa onda humana que se vai formando, e que se desloca rumo do interior, para as margens do Uruguai. É um êxodo épico,

evocativo dos primeiros tempos da humanidade, da vida primitiva dos povos pastores, da Cítia e da Mesopotâmia. Até que, enfraquecido o Brasil com as lutas da independência, e debilitada Buenos Aires com as contendas civis, é concedida a autonomia à antiga Cisplatina. Na impossibilidade de dividirem a presa, o leão e o tigre entram em acordo para que a nenhum deles caiba o bocado. O pretexto de livrar o Uruguai do caudilhismo fornece motivo, todavia, ainda, a invasões do amigo do sul e do amigo do norte. Até que, com a consciência do perigo dessas amizades, o Uruguai resolve viver para si mesmo, e prescindir do auxílio dos vizinhos para liquidação das suas desavenças domésticas.

Estas origens étnicas e sociais da nação uruguaia determinavam, naturalmente, uma mentalidade que devemos compreender. O seu civismo é, assim, o dos povos que nasceram e cresceram em luta com adversários poderosos, e que equivale ao sentimento de defesa do pequenino pássaro exposto, desde o ninho, à bicada impiedosa das aves maiores. A desconfiança com que ela olha para o norte e para o sul é ainda justificável. Não se pode arrancar em quarenta anos de boa amizade sentimentos que se fixam em três séculos de experiência dolorosa.

— Os uruguaiois são nossos amigos, ou são mais amigos da Argentina?
— é a pergunta que sempre fazem os brasileiros a quem visita a margem direita do Prata.

E eu responderei:

— Não são, hoje, inimigos nem do Brasil nem da Argentina. Mas olham-nos, como olham a Argentina, com a mesma estima desconfiada. Trata-se de uma nação que sofreu muito, com as invasões de um e de outro. E o que o Brasil deve fazer, e deve fazer a Argentina, é utilizar todos os medicamentos da farmácia diplomática para que esse heróico povo tantas vezes ferido no seu orgulho e na sua liberdade esqueça o que padeceu no Passado, por culpa de Portugal e Espanha, herdada pelas Províncias Unidas e pelo nosso Império. O Uruguai deve ser tratado como uma criança que foi rudemente castigada pelos pais, cujo rigor se justificava com os prejuizos do tempo. A criança guarda, mais com mágoa do que com ódio, o seu ressentimento. Aos que a castigaram

compete, todavia, empregar todos os esforços para que essas reminiscências tristes lhe desapareçam do coração...

X

Domingo, 26 de julho de 1931 — Ameaçado de cegueira, já com uma das vistas perdida e, assim, de tombar inútil precisamente quando sentia o espírito melhor provido para a realização de uma obra literária que me sobrevivesse, eu sou como um operário que passou anos inteiros a carregar o material para construção de um abrigo para os seus dias de velhice, e a quem cortam os braços no momento em que vai lançar o primeiro tijolo.

A fatalidade tapa-me os olhos no instante, precisamente, em que ia beber com eles, comovidamente, o vinho de ouro do sol...

Segunda-feira, 27 de julho de 1931 — Reinício, hoje, o meu tratamento radioterápico. Paz-me as aplicações, gratuitamente, dr. Jacinto Campos. Homem de ciência, atencioso, fino e calmo. O aparelho é o do Sanatório Guanabara, no morro da Graça, na casa em que residiu Pinheiro Machado.

— O senhor pode melhorar — diz-me o radiologista confiado na minha serenidade; — mas a sua cura só se tornará possível com uma operação. Esta, porém, o senhor só a deve fazer na Alemanha.

Quinta-feira, 30 de julho de 1931 — Na manhã cinzenta, úmida e chuvosa, vou ao Hospital Nacional de Alienados, na Praia da Saudade, submeter-me a um exame de vista. Confirma-se o que eu sentia: um olho perdido e outro, já, afetado. Seis ou oito médicos me cercam, atenciosos e prestativos, em manifestações de inequívoca simpatia. Discutem o meu caso. Trocam ideias. E concordam, unânimes:

— É uma operação sem importância na mão de Krause. Mas é preciso ir à Alemanha... À Alemanha ou aos Estados Unidos... Aqui, ninguém a faz, nem convém experimentar...

Escuto-os. E confesso:

— Os senhores querem que lhes fale com absoluta sinceridade? Pois bem: eu sou um indivíduo comodista, no sentido honesto da palavra. Tenho horror às viagens, às mudanças, ao deslocamento da minha pessoa e dos meus hábitos. E asseguro-lhes o seguinte: prefiro arriscar a vida em uma operação aqui, a ir buscar a saúde em lugar distante.

Eles riram. Mas eu falei dessa vez, escutando o meu coração.

Sábado, 1º de agosto de 1931 — Eu jamais imaginei que viesse a perder, e tão tranquilamente, o gosto da vida. A insistência com que os médicos, na sua totalidade, opinam pela necessidade de uma operação, e a diversidade de opinião sobre o país em que devo ir fazê-la, e o especialista a quem devo entregar a minha cabeça, para ser aberta como uma abóbora ou perfurada e sondada como o solo em que se busca o petróleo, deram-me absoluta certeza de que não escaparei à intervenção cirúrgica, sabidamente arriscada, que eles me recomendam. Todas as operações do gênero tentadas no Brasil têm sido fatais. E não há confiança nas estatísticas das que têm sido levadas a efeito na Argentina. Os dois operadores mais eminentes são, Krause, em Berlim, e um americano, em Boston ou Filadélfia. Refletindo sobre os perigos que corre a minha vida, eu me tenho dito, a mim mesmo:

— A vida está se tornando um fardo, dia a dia, mais pesado e terrível. Eu queria a vida principalmente para consagrá-la às minhas letras, à realização de uma obra de profundo alcance humano que trazia no pensamento. Isso se tornou impossível. As minhas horas são consumidas, todas, na conquista do pão de cada dia. Para que me serve, pois, a vida, se não posso empregá-la na missão ideal para a qual a destinava? Acresce que, morrendo no ato operatório, nada sofrerei. A transição do sono artificial para a morte será, provavelmente, insensível. Para que, pois, podendo morrer serenamente, voltar ao mundo, a fim de aguardar morte pior?

Essas reflexões temperadas por Schopenhauer preparam-me para morrer com sabedoria. Deitar-me-ei na mesa de operação como quem se deita num leito macio, para um sono largo e feliz.

Se o sonho for bom, para que despertar?

Sexta-feira, 14 de agosto de 1931 — A ideia da cegueira sugere-me a modificação do título deste “Diário”. “Diário de um enterrado vivo”, — eis o nome que, talvez, venha a caber a este livro.

Segunda-feira, 17 de agosto de 1931 — Amanheci aflito e sofrendo muito. Pés inchados. Mãos inchadas, dormentes, tomadas de dores, que me

sobem pelos braços. Vista turva; dores de cabeça; e vertigens frequentes. Mando chamar Afonso Mac Dowel, meu médico, e meu amigo. E conversamos francamente sobre a operação.

— A minha situação — diz-me ele, — é terrível e incômoda. A intervenção cirúrgica, seja no Bio, seja no estrangeiro, é perigosa. A um cliente a quem falasse apenas como médico, eu me limitaria a expor os riscos. Mas a um amigo como você, eu elevo dar, também, um conselho. E eu prefiro ver um amigo cego, mas vivo, a vê-lo morto em um ato operatório recomendado por mim.

— Não devo, então, submeter-me à operação...

— Acho que não. Cego, mas vivo. Você poderá ditar os seus artigos, e continuará a trabalhar, a produzir. Apenas, não verá.

Escuto-lhe o conselho. Falo-lhe do meu desinteresse pela vida e pelo mundo. Não tenho mais ilusões nem desejos. E fica estabelecido, então, que eu aguarde, tranquilamente, a noite eterna...

Segunda-feira, 18 de janeiro de 1932 — Tenho peorado sensivelmente da vista nestes últimos dias. Cresce o domínio das sombras diante de mim. O olho esquerdo, que ainda me auxiliava o direito, de nada mais serve. E sinto que o direito, ele mesmo, já não abrange o mesmo campo, nem tem a mesma acuidade.

Sinto, em suma, que desce a noite, que eu tanto temia. Badalam seis horas da tarde diante dos meus olhos e junto ao meu ouvido. É hora, quase, de rezar, e dormir...

Quarta-feira, 20 de janeiro de 1932 — Tristeza de coração, extensa e profunda, que toma toda a minha vida como a Noite toma o Céu sem lua; tristeza que me veste de preto a alma, e que é, nela, o luto completo, e fechado, pela minha ventura morta...

Quinta-feira, 21 de janeiro de 1932 — Na tarde chuvosa e quieta, com as montanhas vestidas de névoa tênue, reflito sobre a inutilidade da minha vida, consequência da precariedade do meu esforço. Nada escrevo mais que traga o selo da durabilidade. Nem um artigo, sequer, que não esteja destinado a

apodrecer no dia seguinte. Nem uma frase, ou uma imagem, que tenha recebido injeção de formol!

E eu, sem ilusões de glória, e com a angustiosa, a terrificante certeza de que não deixarei uma obra e, talvez, nem, ao menos, lembrança do meu nome, — pois que o nome é a sombra sobre a terra, de uma obra ou de um feito, e não pode deixar sombra, conseqüentemente, no solo, a árvore que não nasceu...

Domingo, 24 de janeiro de 1922 — Relendo, hoje, as “Pasquinadas”, de Fialho de Almeida, encontro esta frase sobre Camilo, que, cego, velho e abandonado, passava alguns dias em Lisboa: “Esse rebelde, sendo o maior escritor português no nosso século, ainda achou meio de ser, também, entre os homens de gênio, o maior desgraçado!”

Eu não sou homem de gênio nem o maior escritor do Brasil. Quem sabe, porém, se me não caberá a glória, pelo menos, de ser o mais desventurado?

Domingo, 31 de janeiro de 1932 — Prefaciando as “memórias” de Charles Brifaut, que publicou sob o título “Souvenirs d’un académicien”, escreve o Dr. Cabanes: — “Brifaut voit partout des anges et l’on souhaiterait quelques démons, ne fut-ce que pour faire ressortir, par le contraste, les vertus et les grâces qu’il reconnaît à ses modèles”.

As “memórias” de Brifaut estão, realmente, povoadas de anjos, e as minhas, como se vê por este “Diário”, não contém senão gritos e asas de demônios. E é natural. Brifaut viveu no Paraíso. Eu vivo e me debato no Inferno. A alma de cada um está cheia dos rumores do seu mundo.

Terça-feira, 19 de abril de 1932 — Manhãs de neurastenia... Noites de sofrimento... Síncopes dos nervos... Síncopes do cérebro... Síncopes da vontade... Desejo de dormir... Ânsia de chorar...

Domingo, 12 de julho de 1932 — Continua a dormência das mãos, acompanhada de dores que me fazem levantar de hora em hora, durante a noite, para mergulhar as mãos em álcool. E eu, recordando quanto tenho sofrido física e moralmente, fico a pensar como se ajustaria ao meu túmulo o epitáfio que Scarron fez para o seu:

*“Celui qui s’y maintenant dort
Fit plus de pitié que d’envie
Et souffrit mille fois la mort,
Avant que de perdre la vie.*

*“Passant, ne fais ici de bruit
Garde bien que tu ne l’éveille!
Car voici la première nuit
Que le pauvre Scarron sommeille!*

Quarta-feira, 15 de junho de 1932 — Traduzo, adaptando-o ao meu destino e ao meu túmulo, e epitáfio de Scarron, que tomou esta forma em português:

“O homem cansado da lida
Não inveje deste a sorte:
Ele conheceu a morte
Mil vezes dentro da vida.

“E quem por aqui se afoite
Não faça barulho enorme:
Pois esta c a primeira noite
Que Humberto de Campos dorme!

E Scarron, meu irmão, não teve, como eu, a notícia de que ficaria sem olhos!

Quarta-feira, 27 de maio de 1931 — Sinto que, de dia para dia, a vista se me vai ensombrando, e que marchou, gradualmente, para a cegueira completa. O olho esquerdo nada mais vê, e, quando na rua, ando a dar encontrões nos transeúntes que vêm desse lado, na mesma direção.

Penso, então, no destino que me espera: pobre, sem um amigo, sem uma afeição, e sem possuir mais, sequer, o consolo de escrever e de ler... E vem-me à lembrança, de repente, um espetáculo doloroso a que assisti em

Parnaíba, quando menino. Um dos meus primos possuía no jardim um viveiro, fervilhante de pássaros. No meio destes havia um corrupião cego. Tonto, sem direção, vivia encolhido a um canto do viveiro, o bico encostado ao arame, onde o iam perseguir todos os hóspedes do aviário: sabiás e canários, cardeais e patativas, pipiras da cor da tarde, e graúnas da cor da noite. Até os vin-vins miúdos, poeira sonora vestida de penas, iam perseguí-lo, beliscá-lo no seu refúgio. Quando, perseguido, tentava levantar o voo, batia com a cabeça no arame ou nas traves, tombando ferido, num grito de dor e desespero.

Eu seria, talvez, como o corrupião cego. Morrerei perseguido, torturado, mas em silêncio. O mundo não ouvirá mais, vindo da minha noite, nem o meu canto de saudade nem o meu grito de revolta...

Terça-feira, 30 de junho de 1931 — Abençoado sejas tu, meu Deus, que me concedeste a graça dos altos prazeres do espírito, este consolo de viver a vida do meu pensamento!

Que seria de mim, na verdade, sem essa bênção do céu, ao sentir-me no limiar da velhice, pobre, doente, feio, quase deformado, e, sobretudo, sem amigos?

Os homens e as mulheres, levaram-me a roupa, deixaram-me nu como um mendigo. Mas Deus, na sua misericórdia, e para que me não tornasse ridículo, vestiu-me de estrelas...

Sábado, 19 de julho de 1931 — Redução progressiva do campo visual. Vou ao exame radiológico. O módico, Dr. Duque Estrada, vai examinar a chapa, e volta soturno.

— Doutor, eu tenho peorado? — indago.

— Um pouco.

E pausadamente:

— O osso da cela túrcica cresceu e está comprimindo o nervo óptico precisamente no cruzamento.

Busco tirar ilações.

É o olho direito que está, já, ameaçado. E regresso para a tristeza da minha casa, cambaleando pela rua, como um ébrio...

Segunda-feira, 21 de julho de 1931 — Passei o dia de ontem, de manhã à noite, escrevendo pequenas coisas anônimas e sem encanto, para ganhar o triste dinheiro destinado ao aluguel da casa em que moro. Hoje, cedo, o médico Xavier de Oliveira, me telefona:

— Eu vi a sua chapa no Duque Estrada. Mas há uma dúvida ainda, que depende do exame da urina e do sangue. Vamos submeter o sangue à reação de Botelho, para caracterizar o tumor da hipófise. Por enquanto, a ordem é esta: não trabalhar muito.

Sorriso. Eu sou, positivamente, um homem que vai nadando no mar alto para se salvar, e a quem gritam, de súbito:

— Não nades, desgraçado, que tu sofres do coração!

Se eu nadar, morro de uma síncope: se não nadar morro afogado.

Continuo a nadar.

Terça-feira, 23 de fevereiro de 1932 — Primeira noite em minha nova casa ou, melhor, na casa alheia em que tomei aposentos. Não fossem as minhas preocupações de ordem financeira, o temor de não transferir o contrato do prédio em que morava, e os tormentos da minha enfermidade em marcha, e eu me sentiria, mesmo no tumulto de outras contrariedades de minha vida, relativamente feliz.

A casa em que resido desde ontem corresponde a um velho sonho de meu espírito. Eu sempre tive uma profunda e comovida simpatia pelo Rio de Janeiro antigo, com as suas habitações vastas e confortáveis. E é a cidade de outrora que ressurge para mim. A rua em que moro, calçada a paralelepípedos, é quieta e antiga. Diante das três janelas da sala em que durmo, abrem-se duas outras ruas, uma das quais vai dar à praça São Salvador, cujo velho chafariz, de pedra colonial, se vê da minha cama. Em frente, uma austera casa senhorial que foi de José Carlos Rodrigues, aquece a sua senectude ilustre embrulhada num verde lençol de folhagem. E, lá no alto, por cima dos telhados escuros, a imagem do Redentor, espetada, ou equilibrada, no dedo gigantesco do Corcovado. Dentro, na casa, um dormitório amplo, ornado de móveis que tem iun século, e uma sala de biblioteca, forrada de madeira esculpida até dois metros acima do soalho, e que foi, talvez, sala de jantar de algum honrado fidalgo da monarquia. E, ao lado, sombreando a mesa em que escrevo, uma

trepadeira de largas folhas, que serve de cortina ao alpendre, estirado ao longo da casa. Na manhã enevoadada, bentevis cantam alto, pardais cochicham, falando mal dos pássaros grandes.

Tenho, enfim, aos 46 anos, o que desejava aos 27. Faltam-me, apenas, agora... os 27 anos!

Segunda-feira, 28 de março de 1932 — Da janela da minha sala e, mesmo, da minha cama, vê-se, lá em cima, no píncaro do Corcovado, a gigantesca imagem do Cristo Redentor, com os seus enormes braços abertos. À hora triste e meiga do crepúsculo, as nuvens do poente formam um fundo negro, no qual vai, aos poucos, desaparecendo a figura branca do Nazareno. Ao vê-lo assim, uma tristeza funda e dolorosa penetra a minha alma. Uma pena imensa me enlie o coração, como se se tratasse de um homem, de uma criatura viva, de súbito condenada a passar a noite sozinha naquelas alturas, ameaçada pelas tormentas do céu e pelos mil fantasmas da solidão.

E, não sei por que, me parece a mim, que o Cristo abre os braços, não para abençoar e proteger os homens, mas para pedir aos homens que o protejam, e que o não deixem assim, abandonado, no silêncio e na escuridão.

Terça-feira, 5 de abril de 1932 — Ao lançar uma rede à água, os pescadores deixam à superfície, apenas, pequenos discos de cortiça, que a sustentam, e que aparecem à flor das vagas como uma reticência ondulante. A rede, que esses discos denunciam, mergulha na profundidade.

Assim são as palavras para o pensamento. Os vocábulos são discos à superfície, revelando a rede do pensamento mergulhado no mistério, onde pesca as ideias, — peixes de ouro, miúdos, que faíscam ao sol, ou terríveis monstros do mar, que rebentam as malhas estendidas para os capturar e desaparecem, de novo, na imensidade do oceano...

Domingo, 17 de abril de 1932 — Na tarde doce e calada, quase à hora do crepúsculo, após alguns minutos de sono na casa quieta, chego ao terraço embrulhado em sombra e silêncio quando o rádio do prédio vizinho começa a lançar ao vento a melodia de uma serenata com as cordas mais graves de um violino solitário. A queixa é triste, funda e longa. Partículas da alma de Chopin ou de Beethoven erram no espaço, como pássaros de asas cansadas que

chegassem de longe e não encontrassem um ramo para pousar. E escutando a música dolorida, a impressão que tenho é de um coração que está sendo esmagado lentamente, impiedosamente, na cavidade de uma fina mão ou sob um pequeno pé, que ora se ergue perdoando, ora calca mais forte, com raiva, na volúpia de agravar o suplício. E o sumo desse fruto que assim se comprime e esmaga sem pena, é essa música de sangue, de soluço, e de pranto, que escorre pelo ar na tarde mansa e melancólica.